

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Lúcia Barrili

Brasileiros-poloneses:  
uma identidade construída nas comunidades de Casca e Santo  
Antonio do Palma - RS (1990-2010)

PASSO FUNDO, JUNHO DE 2011.

Lúcia Barrili

Brasileiros-poloneses:  
uma identidade construída nas comunidades de Casca e Santo  
Antonio do Palma - RS (1990-2010)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos Tedesco.

Sou grata a mim, por vencido o desafio de pesquisar um tema complexo mesmo diante de um momento difícil na minha vida. Aos descendentes, minha gratidão pela ajuda, convívio e confiança que tiveram comigo e com este trabalho. Obrigado Tedesco, pela inspiração inicial e orientação deste trabalho, sempre com calma e confiança. À Jenifer, pela ajuda e pelas palavras.

## RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar os elementos utilizados pelos descendentes de poloneses, dos municípios de Casca e Santo Antonio do Palma, RS, para construir sua identidade étnica e manter sua cultura. A partir da pesquisa de campo, foi possível identificar como elemento principal na construção da identidade, a Braspol - Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. Essa entidade possui núcleos nos municípios estudados, que promovem e divulgam atividades ligadas a cultura polonesa. As atividades de destaque - o Jantar Polonês, as oficinas de artesanato típico, o grupo de danças folclóricas e celebrações religiosas, visam o fortalecimento da cultura étnica nas comunidades de descendentes, que estava em processo de desvalorização e esquecimento. O êxito dessa iniciativa está na mobilização dos descendentes, principalmente de terceira e quarta geração, nas atividades promovidas pela entidade. Essas atividades possuem elevado caráter identitário, algumas inventadas, como a dança folclórica, recentemente incorporada ao repertório étnico, que objetivam a conquista do espaço frente ao ambiente multicultural em que se inserem. Mas essa identidade promovida pela Braspol possui características, notadamente da realidade local dos descendentes, de pequenos agricultores. Essa dinâmica rural é uma herança dos antepassados, que ainda é perpetuada através das gerações, e se manifesta na cultura como uma marca. É na área rural, nas capelas, nos lares de agricultores descendentes que a cultura polonesa ainda se mantém e luta para isso, com a ferramenta da memória, principalmente oral. Foram as memórias biográficas que possibilitaram acrescentar informações sobre o passado local, tanto histórico quando cultural, e compreender a memória evocada e também construída, em torno da polonidade dos descendentes. Essas diferentes memórias, uma familiar, cotidiana, e outra coletiva, identitária, mesmo que pouco valorizadas pelo grupo, demonstraram a separação e ao mesmo tempo interligação entre a cultura trazida pelos antepassados, espontânea, e a identidade promovida pela Braspol. Assim se constitui a construção da polonidade nas comunidades de Casca e Santo Antonio do Palma, motivada pela continuidade da cultura étnica.

**Palavras-chave:** etnia, invenção, memória, polonidade, regionalismo.

## STRESZCZENIE

Niniejsza praca dotyczy propozycji analizy elementów stosowanych przez potomków polskich emigrantów w gminach Casca i Santo Antonio do Palma, Rio Grande do Sul w Brazylii – celem podtrzymania identyfikacji etnicznej oraz zachowania swojej kultury. Po badaniu terenowym pojawiła się możliwość identyfikacji jako elementu głównego w budowie tożsamości Braspol – Reprezentacji Centralnej Społeczności Brazylijsko-Polskiej w Brazylii. Niniejsza organizacja posiada jednostki w miastach przebadanych, które promują i rozgłaszają działania na rzecz kultury polskiej. Do najważniejszych działań należą: kolacja polska, warsztaty rzemiosła ludowego, grupa tańca ludowego oraz nabożeństwa religijne – mają one na celu wzocnienie kultury etnicznej społeczności potomków polskich, która w ostatnim czasie doświadczała procesu osłabienia i zapomnienia. Sukces tejże inicjatywy polega na mobilizacji potomków, przede wszystkim trzeciego i czwartego pokolenia w działaniach promowanych przez organizację. Aktywności te posiadają wzniosły charakter tożsamościowy, niektóre utworzone jak taniec ludowy, od niedawna włączony do repertuaru etnicznego. Mają one na celu zdobycie przestrzeni w multikulturalnym świecie, gdzie się znajdują. Jednak tożsamość propagowana przez Braspol posiada wyraźne charakterystyki odnoszące się do rzeczywistości lokalnej potomków, składających się z rolników mających drobne gospodarstwa. Ta dynamika rolnicza jest spadkiem przodków, która ma ciągłość poprzez pokolenia i się wyraża w kulturze jako jej ślad. W przestrzeni wiejskiej, w kaplicach, w domach rolników, którzy są potomkami, gdzie stara polska kultura jeszcze się zachowuje, pamięć ustna usiłuje się być jej narzędziem. To pamięć bograficzna, która umożliwiła wzbogacenie informacji na temat lokalnej przeszłości, tak historycznej jak i kulturalnej oraz zrozumienie pamięci przywołanej, także budowanej wokół polskości potomków. Owe różne pamięci: rodzinna, codzienna oraz inna zbiorowa, tożsamościowa, mimo że mało dowartościowane przez grupę, wskazują podział i równocześnie połączenie między kulturą przyniesioną przez przodków, spontaniczną oraz tożsamość promowaną przez Braspol. W ten sposób buduje się polskość w społeczności w Casca i Santo Antonio do Palma, motywowana przez utrzymanie kultury etnicznej.

**Słowa kluczowe:** etnia, twórczość, pamięć polskości, regionalizm.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Localização dos municípios-objeto deste trabalho, destacados por mim, no mapa do Rio Grande do Sul.....	11
<b>Figura 2:</b> Águia Branca – símbolo da Polônia.....	19
<b>Figura 3:</b> Mapa da Polônia durante a partilha de 1795.....	23
<b>Figura 4:</b> Mapa da Região Turística Uva e Vinho, da qual participam os municípios de Casca e Santo Antonio do Palma.....	34
<b>Figura 5:</b> Segunda capela feita na Linha XV de Novembro – então distrito de São Luís da Casca, em madeira estilo polonês.....	40
<b>Figura 6:</b> Pe. Alexandre Studzinski com a mula que o levava para fazer o atendimento nas comunidades.....	41
<b>Figura 7:</b> Registro das primeiras zeladoras da capelinha.....	42
<b>Figura 8:</b> Foto de casamento de Elisabeta Iaroseski Rapkiewicz e Alexandre Rapkiewicz, setembro de 1944, uma semana após o casamento.....	46
<b>Figura 9:</b> Benedito Koakoski e Terezinha Modrak Koakoski chegando à casa dos pais dela para a festa de casamento.....	47
<b>Figura 10:</b> Casemiro Primel e Lurdes Kosvoski Primel são recepcionados com música ao chegar para a festa de casamento, em Santo Antonio do Palma Palma.....	48
<b>Figura 11:</b> Sociedade-Escola, possivelmente inauguração – São Luís da Casca.....	51
<b>Figura 12:</b> Mural de tecido bordado à mão em alusão ao brasão da polônia por ocasião da criação da sociedade polonesa na Geral Velha.....	51
<b>Figura 13:</b> Time de futebol da Sociedade Orzel Bialy - sem data. Foi o primeiro time de futebol do então Distrito de São Luís da Casca.....	52
<b>Figura 14:</b> Professor Edward Cichock à direita, alunos e o Pe. Josef Krause à esquerda em foto tirada na escola polonesa de São Luís da Casca – 1935.....	54
<b>Figura 15:</b> Fundação da Sociedade Orzel Bialy em São Luís da Casca.....	55
<b>Figura 16:</b> Capitel de Nossa Senhora de Czestochowa.....	59
<b>Figura 17:</b> Pessoas em procissão em frente à Capela de Nossa Senhora do Rosário, distrito de Montes Cárpatos, Santo Antonio do Palma.....	60
<b>Figura 18:</b> Mural da Cultura Polonesa .....	69
<b>Figura 19:</b> Vista parcial da Praça Municipal de Santo Antonio do Palma.....	69
<b>Figura 20:</b> Praça Municipal de Santo Antonio do Palma – em frente à Igreja Matriz têm uma queda d’água.....	70
<b>Figura 21:</b> Vista parcial da Praça Municipal de Santo Antonio do Palma, embaixo da passarela.....	70
<b>Figura 22:</b> Obelisco na Praça Central de Santo Antonio do Palma .....	72
<b>Figura 23:</b> Centro Agroecológico de Santo Antonio do Palma, na capela Santa Ana.....	73
<b>Figura 24:</b> Casa do agricultor Alceu Primel na capela Santa Ana, em estilo montanhês.....	73
<b>Figura 25:</b> Casal Alberto Powala e Antonia Guzikewicz, ambos à direita, em foto tirada no fim do século XIX, aproximadamente.....	80
<b>Figura 26:</b> Missões católicas na Linha XV de Novembro, capela de Nossa Senhora de Czestochowa, ou simplesmente Geral Velha, em 15 de dezembro de 1945. ....	81
<b>Figura 27:</b> Estragos causados pela passagem do ciclone na área central do então distrito de São Luís da Casca, em 21 de Junho de 1931.....	82

<b>Figura 28:</b> Ritual feito na casa de Bernardina Rewers Powala, em 26 de abril de 2010; seu marido Jorge estava com dor nas costas.....	84
<b>Figura 29:</b> Garrafinha de pedra âmbar em infusão de cachaça. As pequenas pedras avermelhadas se concentram no fundo. Pertence a Bernardina Powala.....	85
<b>Figura 30:</b> Nossa Senhora de Czestochowa – esta imagem é uma das que foram inspiradas no quadro que está no Santuário de Jasna Gora .....	92
<b>Figura 31:</b> Na casa de Maria Kazimirski, moradora da capela Nossa Senhora de Czestochowa, em Casca, o quadro da Madona Preta foi adornado com papoulas feitas em papel que ela e sua filha Josiane, de 14 anos, confeccionaram na oficina de artesanato típico polonês.....	93
<b>Figura 32:</b> “Santinho” com a imagem do falecido Papa João Paulo II e de Nossa Senhora de Czestochowa .....	94
<b>Figura 33:</b> O representante do Papa João Paulo II, no altar da missa organizada pela Braspol de Casca, na Igreja Matriz do município. ....	107
<b>Figura 34:</b> Fogueira feita para simbolizar o ritual do Ognisko.....	111
<b>Figura 35:</b> Mesa de café-da-manhã no dia da Páscoa na família de Marta Czarnobay.....	114
<b>Figura 36:</b> Mesa preparada para o almoço de Páscoa da família da Babcia (avó) Natália Gregoski .....	114
<b>Figura 37:</b> Oplátek – hóstia benta usada pelos descendentes para o rito de perdão e felicitações .....	118
<b>Figura 38:</b> Grupo Orzel Bialy apresentando uma dança com o novo traje Krakowiak, que é o traje nacional da Polônia.....	119
<b>Figura 39:</b> Inscrição em giz das letras iniciais dos nomes dos três Reis Magos, seguidas da data do ano. ....	120
<b>Figura 40:</b> Registro das 2000 unidades de pierogi feitas manualmente pelas voluntárias, no Jantar de 2010.....	123
<b>Figura 41:</b> Jovens integrantes do grupo de danças folclóricas Orzel Bialy, vestindo um dos trajes típicos, recepcionando os participantes do Jantar.....	124
<b>Figura 42:</b> Momento em que o público participa de uma bênção, feita pelo sacerdote antes do Jantar Polonês, na capela Nossa Senhora do Rosário, Santo Antonio do Palma, no dia 15 de março de 2008.....	125
<b>Figura 43:</b> Participantes do Jantar se servindo.....	129
<b>Figura 44:</b> Participantes da oficina de <i>hafty</i> , o bordado típico polonês, mostrando seus trabalhos.....	144
<b>Figura 45:</b> Oficina de pintura em tecido, com o desenho típico da menina e do menino em trajes folclóricos.....	145
<b>Figura 46:</b> Lepianka feita em objetos de madeira. Caixas, ovo de madeira e até um suporte para levar a bebida típica da identidade gaúcha, o chimarrão.....	146
<b>Figura 47:</b> Wycinanki alusivo ao Natal, com a árvore, a estrela e a sagrada família.....	147
<b>Figura 48:</b> Artesanato feito por Josiane Kazimirski na oficina de pintura em madeira.....	148
<b>Figura 49:</b> Um dos poucos exemplos de flor de papel ainda feita para o Dia de Todos os Santos, 1 de novembro.....	151
<b>Figura 50:</b> Apresentação do grupo Orzel Bialy durante o Jantar Polonês de Casca, no dia 30 de abril de 2005.....	154
<b>Figura 51:</b> Casa Polonesa, onde vive Ágata e sua família, que inclui seus pais, seu marido e os dois filhos.....	158
<b>Figura 52:</b> Mário e Maria Terezinha Kazimirski, no dia do casamento, no altar do oratório, com seus pais.....	160
<b>Figura 53:</b> Registro do capitel, antes da reforma de 2003, sem data.....	161

<b>Figura 54:</b> Ágata pintando o interior do oratório, em 2003. A imagem de Nossa Senhora de Czestochowa foi colocada em destaque, emoldurada pela pintura.....	162
<b>Figura 55:</b> Altar do oratório. No centro, a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, que lhe dá o nome.....	163
<b>Figura 56:</b> O capitel, após a reforma, ganhou até quiosque.....	164
<b>Figura 57:</b> Capela de Nossa Senhora do Rosário.....	166
<b>Figura 58:</b> Missa comemorativa ao cinqüentenário do município de Casca, no dia 30 de abril de 2005, na capela Geral Velha, antes do Jantar Polonês.....	170
<b>Figura 59:</b> Desfile das Etnias, na avenida central da cidade, comemorativo ao ano do cinqüentenário de emancipação do município de Casca.....	171



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 DA POLÔNIA PARA O RIO GRANDE DO SUL – COLONIZAÇÃO E COTIDIANO NAS COLÔNIAS POLONESAS DE CASCA E SANTO ANTÔNIO DO PALMA.....</b>	<b>19</b>
1.1 Polska – da criação à partilha .....	19
1.1.1 Aspectos da vida sob o domínio dos Impérios Prussiano, Austro-Húngaro e Russo.....	22
1.1.2 Os emigrantes “sem bandeira” cruzam o Atlântico.....	25
1.2 Colônias polonesas no Rio Grande do Sul .....	29
1.2.1 Colonização e aspectos principais das colônias polonesas da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul – 1890 a 1950 .....	34
1.2.2 Comunidade polonesa em Nova Prata e Vista Alegre do Prata .....	36
1.2.3 Presença polonesa na colônia Guaporé .....	37
1.2.4 A Colônia de São Luís de Casca .....	38
1.2.4.1 Manifestação da religiosidade durante a colonização .....	39
1.2.4.2 Aspectos da vida e desenvolvimento das comunidades. ....	43
1.2.5 Escola polonesa .....	49
1.2.5.1 Escola polonesa na Linha 15 de Novembro – São Luís da Casca.....	50
1.2.6 Vila de Santo Antônio .....	56
1.2.7 Religião, nacionalismo e cultura .....	58
<b>2 IDENTIDADE POLONESA E REALIDADE REGIONAL: ASPECTOS ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DA POLONIDADE .....</b>	<b>63</b>
2.1 Nacionalismo polonês .....	63
2.2 Casca e Santo Antonio do Palma, lugares de comunidades polonesas .....	66
2.3 A casa e a roça – presença da polonidade .....	74
2.4 Fé polonesa, padres e santos – religiosidade e polonidade.....	86
2.5 A campanha de nacionalização – dificuldades enfrentadas pela etnia polonesa.....	95
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA POLONIDADE – REPERTÓRIO IDENTITÁRIO DAS COMUNIDADES DE CASCA E SANTO ANTONIO DO PALMA.....</b>	<b>103</b>
3.1 Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-polonesa no Brasil .....	104
3.2 Páscoa – a simbologia no período de morte e renascimento .....	112
3.3 Natal – celebração religiosa e social através da partilha .....	115
3.4 Jantar Polonês – valorização e visibilidade da cultura pela abundância culinária.....	122
3.5 Guardiães da memória e álbum de família .....	131
3.6 <i>Godzina Polska</i> – a hora polonesa na rádio.....	137
3.7 Língua polonesa – o arcaico do cotidiano e o gramatical das oportunidades.....	138
3.8 Artesanato – a identidade visual da etnia polonesa .....	142
3.9 <i>Orzel Bialy</i> (Águia Branca) - grupo de danças folclóricas.....	153
3.10 Casa polonesa – preservando e divulgando a arquitetura dos antepassados .....	157
3.11 O autêntico – uma bagagem herdada e também adaptada.....	172

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>188</b>

## INTRODUÇÃO

Em tempos de globalização e de fim de fronteiras, o multiculturalismo ganhou força, e ao invés de uma homogeneização cultural, as culturas étnicas estão emergindo no cenário global. Tratando de etnias imigrantes, notadamente camponeses, os costumes e tradições, eram passados por herança, e vivenciados internamente no grupo, como forma de sobrevivência e pertencimento na cultura e lugar de origem. Mas agora, que o próprio multiculturalismo se tornou uma estratégia, e não somente sinônimo de convivência plural, como os grupos étnicos se posicionam?

Motivada por essa indagação, optei pela etnia polonesa, como objeto de estudo, que integra a realidade plural do município de Casca, situado na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Fruto de migrações internas de italianos e poloneses no fim do século XIX, esse pequeno município possui uma comunidade formada por descendentes de poloneses que ainda possuem uma cultura e identidade étnica manifestada. Para torná-lo mais abrangente, incorporei o também pequeno município vizinho de Santo Antonio do Palma, que foi distrito de Casca. A comunidade polonesa deste município possui metade do contingente populacional da cidade e uma reconhecida representatividade cultural e étnica, na cidade e fora dela. Dois municípios com uma história comum e realidades identitárias diferentes. Essa impressão inicial gerou muitas perguntas na delimitação do trabalho, e escolha foi feita pela essência do ‘problema’, a própria etnia polonesa. Ao estudar os descendentes de poloneses, sua cultura de origem e como ainda se faz presente na vida deles é uma possibilidade para compreender a posição adotada pela identidade étnica no espaço social e simbólico das cidades estudadas.



**Figura 1:** Localização dos municípios-objeto deste trabalho, destacados por mim, no mapa do Rio Grande do Sul.

Fonte: <http://maps.google.com.br> – acessado em junho/2010.

A pesquisa de campo é a essência deste trabalho. Para desenvolvê-lo, precisei conhecer a cultura dos descendentes e interagir com eles. Para isso, o primeiro passo foi entrar em contato com eles, e então busquei por alguém ligado à Braspol. Já nesse primeiro passo, eu estava diante do posicionamento da etnia polonesa local, identificado por uma entidade representativa. Ciente disso, o cotidiano não se tornou, por si só, o tema central, porém, surpreendentemente, alguns descendentes com que conversei, orientaram-me, de imediato, a procurar por esta ou aquela pessoa, integrante da Braspol, por receio de “não saberem muito” sobre a cultura polonesa, ou porque pensaram que a memória de família ou manifestações no cotidiano não tinha muito valor. Como contraponto e por corroboração, o cotidiano e o passado também são necessários. Visitei alguns lares, apenas dois na área urbana, e entrevistei pessoas em busca de elementos da cultura polonesa ainda mantida em casa, necessário para a pesquisa. Então, sempre que saía a campo, tinha uma pergunta em mente: quais os elementos que os descendentes poloneses utilizam para construir sua polonidade? Um primeiro elemento característico que descobri foi o ambiente rural, a etnia polonesa orbita em torno dele. Lá, no interior do município, tive o primeiro contato com as ritualizações e a cultura no espaço doméstico. A comida, a inscrição de giz, a imagem da Madona Preta e do Papa João Paulo II fazem parte da cultura no cotidiano. Mas outra parte igualmente importante para os

descendentes poloneses são os eventos e atividades que objetivam a visibilidade da cultura para os outros e para si próprios, através de laços de pertença e auto-estima. Esse novo repertório inclui evento gastronômico, artesanato, dança folclórica, intercâmbio entre poloneses e brasileiros. Interessa saber também porque esse repertório foi incluído ao acervo da cultura, que era assegurado pela continuidade e também espontaneidade?

Eu freqüentei as oficinas de artesanato orientadas pela artesã Kariane, de Nova Prata. Era um meio de conhecer a teoria e a prática do artesanato polonês, bem como seu público, e assim foi com todas as atividades de promoção da cultura polonesa em que participei. Descobri dessa forma muitos pontos de discussão na construção da identidade polonesa local. Uma das atividades oferecidas no artesanato era o *pisanki*, o ovo decorado típico polonês. Esse método de decorar o ovo por ocasião da Páscoa, tradicional da cultura polonesa, difere muito do ovo pintado com casca de cebola ou com a técnica da cera de abelha, estes sim métodos tradicionais feitos ainda hoje nas famílias de descendentes. O Jantar Polonês de Santo Antonio do Palma e de Casca, na qual participei, são eventos que dão visibilidade à cultura polonesa através da culinária. Tive oportunidade de observar a organização do Jantar e estabelecer contato com outros descendentes, mobilizados para o sucesso do evento. Nesses encontros, participam em grande número descendentes de italianos, entre outros. Misturam-se o sagrado e o profano, antes do Jantar, reza-se. Assim também se organiza o *ognisko* (fogo), mais conhecido como pão com lingüiça. Nesse evento específico, é celebrada uma missa antes de ser oferecido o pão com lingüiça assada, e o número de pessoas é reduzido. Este, entre outros elementos, como a dança folclórica, promovida pelo grupo de danças *Orzel Bialy* (águia branca), foi incorporado ao repertório das comunidades polonesas após a criação da Braspol.

Participei também de missas importantes para a comunidade polonesa, entre elas a missa de Reis, do dia 6 de janeiro, onde o sacerdote abençoa o giz; no dia 26 de agosto, dia de Nossa Senhora de Czestochowa, considerada a Rainha da Polônia, e a Santa de devoção mais importante entre os descendentes, e missas ocasionais no capitel de arquitetura polonesa situado na divisa entre os municípios estudados. Nessas ocasiões, a presença do pároco de Santo Antonio do Palma é fundamental, porque ele é polonês e pertence à congregação da Sociedade de Cristo para os poloneses emigrados, cuja missão é justamente atender a comunidade polonesa inclusive na sua cultura religiosa específica. A partir desse fato, descobri uma tradição importante da comunidade polonesa de Casca e Santo Antonio do Palma, a assistência religiosa feita por poloneses vindos da Polônia, ou descendentes.

Essas duas situações, cotidiana e especial (porque ocorre em datas específicas), têm valores diferentes para a cultura e identidade polonesa local. Devido ao esmorecimento da cultura no cotidiano, como relatam os descendentes, era preciso reagir, pois os costumes e tradições estavam se perdendo. Como suporte para estimular a preservação da cultura, foi criado um núcleo da Braspol, em 1990, que é uma entidade ocupada com a preservação e divulgação da cultura polonesa no Brasil e fora dele. Os núcleos formados em Casca e Santo Antonio do Palma tornaram-se mediadores dessa expectativa nutrida por alguns descendentes. Diante desse fato, uma nova questão se mostra: qual a importância dessa entidade para a manutenção da cultura polonesa nos municípios estudados? Nesse momento, a cultura polonesa nos locais estudados passou a ter um “porta-voz”, assumindo a desvalorização da herança cultural passada de geração para geração.

Grande parte dos entrevistados é ligada ao movimento étnico, pertencem à atual diretoria, ou já fizeram parte, mas continuam participando de alguma forma. Foi um grupo prioritário porque a Braspol, como já mencionei, tem a postura de “porta-voz” da cultura e identidade polonesa, sendo referência entre os próprios descendentes como depositária dos bens simbólicos do grupo, tanto materiais, como fotos e informações históricas, e valores como fé e trabalho manifestados no âmbito coletivo e individual. Um fato interessante nesse grupo de entrevistados é o domínio das mulheres e da terceira ou quarta geração de descendentes dos imigrantes. Professoras de artesanato, artesãs, professora de língua polonesa, voluntárias dos eventos gastronômicos. Atuam como agentes culturais, promovendo, pesquisando e divulgando, e mantenedoras da cultura no cotidiano. Os entrevistados que não tinham vínculo com a Braspol, nem com suas atividades, contribuíram com relatos e acervo fotográfico, notadamente do passado. Todos os depoentes têm ligação com a terra, atualmente são agricultores, ou já tiveram essa ocupação (o casal Sobieski, aposentados, moram no Centro de Casca há mais de 20 anos). Comum também fazer trabalho de campo não foi tarefa fácil, assim como toda a pesquisa histórica sobre a Polônia e a imigração polonesa. Tudo era novo para mim, mas contei com a compreensão dos descendentes, porque para uns foi um susto, para outros uma surpresa, uma pesquisadora de origem italiana escrever sobre a cultura polonesa e os poloneses.

Igualmente necessário foi o apoio das associações polonesas das duas cidades, a Braspol, porque são elas que, principalmente, preservam e divulgam o patrimônio da cultura polonesa. A história local está sendo escrita informalmente por integrantes dessas associações, e esse material está disperso em folders, folhas, fotos sem data e relatos orais por vezes nunca documentados no âmbito científico ou oficial. Assim, faço desta dissertação também um meio

de valorizar as iniciativas e o patrimônio da cultura, reunindo fotos, fatos, relatos e investigações, “num lugar só”, num desejo há muito tempo alimentado pelos descendentes de ambos municípios, que anseiam pelo seu lugar reconhecido na história local e da imigração polonesa no Rio Grande do Sul.

Uma discussão interessante surgiu logo após o início desse trabalho. O termo “polaco” atualmente está retomando o espaço perdido para o preconceito e ofensa com que era associado. Existe um debate sobre o termo “polaco”, suscitado pelo jornalista, escritor e doutorando pela Universidade Jaguileônica de Cracóvia, Ulisses Iarochinski. Segundo ele, brasileiro nascido em Curitiba, é correto dizer “polaco”, exatamente como era na época do desembarque dos imigrantes no Brasil, no fim do século XIX. No livro “A saga dos Polacos”<sup>1</sup>, ele diz que o termo “polonês” começou a ser utilizado desde a Primeira Guerra Mundial, derivado do francês ‘polonais’, que se pronuncia ‘poloné’. O motivo essencial para a mudança foi o tom pejorativo que o termo “polaco” passou a ter depois de ser associado ao aspecto físico de louro, loira, porque as prostitutas suecas enviadas para o Rio de Janeiro eram loiras, assim com todas as loiras do Sul do Brasil eram consideradas “polacas”.

Eu optei por utilizar o termo “polonês”. O foco deste trabalho é a construção da identidade, e os descendentes se reconhecem como “poloneses”. É o termo comum entre os próprios para se identificarem etnicamente, mesmo que para alguns descendentes ligados ao movimento étnico não há problema algum, o termo “polaco” já não remete à ofensa ou preconceito. Faço o uso também do termo generalista “descendentes”, para me referir ao grupo étnico.

Na pesquisa sobre a identidade dos descendentes de italianos, Oro diz que o suporte dessa identidade “[...] não foi historicamente, nem é no presente, um processo homogêneo, pois varia segundo os grupos sociais, as microrregiões e as circunstâncias históricas.”<sup>2</sup> Essa afirmação se tornou uma das justificativas deste trabalho. A pesquisa, inicialmente, contava apenas com afirmações simplistas como ‘plantavam centeio, comiam batata, era pobres e analfabetos, receberam as piores terras.’ No decorrer do trabalho, pude retratar a cultura polonesa local, que mostrou ter nuances, diferenças das afirmações generalistas que citei. Como era insuficiente a bibliografia dedicada à presença polonesa nas duas cidades escolhidas, aumentou o interesse e o desafio, e à medida que o trabalho avançava, a dificuldade em encontrar um suporte histórico-documental se tornou dramática. Além de

---

<sup>1</sup> IAROCHINSKI, Ulisses. *A Saga dos Polacos*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.

<sup>2</sup> ORO apud BONI, Luís de (Org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes, vol III, 1996, p. 626.

poucos, os livros escritos sobre a imigração polonesa no Rio Grande do Sul estão dispersos, alguns a ponto de se tornarem inacessíveis, assim como outros livros da história polonesa no Brasil, e da história da Polônia traduzido para nosso idioma. Busquei bibliografia na internet, como forma de suprir, pelo menos em parte, a história do passado, e também da própria cultura, para ampliar o estudo a partir de discussões já feitas sobre a etnia polonesa. A internet foi suporte também para a busca de mapas, informações sobre os municípios e base teórica.

Para analisar a polonidade nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma é preciso conhecer o passado para entender o presente. Mas é o processo inverso que originou a problematização central deste trabalho: atualmente, como os descendentes fazem a construção da sua identidade e a manutenção da cultura? Para ajudar a responder essa indagação, está a memória, que “[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”<sup>3</sup> Foi justamente num período de angústia pelo esmorecimento da cultura que se criou uma mobilização para reverter essa situação. Os ritos, abundantes na cultura polonesa, também se mostraram fundamentais para a identidade de grupo, tanto que se destacam no repertório da cultura, e se tornaram conteúdo central desse trabalho. Segalen diz que os ritos não morrem, apenas ficam esquecidos, “e assim ressurgindo, podem contribuir para revivificar ou engendrar as formas identitárias e os processos sociais requeridos pelas situações “contemporâneas.”<sup>4</sup> Como exemplo é o rito da partilha da hóstia benta, feito por ocasião do Natal. Há uma tentativa de generalizá-lo novamente, que está tendo êxito.

Mas de qual memória é feita a polonidade de hoje, a qual memória busca os descendentes que hoje que revivem tradições passadas, inventam outras e lutam para mantê-las? Para buscar esse e outros entendimentos a memória oral é o suporte local. A herança cultural é transmitida pela interação familiar e coletiva através da palavra. Por isso, ao discutir a oralidade, Peter Burke<sup>5</sup> considera que ela possibilita a pessoas comuns relatarem suas experiências pessoais, e ao fazerem isso, contribuem para o entendimento de um processo que também é coletivo, principalmente quando se fala no contexto histórico. Assim, com os depoimentos foi possível reconstruir parte da história local e da cultura. Os depoentes contaram sobre as tradições e costumes de sua infância e juventude, de seus pais e avós, e a

---

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p.469.

<sup>4</sup> SEGALLEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.11.

<sup>5</sup>BURKE Apud REIS, Glória. Arte, memória e cidades: espaços de vivências coletivas e temporalidades em movimento. In: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de (Coord.) *Nação e identidade: ensaios em literatura e crítica cultural*. São João del-Rei: Ed. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2007, p.220.



partir da experiência pessoal acabavam por escrever a história da cultura polonesa. Além da oralidade, outro suporte teve vital importância para este trabalho, o acervo fotográfico. As fotografias foram muito utilizadas, tanto do passado quanto do presente. As fotos são como testemunhos, até inéditos, por exemplo, de casamentos passados e seus rituais específicos, entre eles “a cuca da noiva”, ou o *Oplátek*, a hóstia benta partilhada no Natal.

A etnicidade, proposta por Elzbieta Budakowska<sup>6</sup> se ampara na abordagem sociológica, classificando a etnicidade como uma categoria de identidade social ou pessoal. O entendimento que se busca é, se mesmo diante de uma sociedade integradora, as diferenças étnicas se mantêm, ao mesmo tempo em que estão sujeitas a mudanças ou a novas divisões grupais. Portanto, mesmo que atuante, a etnicidade não é fixa nem definitiva, e devem tomar por base vínculos simbólicos. A questão que a autora propõe, também é a discussão deste trabalho, ou seja, discutir a etnicidade já pressupondo que ela não seja imutável, que neste caso é fruto de uma imigração, que já passou por uma adaptação quando se estabeleceu no Brasil. E diante disso compreender os elementos constituintes da identidade que são mantidos, os que mudaram e os que se integraram nessa identidade étnica polonesa mediada por um movimento étnico.

Por vínculo simbólico também se constitui a polonidade, meu tema central. A polonidade, como identidade da etnia polonesa, se constitui, nos municípios de estudo, numa identidade vinculada à herança dos antepassados, baseada na fé, no patriotismo e na cultura herdada. Ruy Wachowicz<sup>7</sup> discutiu essa separação entre nacionalismo e polonidade, que aprofundo no segundo capítulo. A cultura pode ser entendida “como um conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um determinado grupo social, a partir de sistemas simbólicos que o tornam distinto dos demais, conferindo-lhe características singulares.”<sup>8</sup> A identidade cultural se origina a partir do contraste entre essas características singulares e grupo social.<sup>9</sup> Observei que a cultura se manifesta notadamente na espontaneidade, no cotidiano, e nos ritos herdados. Quando o grupo se reúne num evento que promove ou fortalece a herança étnica, ou faz um artesanato polonês para ser exposto ou vendido como tal,

---

<sup>6</sup> BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Dimensões contemporâneas da etnicidade: individualismo versus coletividade*. N.2 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.

<sup>7</sup> WACHOWICZ, Ruy Cristovam. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba, Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.

<sup>8</sup> NETO, Helena Brum. BEZZI, Meri Lourdes. *Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Dez.2008. p.135-155.

<sup>9</sup> NETO, BEZZI, 2008.

temos a identidade, que nasce da oposição ao outro. De que forma as comunidades polonesas lidam com essa nova divisão do grupo, surgida pela influência do movimento étnico? Existem forças às vezes antagônicas dentro do próprio grupo, onde se questiona a legitimidade, a incorporação da cultura brasileira e da Polônia atual, numa perspectiva de reivindicação da identidade e de seu espaço simbólico mediante a seleção do que será mostrado e difundido como cultura polonesa dos descendentes de Casca e Santo Antonio do Palma. Falo em “cultura polonesa” para me referir à cultura dos descendentes de poloneses. Pela diferenciação dos conceitos, no decorrer do texto escrevo “cultura e identidade polonesa”, e por vezes destaco uma ou outra.

Assim podem ser definidas as comunidades polonesas em estudo, que mantêm rituais feitos por seus antepassados, alguns pouco mudados, outros ressignificados, e que compõem sua polonidade. Porém a autora Zilá Bernd<sup>10</sup> faz uma discussão quando ao termo “reatualização”, em que questiona a utilização do prefixo ‘re’, que tanto remete a um movimento para trás, como repetição ou reforço. No contexto utilizado por Létourneau na citação acima, Zilá reforça que reatualização é empregada no significado de retorno, repetição e nostalgia. No decorrer do terceiro capítulo deste trabalho, vai ser possível verificar quais rituais são repetidos, num sentido de continuidade começado pelos antepassados imigrantes, e o que está sendo feito por nostalgia ou retorno. Outro aspecto do termo reatualização, observa Zilá, é a imobilidade, que pode gerar uma atitude defensiva. Por isso ela propõe a utilização de termo “transculturalismo”. Embora não tenha excluído o prefixo “re” deste trabalho, optei por falar em “construção” da identidade, porque o termo “reconstrução” implica num senso comum depreciativo, reconstruir a partir de ruínas, fragmentos. E a cultura polonesa, como será mostrada no trabalho, mantêm laços de continuidade, embora esparsos, que estão sendo novamente generalizados pela iniciativa do movimento étnico.

O trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro, o passado, histórico e cultural; o segundo capítulo, com os personagens, significados e conseqüências que se manifestam no presente, e o terceiro capítulo em que os rituais e o cotidiano são lugares das construções culturais e identitárias. O primeiro capítulo é o lugar do passado, que também se manifesta no presente pela continuidade histórica e cultural. Desde a vida na Polônia repartida politicamente, uma das causas da emigração polonesa, até a vida nas cidades-objeto deste trabalho, fiz um pequeno panorama, destacando alguns pontos e provocando questionamentos, pela relevância com a idéia central, a polonidade. Os aspectos políticos e culturais da partida,

---

<sup>10</sup> BERND, Zilá. Os deslocamentos conceituais da transculturação. In: \_\_\_\_\_. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003, p.17-25.

a memória dolorosa que permeia as lembranças da emigração, os exageros nas narrativas de ignorância e precariedade em terras brasileiras; o estabelecimento nas cidades de Casca e Santo Antonio do Palma e aspectos culturais e da vida cotidiana.

No segundo capítulo, vou abordar alguns aspectos atuais das cidades estudadas e o como a etnia polonesa ocupa o espaço cultural, as características das comunidades polonesas locais, como o ambiente rural e a importância do cotidiano, num cenário de isolamento, e os aspectos culturais identitários ainda presentes. Alguns elementos culturais principais como a religiosidade e a língua, e os aspectos históricos que lhes conferiram importância. Nesses aspectos identitários se encontra a assistência religiosa feita por um sacerdote vindo da Polônia, justamente para atender aos descendentes poloneses. A campanha de nacionalização de Getúlio Vargas, notadamente durante a Segunda Guerra Mundial, também é um fato que marcou a história e a memória dos imigrantes e descendentes. Apresento alguns destaques da Campanha, como a perseguição étnica, e relatos dos efeitos do evento nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma.

No terceiro e último capítulo, pretendo abordar a construção da polonidade, espontânea ou promovida, através das manifestações culturais como jantares típicos, festas religiosas, artesanato, arquitetura, dança folclórica e culinária. Algumas delas, as festas religiosas, ainda estão incorporadas no cotidiano, como a Páscoa e o Natal, e o artesanato correspondente à data, o ovo pintado. A culinária também é conservada, através dos pratos simples e tradicionais perpetuados pelos imigrantes, com destaque a *czarina*, sopa feita com carne e sangue de pato, e outros igualmente típicos, o *pierogi* (pastel de ricota), *ponscki* (bolinho frito doce ou salgado), repolho, pepino em conserva, cuca e carnes. Essa culinária típica é utilizada para uma festa étnica, o Jantar Polonês, realizado anualmente em ambos os municípios, compondo com outros elementos, o artesanato mais desenvolvido e a dança folclórica o repertório de manifestações atualizadas da cultura polonesa. Todas essas manifestações são também documentadas pela fotografia, um documento histórico, tanto coletivo que familiar, o qual mostra as festas, o cotidiano, a religiosidade, fazendo parte do repertório da memória pessoal e do grupo. Por isso, a fotografia também teve espaço de discussão neste último capítulo.

## 1 DA POLÔNIA PARA O RIO GRANDE DO SUL – COLONIZAÇÃO E COTIDIANO NAS COLÔNIAS POLONESAS DE CASCA E SANTO ANTÔNIO DO PALMA

Esse primeiro capítulo analisa as principais características históricas da Polônia, suas origens, aspectos políticos e econômicos até os princípios da emigração em massa para o Brasil, a partir de 1875. Aborda também a colonização e vida polonesa nos núcleos de Casca e Santo Antônio do Palma, na Encosta Superior do Nordeste. Esses elementos são necessários para compreender a etnia polonesa em sua história política e cultural tanto na Polônia como nessa porção do Rio Grande do Sul. A construção da polonidade se utiliza da história passada, por isso precisamos conhecê-la.

### 1.1 Polska – da criação à partilha



**Figura 2: Águia Branca – símbolo da Polônia**  
Fonte: Braspol de Casca.

Conta a lenda que viveram em priscas três irmãos eslavos: Lech, Czech e Rus. Esses três aventureiros empreenderam uma grande viagem, e depois de longa caminhada, resolveram descansar. Foi quando Lech avistou nas proximidades, um ninho com águias brancas, e disse: Este é o sinal. Devo ficar aqui com minha família. E assim foi. Mas seus dois irmãos continuaram a jornada. Lech fez morada perto do ninho das águias brancas, fundando a cidade de Gniezno. A palavra Gniezno deriva de gniazdo que quer dizer ninho. Lech escolheu para brasão de sua família a Águia Branca e passou a ser considerado o pai da Nação Polaca. O mesmo destino estava reservado para seus irmãos. Czech tornou-se pai dos Checos; e Rus, o pai dos Russos.<sup>11</sup>

“Polska” (Polônia) é um nome derivado etimologicamente de ‘pole’, que significa terra fértil para cultivo. Foram estes, os ‘Polanie’, os primeiros habitantes a se fixar nessa região.<sup>12</sup>

O começo da “Nação Polaca” ocorreu com a formação do Estado dos polanos, conhecidos pelo significado do nome ‘polano’, que é ‘cultivar a terra para a lavoura.’ Nessa região, norte da Polônia, surgiu o primeiro reinado polonês, em 966, governado pelo rei Mieszko I. A fé católica entrou na Polônia foi influência do casamento de Mieszko I, que era pagão, com a princesa católica Dobrava da Bohêmia.<sup>13</sup> Nessa época, os poloneses eram pagãos, e o cristianismo como imposição não foi facilmente aceito: “os sítios de culto pagão eram destruídos e nos maiores tratavam de construir catedrais cristãs.”<sup>14</sup> Wenczenovicz diz ainda que “a Igreja também se esforçou para atribuir um caráter cristão a muitas festas e ritos tradicionais da Antiguidade Pagã. Esse processo de cristianização dos costumes avançou lentamente e durou vários séculos.<sup>15</sup> A adoção fervorosa ao catolicismo encontra explicações geográficas para tal:

O fato de se situar a meio caminho entre o oeste e o leste, sentindo-se ameaçada por ambos, e de também ser o divisor de águas entre o Sacro Império Romano-Germano ao Ocidente, do Czarado de Moscou ao Oriente, tendo ainda por perto a presença do sultão de Istambul nos seus limites meridionais, é a explicação mais convincente do ardoroso abraço dos poloneses à sua fé na religião cristã e sua lealdade à Roma.<sup>16</sup>

<sup>11</sup> IAROCZINSKI, Ulisses. *Saga dos Polacos*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000. p. 16

<sup>12</sup> WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos Peraus do rio das Antas*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976. p. 43.

<sup>13</sup> IAROCZINSKI, Ulisses, 2000. p. 17

<sup>14</sup> apud LALIK, Tadeusz. *Panorama histórico de Polônia*. Varsóvia: Interpress Varsóvia, 1983. p. 26  
in WENCZENOVICZ, Thais Janaína. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Universidade de Passo Fundo, 2002. p. 30

<sup>15</sup> WENCZENOVICZ, Thais Janaína. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Universidade de Passo Fundo, 2002. p.30

<sup>16</sup> SCHILLING, Voltaire. *Polônia: a luta pela liberdade*. In: Caderno de historia do memorial do rio grande do sul. Editado pela Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do sul e pelo Memorial do Rio grande do Sul. p. 02. Sem data.

Como Estado Polaco foi reconhecido entre os reinos da Europa em 1025, sendo o primeiro Rei Boleslaw, filho de Mieszko I. O regime feudal alimentava a nobreza polonesa, conhecida como *Szlachta*, originária da tribo *Sarmata*, de virtudes cavaleiras. Embora não estivesse ligada à etnia ou religião, virou característica nacional, aceita por todas as classes sociais.<sup>17</sup> A hierarquia social, excluindo-se o clero e Rei, era dividida entre a nobreza e seus servos, os camponeses, em sua maioria. Não havia uma burguesia urbana sólida, o que acentuava o poder dos nobres e a desigualdade social. Nas palavras de Kula, a vida polonesa era “uma economia agrária sem acumulação”, e apresentava características definidas, entre elas:

predomínio absoluto da agricultura na economia do país; somente membros da *Szlachta* podiam ter a propriedade da terra; entre essa nobreza havia forte propensão ao consumo de luxo; havia barreiras institucionais que limitavam a mobilidade social e geográfica (a servidão da gleba).<sup>18</sup>

O século XVI é conhecido como o “século do ouro”. A aproximação com cidades-estado da península Itálica influenciou a cultura polaca. Nobres poloneses estudaram em universidades italianas e artesãos peninsulares deixaram marcas na arquitetura da Polônia. As influências latinas atingiram a língua polaca, cuja alfabetização atingia um quarto da população; uma taxa única em toda a Europa. Na prática religiosa, a Polônia tolerava o número crescente de não-católicos, e se transformou no país cujo convívio pacífico entre religiões era exceção. A vanguarda polaca ainda criou o primeiro Congresso da Europa, o Sejm, em 1493.<sup>19</sup> Porém esse princípio de democracia sofreu abalos com a adoção do *liberum veto*, a partir de 1652. Assim, “lançando mão do poder de veto podia paralisar o poder executivo. Deste modo, ao enfraquecer o braço do rei, pouca coisa podia esperar-se de ele ser eficaz em realizar boa guarda das fronteiras nacionais.”<sup>20</sup> Por volta dos séculos XVII e XVIII, a Polônia experimentou uma forma de República aliada à nobreza. A Grande Polónia possuía uma população de 2,5 milhões de habitantes, entre poloneses, germânicos, judeus, tchecos, húngaros e habitantes da península Itálica. Porém, neste século, o país foi dividido em vários ducados. Sofreu disputas, invasões, estabeleceu alianças e enfrentou guerras por causa de territórios.

---

<sup>17</sup> SCHILLING, p.05.

<sup>18</sup> SCHILLING, p.08.

<sup>19</sup> IAROCHINSKI, 2000, p. 20.

<sup>20</sup> SCHILLING, p. 03.

O ideal de democracia estabelecido pelo *Sejmn* não foi bem usado pela nobreza detentora de poder, e as disputas internas enfraqueceram o Estado, com essa mesma nobreza fazendo negociações internacionais envolvendo o trono, e assim abrindo a porta para os interesses de domínio dos Impérios Prussiano-Alemão, Austro-Húngaro e Russo. Em 1772, começou a partilha, sendo criada e implantada a primeira constituição republicana da Europa. Em 1795, a Polônia foi partilhada politicamente por esses três vizinhos de fronteira. O Rei Stanislaw August Poniatowski abdica do trono em favor dos invasores, e a Polônia deixa de ser um Estado para ser uma nação dominada, e assim permanecendo até o fim da Primeira Guerra Mundial.<sup>21</sup> A Polônia se torna república em 11 de novembro de 1918.

### **1.1.1 Aspectos da vida sob o domínio dos Impérios Prussiano, Austro-Húngaro e Russo**

O campesinato polonês, tanto sob o domínio prussiano como sob os outros domínios, vivia num sistema social altamente hierarquizado. Numa aldeia, as classes sociais eram nítidas e sua mobilidade muito reduzida.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> IAROCZINSKI, 2000, p. 22-23.

<sup>22</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba, Fundação Cultural Romário Martins, 1981. p.28.

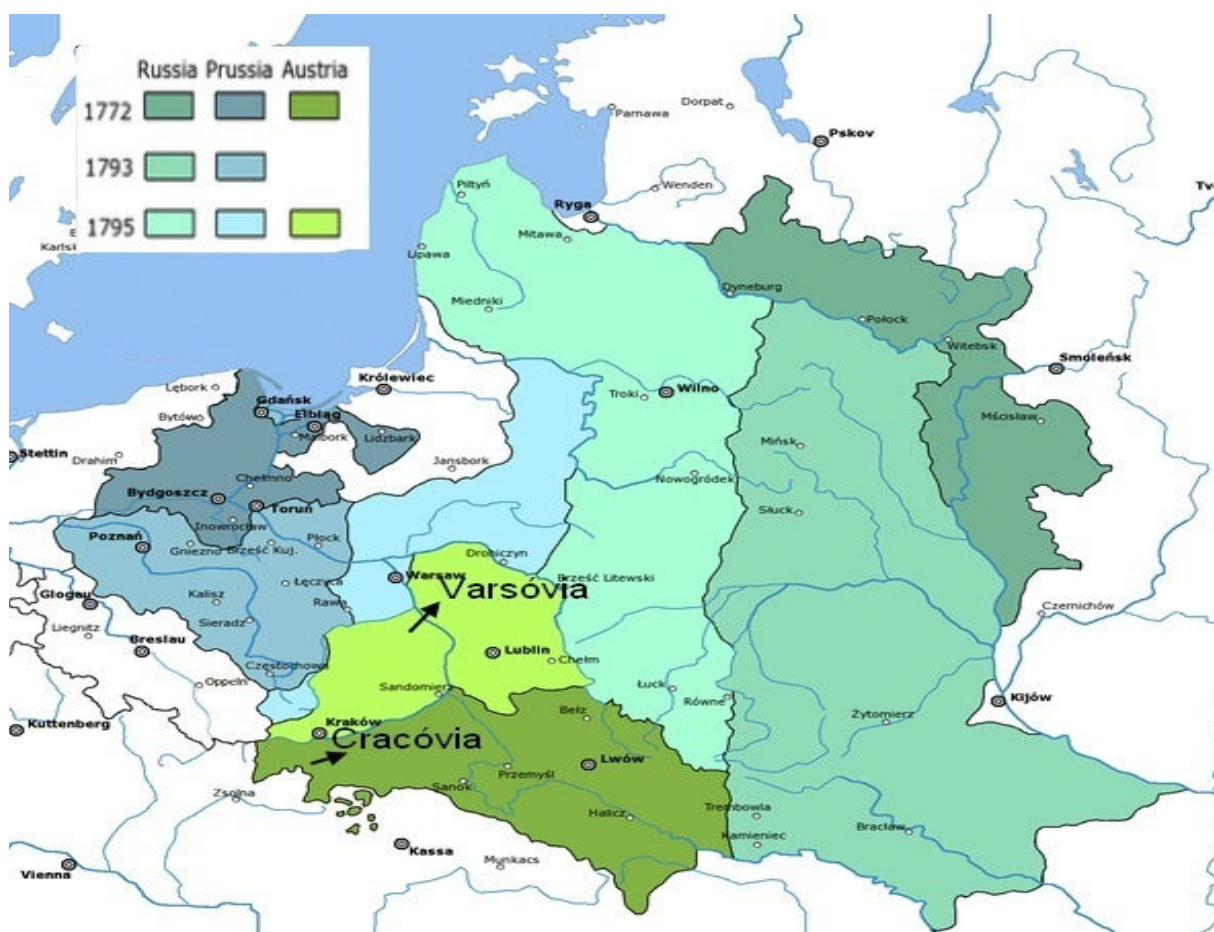


Figura 3: Mapa da Polônia durante a partilha de 1795. Observam-se as sucessivas incorporações do território pelas potências ocupantes entre 1772 e 1795. As setas, feitas por mim, sinalizam a localização da atual capital da Polônia, Varsóvia, e outra importante cidade Cracóvia.

Fonte: [www.wikipedia.com.br/polonia](http://www.wikipedia.com.br/polonia)

Os Prussianos, que ocupavam a parte mais rica da Polônia, a Posmânia, Pomerânia e Silésia no norte e oeste, criaram o Ducado de Poznan, governado por um nobre polonês. O alemão e o polonês eram as línguas oficiais. A autonomia foi perdida em 1830, abrindo caminho para o processo de germanização dos poloneses, o que ocorreu a partir de 1870, com a reunificação dos estados alemães. Essas medidas faziam parte de um projeto mais amplo: [...] na Alemanha da década de 1870 um amargo conflito entre Igreja e Estado tornou-se conhecido como “a luta pela cultura” (*Kulturkampf*) ou, como dizemos hoje, “guerra cultural”.<sup>23</sup> Liderada por Otto Von Bismarck, que estava movido pelo ressentimento que essa potência tinha diante dos russos pela perda de territórios poloneses, o povo polonês passou a ser um intruso, e Bismarck colocou em prática, junto com seus vizinhos de ocupação, medidas

<sup>23</sup> BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p.15 e 17.



para enfraquecê-los e expulsá-los.<sup>24</sup> Como medidas dessa ‘guerra cultural’, proibiram o uso da língua polonesa nas escolas; substituíram os nomes poloneses de ruas, praças, montanhas e sobrenomes de pessoas; proibição de sermões católicos em polonês, censura da imprensa polonesa e venda obrigatória das terras agrícolas aos ocupantes (Comissão de Colonização). A perseguição religiosa impunha a conversão dos católicos em protestantes. Porém a escola era imposta a todos, por isso os imigrantes dessa região eram em sua maioria alfabetizados, mas em alemão.<sup>25</sup> A língua materna era aprendida em casa.

Mas a *kulturkampf* não atingiu totalmente seus objetivos: “Desenvolvia-se uma resistência passiva contra as tentativas de assimilação lingüística e cultural.”<sup>26</sup> Esse projeto alemão com o passar dos anos foi caindo no esquecimento.

Os russos ocuparam a maior parte das terras polonesas, a central e leste, criando o Reino da Polônia, tendo Varsóvia como a capital e o polonês como língua oficial. Com o levante frustrado de 1830, a situação mudou. A autonomia foi limitada, e a Rússia pouco a pouco introduzia seu sistema administrativo, monetário e cultural. A partir de 1870, o russo passou a ser a língua oficial, e o Reino virou um ‘Estado nas margens do rio Vístula’.<sup>27</sup>

Mudou o governo, mudaram as leis, foi proibido o idioma polonês nos atos oficiais; impuseram a Igreja Ortodoxa; também eliminaram o idioma das escolas e negaram aos poloneses o direito de ocuparem cargos na administração.<sup>28</sup>

A vida em terras dominadas por Austríacos, e a partir de 1867, por Austro-húngaros era mais branda, por não haver restrições à cultura polaca, nem à prática da religião (isso ocorreu após o abandono da política de germanização). Mas vedou o ingresso de poloneses na administração e aumentou os impostos. Ocupou a parte sul e sudeste e deu-lhe o nome de Galícia Ocidental, onde o maior centro era Cracóvia, e a Galícia oriental, em Lwów, hoje na Ucrânia. Ao contrário dos outros Impérios, cedeu a autonomia dessa região para os poloneses em 1860, permitindo a administração polaca. Abrigou a maior parcela da população polonesa, cerca de 16 milhões. A região se tornou a pior das áreas invadidas com o atraso econômico e a concentração de terras nas mãos de grandes proprietários. A pequena industrialização não oferecia garantias para a população crescente, deixando espaço para a miséria avançar. Ao

---

<sup>24</sup> IAROCHINSKI, 2000, p. 64.

<sup>25</sup> IAROCHINSKI, 2000, p. 64.

<sup>26</sup> WACHOWICZ, 1981, p.28.

<sup>27</sup> SYRYCKI, Krzysztof. *Zabory: as terras anexadas*. Texto publicado no site do Centro de Estudos Karol Wojtyła, sediado em Porto Alegre. Disponível em [www.cekaw.com.br](http://www.cekaw.com.br) – acessado em novembro de 2008.

<sup>28</sup> IAROCHINSKI, 2000, p. 64.

contrário dos demais Impérios, favoreceu a emigração desde o início, pois desejava o melhor para seus súditos.<sup>29</sup>

### 1.1.2 Os emigrantes “sem bandeira” cruzam o Atlântico

Estava em andamento um cenário político e econômico desfavorável para o povo polonês.

A imigração com motivações políticas começou no início do século XVIII e intensificou-se com a partilha da Polônia em 1795. [...] A partilha da Polônia desencadeou uma febre de emigração que teria atravessado seu território, de leste a oeste. A imigração econômica nasceu sob a forma de movimentos pendulares e sazonais, induzidos pela demanda de trabalho nas terras da Prússia e nas minas da Silésia, para depois se estender até a França e a Bélgica, e posteriormente, e em caráter mais definitivo, para as américas do Norte e Sul. Por volta do fim do século XIX, o excedente populacional rural e a crescente pobreza urbana forçaram grande número de pessoas a emigrar definitivamente para o Novo Mundo.<sup>30</sup>

Para Henryk Siewierski, o problema não era só político, mas também do mercado econômico mundial:

O aparecimento dos cereais oriundos dos Estados Unidos e do Canadá na Europa no início dos anos 90 do século passado intensifica uma crise agrária nas terras polonesas. Também a crise da indústria têxtil de Lódz e no centro industrial de Varsóvia no final dos anos 80 deixa muitos desempregados.<sup>31</sup>

Esses desempregados operários que emigraram, procuravam trabalho, não terra, por isso escolheram outros destinos, como os Estados Unidos. Para as famílias, e para aqueles que desejavam a terra, o Brasil era a grande esperança.

---

<sup>29</sup> IAROCZYNSKI, 2000, p. 65.

<sup>30</sup> DECOL, René. *Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil*. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP Caxambu, 2000, v.1.

<sup>31</sup> SIEWIERSKI, Henryk. *Os poloneses nos 500 anos do Brasil*. In: REIS, Paulo (org). *República das etnias*. Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2000. p. 82.

Porém emigrar não era uma decisão fácil de ser tomada. Um dos primeiros empecilhos era a Igreja católica, a qual não apoiava a decisão de emigrar:

O clero polonês mostrava-se apreensivo e não cessava de chamar a atenção dos católicos para os perigos que a sua fé iria encontrar em terras desconhecidas e privadas de conforto material e de assistência espiritual. Alertava-os com a leitura e a divulgação de trechos de cartas, que vinham chegando do exterior. Essas cartas, escritas por emigrados, pintavam sem rodeios a dura realidade encontrada no novo mundo.<sup>32</sup>

Antoni Hempel também descreve a oposição do clero à emigração em massa, observada junto aos camponeses no período correspondente:

Muitos por terem contrariando o clero sentiam remorsos. Não podiam compreender porque todos os padres e mesmo o bispo Nowodorski de Plock opunham-se a sua partida para o Brasil. No instante em que o orador abordou esse tema redobrou a atenção. Com relação aos sacerdotes a situação é seguinte: Sem querer comparar é como se fosse um pastor com dois rebanhos. O pastor cria as ovelhas para ter lã, carne e couro. Da mesma forma o padre, possui suas ovelhas e delas colhe o lucro. Depois que partimos para o Brasil, não terá mais lucro, nem sequer dos enterros. Por isso não querem deixar, como pastor, concluiu que congrega as ovelhas para não se dispersarem.<sup>33</sup>

“Esta insensibilidade do clero às novas pretensões dos camponeses de melhorar sua situação, pendia-se ao fato de o mesmo estar muito mais ligado às classes latifundiárias do que aos simples camponeses.”<sup>34</sup> Nota-se que o clero estava mais preocupado com a religiosidade do emigrante e a suposta dureza da nova vida, do que com a oportunidade de seus fiéis viverem livres e vivenciarem sua nacionalidade, cultura, língua e inclusive sua religiosidade sem restrições e perseguições. Os padres se apropriaram estrategicamente dos relatos mais sofríveis, porque existem inúmeras cartas de emigrantes que descrevem a boa vida que encontraram no Brasil, e estas cartas se tornam convites, os quais manifestam o desejo de reunirem o resto da família que ficou na pátria-mãe, amigos e vizinhos. Nessa hora,

<sup>32</sup> STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul 1875-1975*. 2 ed. Porto Alegre: Est Edições, 1999. p. 22.

<sup>33</sup> HEMPEL, Antoni. Os poloneses no Brasil. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Ano 10, nº1 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008. p.115.

<sup>34</sup> WACHOWICZ, 1981, p.56.

os representantes da Igreja esqueceram que não havia conforto material na Polônia dominada, uma vez que a maioria estava desempregada ou empobrecida pela retirada forçada de suas terras e empregos. A situação estava insuportável, tanto que o conforto espiritual abandonou seus corações, e a 'fé', naqueles fins do século XIX, não morava mais nas terras da Polônia. Alguns padres decidiram partir junto com os imigrantes, a partir de 1875, para acompanhá-los na América, porém não encontrei registros sobre sacerdotes emigrados para o Rio Grande do Sul nesse início de colonização gaúcha.

Ainda sobre a partida, o mesmo autor faz um retrato em que coloca o emigrante como vítima do processo imigratório:

[...] Mas a propaganda insinuante e capciosa dos agentes de recrutamento sufocava a voz do clero. O povo, obcecado por promessas estonteantes e acreditando que o clero assim procedia por mero interesse pessoal, não tomou a sério as advertências que vinha recebendo. Sem medir as conseqüências do risco, obstinadamente vez ouvidos de mercador, aderindo irrestritamente à campanha migratória. Despreparado e mal orientado com relação ao clima e ao novo ambiente, desacompanhado de assistência técnica, espiritual e médica, e apoiado, apenas, em promessas inverídicas, deliberou lançar-se, cegamente, ao deus-dará..<sup>35</sup>

Como já foi descrita, a situação dos poloneses em terras ocupadas era difícil, por isso a propaganda dos agentes de recrutamento oferecia algo que há muito não se via por lá, uma vida melhor. Ao arriscar-se a pegar o navio, o camponês libertava-se das instituições que o limitavam; o clero era uma delas. Embora a religião católica sofresse perseguições por parte dos Impérios Prussiano e Russo, jogou contra o único segmento em que ainda exercia algum poder: o camponês polonês. Os padres subestimaram a capacidade dos emigrantes, e a propaganda das agências, que não era de todo mentirosa. Se os poloneses desconfiavam do interesse institucional dos sacerdotes no desaconselhamento à partida, tinham razões para isso. Ficar na Polônia não ia colocar comida em suas mesas, nem permitir ser o que eram, cidadãos poloneses, com cultura e bandeira próprias. Nas palavras de Stawinski, já citadas, ele classifica o emigrante polonês de despreparado e mal orientado, e isso reforça o preconceito a que foram submetidos nas terras brasileiras. A falta de informações foi uma característica comum no processo, porque os emigrantes italianos, que emigraram em números superiores aos poloneses, tampouco foram preparados e orientados quando de sua partida para o Brasil.

---

<sup>35</sup> STAWINSKI, 1999, p. 22.

As promessas, algumas vezes, eram fantasiosas. Stawinski diz ainda que o Brasil era apresentado como o país onde corria leite e mel, e as frutas tinham sabor e tamanho fora do normal. O clima tropical era fator de economia, porque dispensava os pesados e caros agasalhos de inverno.<sup>36</sup> Só que o clima tropical incluía frio em alguns estados do país, e logo na chegada ao Sul muitos imigrantes se depararam com uma dura realidade: “Nada possuíam com que se abrigar, pois durante a viagem haviam jogado ao mar seus casacões imaginando que no sul do país não havia frio.”<sup>37</sup>

As agências encarregadas pelo governo brasileiro de recrutar colonos europeus abriram escritórios na Prússia e na Áustria, e a propaganda massiva das benesses brasileiras entusiasmou os colonos poloneses.

O governo prussiano só concordou em facilitar a emigração diante da crise econômica sem solução. Criaram um órgão de controle e orientação dos interessados em emigrar. O passaporte era redigido em língua alemã, e os poloneses católicos deveriam levar consigo a certidão de batismo e casamento religioso. Porém, esses documentos eram fornecidos pelos padres escritos em latim, como forma de protesto frente à dominação estrangeira.<sup>38</sup>

Uma das exigências do governo brasileiro era de que os imigrantes fossem católicos. Isso favoreceu os emigrantes poloneses, predominantemente católicos. Quanto às profissões, “90% eram agricultores; 7% eram pequenos artesões: carpinteiros, ferreiros, pedreiros... e 3% tecelões.”<sup>39</sup> Ainda segundo os autores, os artesões preferiam estabelecer-se nas cidades e vilas.

O contexto em que ocorreu a emigração dos poloneses assemelha-se ao italiano, nas questões de falta de terra, miséria, proletarização. Interessante observar que os poloneses abandonavam um país que no momento não existia mais; já os italianos abandonavam uma terra que estava se tornando um país. Os poloneses emigravam com passaportes emitidos em nome da Prússia, Rússia e Áustria, mas sentiam-se poloneses e nutriam orgulho nacionalista; os italianos emigravam com passaporte italiano, de uma pátria recém-formada, mas que não lhes despertava um nacionalismo. Dois povos que chegaram ao mesmo lugar com os mesmos objetivos: terra, trabalho e liberdade.

Os poloneses utilizaram os portos de Bremen e Hamburgo (Alemanha), Antuérpia (Bélgica) e Gênova e Trieste (Itália). A viagem até o Rio de Janeiro durava de 18 a 29 dias.

---

<sup>36</sup> STAWINSKI, 1999, p. 16.

<sup>37</sup> CUBER, Antoni. *Nas margens do Uruguai*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002. Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana. p.19.

<sup>38</sup> STAWINSKI, 1999, p. 19.

<sup>39</sup> BUSATTA, Félix Fortunato; STAWINSKI, Alberto Victor. *Josué Bardin: história e religião das colônias polonesas*. Porto Alegre: EST, 1981. p. 34.

Após a quarentena, eram enviados para as colônias de destino. A primeira grande leva de imigrantes poloneses no Brasil chegou em 1847, no Espírito Santo. Eram 120 famílias procedentes da Prússia. O Rio Grande do Sul recebeu duas grandes levas em 1857, em Santa Cruz do Sul.<sup>40</sup> Porém o marco inicial da colonização polonesa no Rio Grande do Sul é o ano de 1875, com a chegada de 26 famílias, que se estabeleceram na Linha Azevedo Castro, Colônia Conde d’Eu (Garibaldi).

## 1.2 Colônias polonesas no Rio Grande do Sul

A “febre” imigratória brasileira atraiu milhares de poloneses que fundaram colônias em território sulino. A partir de 1890, alguns núcleos tornaram-se referência de agrupamento étnico polonês, espalhados por todas as regiões: no extremo sul, as colônias de Pelotas e Rio Grande; na região central, se fixaram em Silveira Martins, Jaguari, Ijuí e Guarani das Missões; próximos à Lagoa dos Patos, em Dom Feliciano, Mariana Pimentel e São Brás; na Capital Porto Alegre e arredores, incluindo Santo Antonio da Patrulha; a região serrana, com núcleos em Caxias, São Marcos, Antonio Prado, Alfredo Chaves, Conde d’Eu, Dona Isabel, Santa Bárbara, Santa Teresa, e região Nordeste, com a colônia Guaporé. Alguns núcleos poloneses não prosperaram, e outros foram pouco a pouco abandonados. Os emigrantes eram oriundos das múltiplas regiões culturais e políticas, por isso tinham cultura e língua diferentes. As primeiras famílias estabelecidas em Conde d’Eu são assim descritas:

Os registros da Paróquia de Garibaldi referem os mesmos como *polacos*, originários da Prússia, Província Westfálica, região de Marienwerden. O linguajar polonês desses imigrantes se ressentia do ambiente prussiano, onde nasceram, e se diferenciava do de seus patrícios, originários do domínio da Rússia, acarretando-lhes a denominação de *polacy prusacy* – poloneses prussianos.<sup>41</sup>

Os poloneses prussianos tinham freqüentado escola alemã, portanto falavam e escreviam em alemão, embora conversassem polonês em casa, mas segundo Stawinski e

---

<sup>40</sup> IAROCHINSKI, 2000, p. 68.

<sup>41</sup> STAWINSKI, 1999, p. 28.

Busatta<sup>42</sup>, era deturpado e tinha sotaque prussiano. Por isso eram considerados pelos poloneses russos, como já mencionados, de *polacy prusacy*, ou simplesmente *Prusaki*, um nome pejorativo. Stawinski<sup>43</sup> conta ainda que em 1937, em visita a filhos de imigrantes nas colônias de Santa Tereza e Faria Lemos, na região da serra gaúcha, os mesmos falavam o idioma polonês com sotaque prussiano, incluindo palavras e expressões alemãs. Além do idioma, os autores Stawinski e Busatta descrevem que há diferença entre poloneses com passaporte prussiano e russo no modo de viver e trabalhar. Porém não explicam os motivos, então pode-se especular que isso se deve à diferentes regiões de onde viviam, ou a aculturação a que foram submetidos pela dominação estrangeira deixou marcas da cultura prussiana e russa na vida dos poloneses emigrados.

Para Wonsowski<sup>44</sup>, os poloneses vindos do território russo chegaram somente em fins de 1889. Partiram principalmente das regiões de Varsóvia, Kalisz e Plock. Já Stawinski<sup>45</sup> acredita que os poloneses russos chegaram por volta de 1891.

Mas este autor acrescenta que eles se estabeleceram nas Linhas Nona e Oitava de Alfredo Chaves, e falavam o idioma polonês melhor que os poloneses prussianos.

Até 1900, a maioria dos imigrantes polacos eram da região Polaca da Silésia (Sudoeste) e da atual região Podkarpackie, então chamada de Galícia Austriaca. Depois da virada do século passaram a ocorrer com mais freqüência imigrações da região Leste da Polônia.<sup>46</sup>

A discussão sobre a língua polaca e aproximação com a língua nacional para Stawinski é assim explicado: “Se tardaram a dominar o português, foi porque ou não tiveram ambiente favorável, ou não tiveram escolas públicas.”<sup>47</sup> Para outro, as diferenças lingüísticas apresentadas pela língua germânica do alemão, e o polonês do grupo eslavo, não favoreciam a integração com a língua portuguesa, do grupo lingüístico latino, ao lado da língua italiana.<sup>48</sup>

---

<sup>42</sup> STAWINSKI, BUSATTA, 1981. p. 33.

<sup>43</sup> STAWINSKI, 1999, p. 32.

<sup>44</sup> WONSOWSKI, 1976, p. 10.

<sup>45</sup> STAWINSKI, 1999, p. 33.

<sup>46</sup> IAROCHINSKI, Ulisses. Site pessoal disponível em <http://iarochinski.blogspot.com> acessado em março/2009.

<sup>47</sup> STAWINSKI, 1999, p. 114.

<sup>48</sup> FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Fronteiras etno-culturais: lusos, alemães, italianos, poloneses*. Artigo disponível em [www.esteditora.com.br](http://www.esteditora.com.br) acessado em janeiro/2009.

Às variedades lingüísticas se somam as diferenças étnicas e religiosas:

Devido à instabilidade territorial e política, parte importante da população polonesa era formada por minorias étnicas e religiosas: antes da Segunda Guerra as minorias perfaziam cerca de um terço da população, principalmente ucranianos, judeus, bielorrussos e alemães. Ilhas étnicas e regiões onde diversas etnias se misturavam perto das fronteiras eram freqüentes. Os processos migratórios, em muitos casos, partiram de regiões etnicamente confusas (Dembicz e Smolana, 1993, p.21) tornando ainda mais confusa a tarefa do historiador.<sup>49</sup>

A respeito da distribuição de terras para os emigrados, Stawinski assim descreve: “Houve, pois, da parte do Governo, grande diferença de atendimento entre os imigrantes poloneses vindos ao tempo do Império, e os vindos ao tempo da República.”<sup>50</sup> O período republicano começa em 1889, e pouco depois, entre 1890 a 1891, a febre imigratória brasileira, conhecida na língua polaca como *Goracka Brazylizka*, que segundo o mesmo escritor, as vantagens oferecidas pelo Brasil, como as despesas com a viagem custeadas, mobilizaram os poloneses para emigrar para o Brasil. As diferenças são assim explicadas por ele: “Os primeiros tiveram mais regalias, e condições de se estabelecerem em lotes que eles mesmos podiam escolher, enquanto os segundos, chegando quinze anos depois, tiveram que contentar-se com sobras de terras acidentadas e pedregosas, difíceis de trabalhar.”<sup>51</sup> Em seguida, o mesmo autor afirma que:

moroso e complicado era o processo da demarcação e distribuição de lotes coloniais no interior do Estado. A comissão oferecia aos imigrantes a oportunidade de escolha, sendo que a maioria preferiu estabelecer-se na região colonial. Assim, de 1890 a 1894, surgiram os primeiros mais importantes núcleos de imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul.<sup>52</sup>

O fato das terras destinadas aos colonos emigrantes ser coberta de mata virgem afetou a todas as etnias, não somente aos poloneses. Mas as dificuldades encontradas com a terra ficaram registradas na história oficial e na memória da colonização polonesa no Rio Grande

---

<sup>49</sup> DECOL, 2000.

<sup>50</sup> STAWINSKI, 1999, p.34.

<sup>51</sup> STAWINSKI, 1999, p.34.

<sup>52</sup> STAWINSKI, 1999, p.36.



do Sul como um preconceito anti-polonês, um estigma de humilhação que atravessou o oceano e criou raízes no novo país.

A primeira ‘febre brasileira’ levou ao Brasil 63 mil imigrantes, do Reino da Polônia e das áreas do Bug e da Galícia. A segunda febre brasileira, de 1895 até o ano seguinte atraiu mais 7 mil colonos imigrantes, principalmente da Galícia Oriental.

Nos primeiros anos do século XX ocorreu o terceiro período da “febre brasileira”. Nos anos 1897-1905 vieram 8 mil poloneses do Reino da Polônia, e no período dos dez anos seguintes, mais cerca de 24 mil pessoas. Dessas ondas imigratórias participava o povo simples, e apenas uma pequena porcentagem era constituída por intelectuais, professores e religiosos. Somente após a revolução de 1905 encontra-se entre os imigrados um número maior de intelectuais. A imigração desse período tinha muitas vezes o caráter político, visto que desse grupo faziam parte jovens poloneses que haviam participado do movimento revolucionário, ou ainda pessoas que fugiam do serviço militar no exército imperial russo.<sup>53</sup>

Para René Decol, o período da ‘febre brasileira’ compreendido no total de 1889 até 1914, atraiu famílias de imigrantes camponeses que buscavam a terra. Entre esses, nota-se a “presença crescente de numerosas minorias, principalmente nos fluxos provenientes de regiões multi-étnicas. Entre estes, lituanos, bielo-russos, ucranianos, alemães, judeus e russos.”<sup>54</sup>

Com o fim da Primeira Guerra, a emigração voltou a ter força, agora com os poloneses tendo passaporte da República da Polônia. Entre 1920 e 1938, chegaram ao Brasil em torno de 41,2 mil pessoas. Entre esses, judeus e ucranianos com passaporte polonês. Após esse período, o fluxo de imigrantes dirigia-se para as cidades, sendo composto de pessoas instruídas e qualificadas. Após alguns anos do fim da Segunda Guerra, a onda imigratória polonesa ao Brasil terminou, com uma afluência aproximada de 20 mil pessoas.<sup>55</sup>

Calcula-se que no Brasil, no início da Segunda Guerra, viviam no Brasil 195 mil poloneses. A dispersão pelo mundo também foi grande. Nesse período, 2 milhões viviam na Alemanha, 1,5 milhão nos Estados Unidos, 450 mil na França e 250 mil no Canadá.<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> MALCZEWSKI, Zdzislaw. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Ano 10, nº1 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008. p.17.

<sup>54</sup> DECOL, 2000.

<sup>55</sup> MALCZEWSKI, 2008, p. 20 - 23.

<sup>56</sup> DECOL, 2000.

O processo de colonização polonesa prosseguiu com a migração interna. Na primeira década do século XX, muitos colonos partiram das colônias de origem para fundar novas ou juntar-se a outros em colônias mais prósperas. Essa debandada tinha como destino a região do Alto Uruguai e os estados de Santa Catarina e Paraná. Estavam em busca de terras, principalmente os jovens, pois estava se esgotando as terras disponíveis em algumas colônias; outros, em busca de terras menos acidentadas e/ou mais férteis.

A região pretendida do Alto Uruguai compreendia, na época, a colônia Erechim e alguns núcleos já organizados, como Guarani das Missões. As terras foram divididas em lotes rurais de 25 hectares, o dobro do terreno disponível nas colônias velhas. O governo do estado ofereceu financiamento total dos terrenos, que podia ser pago com trabalho na construção de estradas.<sup>57</sup>

Pelo período anterior e posterior à Primeira Guerra Mundial, a colônia Erechim recebeu emigrantes vindos da Polônia, que mais tarde migraram para os municípios de Giruá, Três de Maio, Irai, Santa Rosa e Guarani das Missões.<sup>58</sup>

Os principais núcleos estavam espalhados e hoje são municípios com grande número de descendentes de poloneses. É o caso de Áurea, Carlos Gomes, Gaurama, Barão do Cotegipe.

Mesmo que a migração para o Alto Uruguai tenha sido em busca de terras mais planas, na prática na aconteceu assim. De acordo com a pesquisadora Isabel Gritti, os colonos poloneses se fixaram “em grande parte em áreas acidentadas e distantes da sede do núcleo colonial.”<sup>59</sup> Para ela, isso se deve ao processo de assentamento dos poloneses em solo gaúcho, que não foi tranquilo. Os principais núcleos de colonização polonesa apresentaram dificuldades, e os colonos reagiam abandonando o lugar e até se insurgiam contra as autoridades. Diz ainda que, os núcleos colonizados mais tarde e os que apresentavam melhor estrutura, os conflitos foram poucos ou inexistentes. E cita como exemplo, a colônia de Guarani das Missões e Erechim. Se a promessa de terras planas não se cumpriu, tampouco interferiu no estabelecimento dos colonos e do sucesso dos núcleos.

---

<sup>57</sup> STAWINSKI, 1999, p.62.

<sup>58</sup> STAWINSKI, 1999, p 62.

<sup>59</sup> GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004. p.119.

### 1.2.1 Colonização e aspectos principais das colônias polonesas da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul – 1890 a 1950



Figura 4: Mapa da Região Turística Uva e Vinho, da qual participam os municípios de Casca e Santo Antônio do Palma, e também os municípios próximos com destaque na colonização étnica polonesa: Guaporé e Nova Prata.

Fonte: [www.serragaucha.com](http://www.serragaucha.com)

Para uma melhor caracterização do cotidiano nos primórdios da colonização é preciso usar de bibliografias generalistas ou que descrevem a vida em regiões próximas aos locais da análise, porque são mais abundantes e ajudam a entender as particularidades no modo de vida dos imigrantes e descendentes, oriundos e estabelecidos em diversos locais. A cultura e os modos de vida no início da imigração e no período posterior a ela são importantes como elementos históricos, e fundamentais para compreender a reconstrução da identidade étnica contemporânea.

Quando os colonos se estabeleceram em solo gaúcho, geralmente, encontravam a mata fechada e as estradas por fazer. Geraldo Farina assim escreve sobre os colonizadores poloneses “[...] aqui chegando tiveram dificuldades na adaptação, pois a terra aqui era bravia, montanhosa, recoberta de floresta secular, enquanto na Polônia cultivavam planícies, terras há

muito tempo amansadas.”<sup>60</sup> Já Wachowicz diz que o camponês “dava preferência por terrenos de matas, as quais não possuía na Polônia e invejava aqueles que a possuíam.”<sup>61</sup> Múltiplas experiências para uma múltipla geografia. A pátria de origem também tinha na época mata virgem, e como tem até hoje áreas montanhosas, que formam uma grande cadeia de montanhas, e muitos imigrantes poloneses vieram dessas regiões para o Brasil. Os relatos de uma fauna familiar existem; um imigrante polonês descreve numa carta os bichos que viu em solo gaúcho: “No mato há poucos animais selvagens: tigres, veados, porcos do mato, lagartos e outros que vimos na Polônia. Há muitos macacos, cobras, serpentes. Durante a noite esvoaçam insetos com olhos luminosos que até parecem luz elétrica. Há lindos pássaros e aves.”<sup>62</sup> E há também os relatos de animais ferozes.

É preciso dizer que não existe uma única interpretação sobre o processo imigratório polonês. As pessoas reagem de formas diferentes diante do novo; as condições sociais são diferentes, as circunstâncias dos assentamentos foram diferentes, incluindo as disposições individuais. A maioria dos imigrantes poloneses chegou ao Brasil sob o efeito de uma de abandono, perseguição, humilhação e pobreza material que o acompanhou aqui. Diferentemente de seus principais vizinhos de assentamentos, alemães e italianos, os poloneses estavam privados de sua identificação pátria original, nem contavam com o apoio de consulados ou autoridades estrangeiras. As circunstâncias, de modo geral, eram-lhes desfavoráveis. O “mito de origem” da imigração polaca começa com a perda política de seu território, soma-se à perda como identidade étnica e cultural, nos lugares onde ocorreu e aporta aqui no Brasil.

A integração social do imigrante polonês ocorreu principalmente nos negócios, em que se faziam necessários conhecimentos na língua portuguesa, os costumes e os sistemas de medidas. Entre os poloneses não era freqüente a ocupação com o comércio. A prioridade era a terra, que demandava muito trabalho, já que a extensão do lote era semelhante à propriedade dos nobres na Polônia.<sup>63</sup>

A partir de 1890, a ocupação do espaço que hoje compreende os municípios de Casca e Santo Antonio do Palma se acentuou, originando uma marcha migratória de poloneses e italianos, imigrantes e seus descendentes, que povoaram e desenvolveram essa porção de

<sup>60</sup> FARINA, Geraldo. *História de Nova Prata*. Caxias do Sul: Educs, 1986.

<sup>61</sup> WACHOWICZ, 1981, p.117.

<sup>62</sup> STAWINSKI, 1999, p.153 – utilizo as descrições desse autor, principalmente, porque retrata a vida nas colônias de onde se originaram os imigrantes que se estabeleceram nos municípios deste estudo – Casca e Santo Antonio do Palma. Optei também por ser uma das poucas bibliografias científicas sobre os polacos na região nordeste do Rio Grande do Sul.

<sup>63</sup> SIEWIERSKI, Henryk, 2000, p.84-85.

terras ligadas ao Planalto, Vale do Taquari e Serra Gaúcha. A história passada dos colonos poloneses nessa área está atrelada politicamente ao município de Casca, mas o povoamento da Vila Santo Antonio se desenvolveu de forma independente e bem-sucedida, e que resultou na emancipação. O registro histórico dos primeiros anos da vida cotidiana dos povoadores poloneses mostra elementos que juntos ao panorama atual são a base do estudo a ser feito.

### 1.2.2 Comunidade polonesa em Nova Prata e Vista Alegre do Prata

Para Farina<sup>64</sup>, os poloneses chegaram às terras pertencentes à colônia de Alfredo Chaves por volta de 1891. Ocuparam primeiramente as linhas VI, VII e VIII. Já Wonsowski<sup>65</sup> coloca que se estabeleceram nas linhas IV até a VII, no ano de 1890, 360 famílias de imigrantes poloneses. Na linha IV, Kosowski<sup>66</sup> afirma que dez famílias polonesas eram provenientes da Galícia (sob domínio Austro-Húngaro).

Os poloneses oriundos da Prússia foram mais numerosos nessa região:

Em Veranópolis ocuparam a linha 8ª e 9ª. Como os loteamentos novos estavam a ser ocupados, foram também para Capoeiras (Nova Prata), Bassano, Araçá, Parai, Vista Alegre, Fagundes Varela e outros. Tiveram estas, por estarem no período do Império, com certas regalias e ajudas maiores, nos auxílios para suas casas e instrumentos para lavouras.<sup>67</sup>

A grande maioria de imigrantes vinha em busca de terra, mas alguns chegavam sem esse desejo, nem preocupação com o assentamento. De acordo com a pesquisadora local Zaira Galeazzi<sup>68</sup>, um grupo de tecelões, da Prússia oriental e Polônia vieram a Nova Prata para trabalhar numa fábrica de tecidos de lã, montada por dois empreendedores, Antônio Joaquim Velho e Augusto Neubauer. Não encontrei mais informações, nem a pesquisadora relata sua fonte no livro.

---

<sup>64</sup> FARINA, 1986, p. 262.

<sup>65</sup> WONSOWSKI, 1976, p.52

<sup>66</sup> KOSOWSKI, Vitor Inácio. *Estes Imigrantes entre outros: imigração polonesa na Serra Gaúcha*. Ed. do autor: Bento Gonçalves, 2003. p. 61.

<sup>67</sup> POSSAMAI, Osmar. *Etnias e aculturação*. 2007. Artigo disponível em [www.diocesedecaxias.org.br](http://www.diocesedecaxias.org.br) acessado em janeiro/2010.

<sup>68</sup> GALEAZZI, Zaira. *O grande prata e sua historia*. Porto Alegre: Est, 1982. p. 23.

O maior número de descendentes de poloneses de Nova Prata vive hoje na zona rural do município de Vista Alegre do Prata, antigo distrito de Nova Prata, emancipado em 1989.

### 1.2.3 Presença polonesa na colônia Guaporé

A colônia Guaporé foi fundada em 19 de dezembro 1892, embora já fosse ocupada por imigrantes três anos antes. Dividida em 22 lotes coloniais, a maioria eram ocupados por imigrantes recém-chegados ou descendentes destes.

Os poloneses se fixaram em algumas linhas preferenciais, mas famílias de poloneses podem ser encontradas dispersas em meio a outras etnias.

Há uma das linhas ocupada notadamente por poloneses foi a Linha Ernesto Alves:

Gluszczak, Nikowski, Menegotto, Jackowiak, Lapinski, Menegotto, Zerbielo, Bdorczyk, Sperotto, Fabrici, Pereira, Halupczinski, Rembowski, Ozelame, Lithiewski, Patzer, Kurrik, Lithiesoski, Gabinecki, Blozeski, Lassinski, Lessandowski, Costa, Behling, Santos, Odorcyk, Wesieswki, Fomich, Priel, Gssiazdowski, Kurrek, Carboni, Lesvinski, Orlovski, Sitwiesvoski, Smolinska, Pietrowski, Dronzek, Zarenski, Volakowski, Dassi, Casagnoli, Ziecinski, Modrzinski, Zmijewski, Biesek, Broglio, Battistelli, Friedrich, Ferrari, Tasca, Goldani, Cdorczyk, Ruppolo, Carre, Menegotto, Baravera, Somero, Cova, Oselame, Pasini, Fin. Ao todo somaram 74 famílias, que chegaram entre 1892 e 1896; 64 chegaram em 1892. O custo do m<sup>2</sup> de terra foi de 0,62 réis e os lotes variaram entre 40\$796 réis a 353\$400 réis. Em média, 50% deles receberam ferramentas e sementes.<sup>69</sup>

Esta área hoje pertence ao município de Dois Lajeados.

---

<sup>69</sup> KARAM, Elaine Maria Consoli. *Raízes da Colonização*: Em destaque a colônia Guaporé e município de Dois Lajeados. Porto Alegre: CORAG, 1992. p. 104.

Um grupo de poloneses chegados na Colônia Guaporé não teve seu destino documentado, apenas consta seu ingresso no local:

Colonos chegados à colônia Guaporé entre janeiro e dezembro de 1902. Famílias Lorenzetto, Greppi, Schiavi, Bassani, Pimpinati, Spinelli, Martini, Melser, Jensch, Da Rigo, Ferrari, Concari, Semesky, Karonzy, Viacelli, Baldi, Bolschi, Aragão, Scachi, Borsato, Marimiak, Rikaczeski, Lange, Juracki, Rabel, Zavorski, Pomagienski, Zumkoski. Havia alemães, italianos e o maior percentual era de polacos, num total de 124 pessoas; 57 eram casados e quatro viúvos. Uma pessoa com 80 anos, uma com 65 e as demais numa variante entre 1 e 50. Trinta e dois receberam auxílio para caminhos vicinais e ferramentas.<sup>70</sup>

Mesmo tendo se estabelecido no período republicano, nota-se que ajuda por parte do governo ainda existia. Outras linhas com etnia polaca expressiva foram a Linha Fernando Abbott, entre 1892 e 1899, e a Linha Esperança, em 1892. Hoje, essas linhas pertencem ao município de Vespasiano Corrêa.

#### 1.2.4 A Colônia de São Luís de Casca

Com a criação da colônia de Alfredo Chaves, em 1884, sucedeu-se outras separações do território de Vacaria, como o núcleo de Capoeiras (Nova Prata) e Nova Bassano, Antonio Prado em 1887, e a colônia Guaporé em 1892. Assim avançava a migração para os novos núcleos e um novo mapa se desenhava. Por sua vez, as áreas próximas a esses novos núcleos começaram a também ganhar importância e assim a colonização se expandia. “A Colônia de São Luís da Casca foi fundada, em 1890, por famílias procedentes das colônias mais velhas: Alfredo Chaves, Capoeiras, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi e Guaporé.”<sup>71</sup> Os colonos buscaram, nesse novo espaço, terras férteis menos acidentadas. A busca por terras mais planas visava o cultivo de cereais, e atraiu os casais novos. A intendência dessa colônia cabia ao município de Passo Fundo.<sup>72</sup>

<sup>70</sup> KARAM, 1992, p. 110.

<sup>71</sup> GELATTI, Roque. *Casca ontem e hoje*. Passo Fundo: Instituto Social Pe. Berthier, 1984. p.18.

<sup>72</sup> GELATTI, 1984, p.18.

Antes da demarcação de terras, a riqueza natural das terras dessa região atraiu algumas famílias. Após a criação da colônia, a extração de casca de árvore teve grande destaque. O pioneiro José Vanzo “retirava das árvores de Araçá e guavijuzeiro a casca que era vendida nos curtumes, principalmente, de Passo Fundo, pois dela extraía-se uma essência propícia à curtição de couros.” O autor descreve ainda que com a instalação de três curtumes, caboclos vindos de Santo Antônio do Quaram, uma localidade dentro da colônia, trazia em cargueiros cascas de sabugueiro e cascos de anta para serem vendidos aos curtumes.<sup>73</sup>

A emancipação do distrito ocorreu em 1955, oficialmente como Município de Casca.

#### 1.2.4.1 Manifestação da religiosidade durante a colonização

Na celebração da vida e sociabilidade religiosa, imigrantes inicialmente não tinham sacerdotes à disposição, por isso organizavam sozinhos os rituais religiosos numa capela:

Rezavam o rosário, cantavam as loas da Imaculada Conceição e ouviam a leitura da missa, que alguém da comunidade lhes fazia, servindo-se do conhecido livro Goffinê. Ordinariamente, essa celebração durava duas horas, ao fim, todos cantavam “o Anjo do Senhor anunciou a Maria” (Aniol Panski zwiastowal Pannie Maryi).<sup>74</sup>

O primeiro padre polonês a atender comunidades polonesas chegou em 1892, Martinho Modrzejewski. Isso significa que somente dezessete anos depois do início oficial da imigração polaca no Rio Grande do Sul essas comunidades começaram a ser atendidas espiritualmente por um padre de sua etnia. Antes disso, sacerdotes de outras nacionalidades faziam seu trabalho junto aos poloneses. Mas como existia a dificuldade de comunicação entre as diferentes línguas, a assistência espiritual se limitou a batizados, casamentos e enterros.<sup>75</sup> Antes da chegada do Padre Martinho, o Padre Josué Bardin, que falava polonês, a partir de 1888, atendia as famílias polacas do Curato de Santa Tereza (hoje Bento Gonçalves).

O domingo era o dia específico para se ir à Igreja, os que podiam, e os demais freqüentavam a capela ou faziam orações em casa. O cavalo era o mais usual meio de

---

<sup>73</sup> GELATTI, 1984, p.16.

<sup>74</sup> STAWINSKI, 1999, p 118.

<sup>75</sup> STAWINSKI, 1999, p. 66.



transporte, inclusive para a missa. Mas havia carroças também. Na saída da Igreja, as pessoas tinham a oportunidade do convívio social. A religiosidade se manifestava na celebração da passagem de ano do cristão. O costume era celebrar o aniversário no dia do batismo, o nascimento para a vida cristã.<sup>76</sup> Os imigrantes trouxeram a devoção à Nossa Senhora de Czenstochowa, ou Nossa Senhora dos Montes Claros, patrona da Polônia. Muitas capelas no Rio Grande do Sul receberam o nome da Santa.

A religiosidade se fez presente logo no início da colônia. Uma capela foi construída em 1893, um local [...] “que servia de ponto de encontro nos fins de semana e também para as orações comunitárias.”<sup>77</sup> Essa capela, de nome São Luís, e a principal atividade, extração de casca de árvore, originaram o nome do povoado, São Luís da Casca. A partir de 1902, um padre vindo de Passo Fundo prestava assistência espiritual no Distrito. A comunidade polonesa da Linha XV de Novembro contava com o auxílio de um membro da comunidade, Alexandre Rewers, que liderava as orações dominicais. Ele foi instruído pelo Frei Honorato Jedlinski, quando fez uma breve estadia no Distrito, em 1906.<sup>78</sup> O primeiro sacerdote, nomeado oficialmente, chegou em 1908, e pertencia ao curato da vila de São Domingos do Sul, em que residiam umas poucas famílias polacas. Coincidentemente, era polonês e se chamava Agostinho Zaraza. Atendia a todos os fiéis do Distrito, mas se identificava especialmente com os poloneses.



**Figura 5: Segunda capela feita na Linha XV de Novembro – então distrito de São Luís da Casca, em madeira estilo polonês, ficou pronta no fim da década de 30, o teto era pintado em azul com desenhos de estrelas – foi desmanchada para dar lugar à atual, em alvenaria. Sem data.**

Fonte: Arquivo de Bernardina Powala

<sup>76</sup> STAWINSKI, 1999, p.56.

<sup>77</sup> GELATTI, 1984, p.45.

<sup>78</sup> GELATTI, 1984, p.166.

A vila de São Domingos do Sul teve sua paróquia inaugurada em 1925, sendo o primeiro vigário Padre Josué Bardin. Já tinha trabalhado anteriormente em comunidades polonesas, e com essa etnia dedicou a maior parte de seu trabalho sacerdotal, embora fosse italiano de nascimento. Aprendeu o idioma polonês, por isso pode atender adequadamente aos fiéis dessa etnia. Ficou nessa paróquia até 1933, sendo substituído pelo padre Alexandre Studzinski. Após um período na Vila de Vila Maria, na paróquia pertencente a São Luís da Casca, como primeiro pároco, volta, desligado das funções sacerdotais, em 1938, para viver até sua morte em 1944. Mesmo em idade avançada, prestava auxílio na paróquia onde vivia e arredores, como a sede em São Luís da Casca, Paraí e Vila Maria. A importância do Cônego Josué Bardin, que foi apelidado de Padre “Jósefek”, ou Zezinho, foi tamanha que ele recebeu a medalha da “Polônia Restituta”, distinção recebida do Governo da Polônia, em 1939. Os relatos sobre o padre Josué, encontrados nos livros de Stawinski que utilizei, falam sobre a fé, os sacrifícios e a dedicação do Cônego no exercício do sacerdócio. Seus feitos ficaram marcados na memória das comunidades por onde passou. Descendentes relataram que receberam a Primeira Eucaristia com o Pe. Studzinski ou o Cônego Bardin.



**Figura 6: Pe. Alexandre Studzinski com a mula que o levava para fazer o atendimento nas comunidades - sem data**

**Fonte:** Arquivo de Bernardina Powala

Studzinski era descendente de poloneses e falava o idioma polonês, mas conhecia também a língua portuguesa e italiana. Substituiu o Cônego Bardin em São Domingos do Sul por dois anos. A descendente Elisabheta Rapkiewicz conta que o Pe. Studzinski vinha do distrito de Evangelista, na época que era pároco, para confessar os poloneses da Linha Geral Velha antes da Páscoa e antes do Natal, porque falava polonês.

O primeiro pároco de São Luís da Casca foi Padre Aneto Bogni, em 1921, quando foi criada a Paróquia. O Padre João Schmidt, que era vigário do distrito de São Luís da Casca durante a Segunda Guerra Mundial, entendia o idioma polonês, embora fosse descendente de alemães.

Na década de 50, iniciou-se o costume da “capelinha”, que segundo Gelatti, pretendia recuperar a reza do terço em casa, já que a televisão estava ocupando o espaço da reza depois do Jantar.<sup>79</sup>

A igreja, consciente de que oração é a maior arma do cristão, resolveu instituir a Capelinha de Nossa Senhora. A zeladora de cada quarteirão fica encarregada de cuidar o itinerário da Capelinha, de tal sorte que Nossa Senhora visite todas as famílias do quarteirão num curto espaço de tempo. No dia em que a família recebe a visita da Mãe de Deus e dos homens, de preferência reunida, reza o terço; e, no dia seguinte, leva a Capelinha até a residência vizinha.<sup>80</sup>



**Figura 7: Registro das primeiras zeladoras da capelinha na Linha Geral Velha, Casca.**

Fonte: Arquivo de Bernardina Powala

<sup>79</sup> GELATTI, 1984, p.50.

<sup>80</sup> GELATTI, 1984, p. 50.

### 1.2.4.2 Aspectos da vida e desenvolvimento das comunidades

As primeiras famílias instaladas depois da demarcação de terras se dedicaram à agricultura, recebendo do governo o Título de Posse do Lote, tendo recebido ou comprado. A atividade comercial se desenvolveu cedo e outras ocupações surgiram: relojoeiro, carpinteiro, serrarias, casas comerciais, curtume, celaria, sapataria, cervejaria, casa de pasto.

O município de Passo Fundo, representado pelo Vice-intendente Eduardo Manoel de Araújo, abdicou da área pertencente à Casca, pela dificuldade em administrar as terras extensas e distantes da sede de Passo Fundo. Assim passou a fazer parte da colônia Guaporé, sendo transformado em segundo distrito em três de novembro de 1900. E passou a incorporar o município de Guaporé, quando este foi emancipado em primeiro de janeiro de 1904.<sup>81</sup> Nessas duas ocasiões, não foi oficializado o nome da localidade, embora fosse conhecida pelos nomes de São Luís do Guaporé, São Luís da Cáscara ou São Luís da Casca.

A troca de Intendência dinamizou a expansão da colônia São Luís da Casca, que, elevada à categoria de distrito, atraiu mais migrantes:

1906 foi o ano que chegara o maior contingente de imigrantes italianos e poloneses em Casca, os quais fizeram-se nos mais diversos pontos do município. Alguns compraram lotes dos Capitães Emiliano, Pires e Bueno (Periquito) que ganharam, além do título honorífico, várias colônias por suas participações na Revolução Federalista.<sup>82</sup>

Fato confirmado também pelos autores Stawinski e Busatta: “Em princípios do século XX, numerosas famílias polonesas do vale do rio das Antas e de Capoeiras migraram para São Luís da Casca.”<sup>83</sup> Os poloneses e italianos geralmente formavam comunidades próprias, dando origem a capelas. As famílias, provenientes de outros assentamentos, possuíam conhecimentos prévios que facilitaram a adaptação à nova terra, por isso não ficaram surpresos ao se deparar com a mata fechada. Além disso, ajudaram-se mutuamente para erguer as primeiras casas e plantar as lavouras. Os frutos silvestres, notadamente, o pinhão, e as aves aliviavam a fome até as primeiras colheitas.<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> GELATTI, 1984, p.19.

<sup>82</sup> GELATTI, 1984, p.193.

<sup>83</sup> STAWINSKI; BUSATTA, 1981. p. 41.

<sup>84</sup> GELATTI, 1984, p.21.

Os migrantes poloneses formaram as capelas de Santa Catarina, São Jacinto, São Roque, Czenstochowa (mais conhecida como Geral Velha), Nossa Senhora do Rosário, Santa Terezinha, Santa Ana, Nossa Senhora da Pompéia.<sup>85</sup> Próxima à capela Geral Velha se localizava a Vila São Domingos, atualmente município de São Domingos do Sul, onde se estabeleceram famílias de descendentes poloneses, algumas ainda permanecem lá.

O núcleo de descendentes da linha 22, Capela São Jacinto, ficou mais conhecido atualmente porque se localiza ao redor da rodovia estadual 324 no trecho conhecido como “Garganta dos Polacos”.

Do desfiladeiro, por onde passa a rodovia, é que se originou essa esquisita denominação. Quando, em 1969, se tratou de asfaltar a rodovia, foi preciso fazer um profundo corte na rocha. O que veio salientar, ainda mais, a tal da “Garganta dos Polacos”.<sup>86</sup>

Os descendentes com quem conversei durante minha pesquisa me relataram que o nome “Garganta dos Polacos” se deve ao grande número de poloneses que lá residem, ou ainda porque lá tem muitos poloneses e como característica falam muito aberto.

Dados estatísticos reunidos pelo missionário polonês Padre Frei Honorato Jedlinski contam aproximadamente 1.000 poloneses moradores da colônia São Luís da Casca, em 1906. Esses poloneses estavam distribuídos em 180 famílias, vindas principalmente das colônias de Alfredo Chaves, Capoeiras e Antonio Prado.<sup>87</sup>

Grasiela Gregoski<sup>88</sup> escreveu um relato, juntamente com sua mãe, sobre o modo de vida de seus avós e bisavós:

A moradia era em madeira com a área central entre a cozinha e os quartos, alimentava-se de batata, batatinha, carne de galinha e porco, repolho, era deficiente, pois não tinha luz. As mulheres usavam vestidos enfeitados com flores de papel, e os homens terno. Rezavam o terço todos os dias em polonês. iam à missa que se rezava também em polonês. Os homens eram obrigados a ir de terno. Não tinha escola, era em uma casa, escreviam na tábua com uma pedra especial. A vó só foi 4 meses na aula, e vô aprendeu sozinho.

---

<sup>85</sup> GELATTI, 1984, p.21.

<sup>86</sup> STAWINSKI, BUSATTA, 1981, p. 67.

<sup>87</sup> STAWINSKI, 1999, p.49.

<sup>88</sup> Grasiela, 25 anos, é professora de Educação Física e mora na capela São Jacinto, em Casca. Trabalha como voluntária no Jantar Polonês do município.

Algumas manifestações religiosas e culturais trazidas pelos imigrantes: *Oplátek* (pão bento partilhado), *Smingus Dingus* (ritual de molhar-se com água no dia seguinte à Páscoa), ovo decorado para Páscoa, *Zelone Swionlki* (Pentecostes, onde se colocava uma folha de palmeira na porta de casa), *Boze Chalo* (Corpus Christi), *Swetego Szczepana* (Santo Estêvão, brincadeira em que se jogavam sementes).<sup>89</sup> A comemoração dos feriados religiosos mais importantes, Natal e Páscoa, é feita de modo singular:

Na véspera do Natal, cada família inicia a comemoração do Nascimento do Salvador com um rito especial. Recordando a mensagem angélica “Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade”, o pai e a mãe pedem desculpas por faltas cometidas durante o ano. Os filhos reconciliam-se com os pais e entre si. Brindam-se, repartindo a hóstia não consagrada, chamada *oplatek*. Após a janta, sem se levantarem da mesa, entoam cantos de Natal, chamados *Kolendy*.<sup>90</sup>

A Páscoa polonesa tem os ovos pintados, e a bênção dos alimentos que simbolizam a páscoa, como o ovo, e os ingredientes que serão usados na ceia.

A festa de casamento era um acontecimento bastante comemorado. Após um noivado curto, que não passava de 40 dias, os noivos, geralmente da mesma etnia, casavam-se na Igreja Matriz, pela manhã, juntamente com uma missa. O cortejo do casamento, na saída da cerimônia, era feito com cavalos enfeitados com flores e fitas coloridas, estando os noivos à frente, seguidos pelos padrinhos. A festa era celebrada na casa da noiva, com a comida preparada anteriormente: “Na véspera do casamento, além de uma rês, abatiam-se leitões e frangos. Faziam-se fornadas de pão doce, cucas, tortas, bolachas. Na falta de cerveja e vinho, a bebida preferida dos poloneses era uma espécie de cerveja que fabricavam com mel fermentado.”<sup>91</sup> Outro costume é à meia-noite, colocar a noiva em leilão. Quem der um lance, tem o direito a dançar com a noiva até um segundo lance, seguindo assim até acabar o interesse pelo leilão. O dinheiro reunido ficava com o jovem casal.<sup>92</sup>

Os relatos do casamento feitos por descendentes de Casca e Santo Antonio do Palma apresenta variações. O noivado podia ser flexível, a comida servida sofreu variações com o

---

<sup>89</sup> Folder do Histórico da Geral Velha escrito por Bernardina Powala e Ágata Grochot dos Santos, 2005. Fornecido pelas autoras.

<sup>90</sup> STAWINSKI, 1999, p. 87.

<sup>91</sup> STAWINSKI, 1999, p.56.

<sup>92</sup> STAWINSKI, 1999, p.57.

passar dos anos pela introdução de novos alimentos, os noivos andavam a cavalo ou caminhão, havia poucos convidados na Igreja.

Nas entrevistas feitas com pessoas entre cinquenta e oitenta anos, o tempo de namoro e noivado variava, conforme a distância entre o casal e os preparativos para o casamento, por exemplo. O casamento de Elisabetheta Rapkiewicz<sup>93</sup>, em seis de setembro de 1944, ocorreu após cinco meses de noivado, e foi celebrado tipicamente.



**Figura 8: Foto de casamento de Elisabetheta Iaroseski Rapkiewicz e Alexandre Rapkiewicz – setembro de 1944, uma semana após o casamento.**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Elisabetheta Iaroseski Rapkiewicz

Assim como outros depoimentos, havia os elementos em comum: a festa na casa da noiva prolongada até o dia seguinte, quinta-feira, e repetição no fim de semana seguinte; vinho e cachaça, cerveja ainda não tinha por lá; muitas cucas e bolachas, as únicas iguarias doces. Não havia o bolo da noiva, mas a ‘cuca da noiva’, repartida com os convidados assim que o casal chegava à festa, e igualmente fazia o noivo, distribuía vinho ou cachaça para os convidados logo na chegada, como testemunha essa foto de casamento:

---

<sup>93</sup> Elisabetheta Iaroseski Rapkiewicz, 86 anos, mora na capela de Nossa Senhora de Caravaggio, município de Casca. Entrevistada em abril de 2010.



**Figura 9: Benedito Koakoski e Terezinha Modrak Koakoski chegando à casa dos pais dela para a festa de casamento – recebem das mãos dos padrinhos a cuca e a bebida que distribuíram entre os convidados – 06/05/1978**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Benedito e Inês Koakoski.

Os músicos animavam as festas e eram remunerados conforme acordo que podia incluir o pedido de oferta para os convidados, depositado no chapéu, fato documentado também:





**Figura 10: Casemiro Primel e Lurdes Kosvoski Primel são recepcionados com música ao chegar para a festa de casamento, em Santo Antonio do Palma – aprox. década de 70**

**Fonte:** Arquivo pessoal de José Kovaleski

Outros costumes relatados era a dança da “moja”, à meia-noite, em que a noiva era posta em leilão; os pais não iam para a Igreja, porque ficavam em casa para organizar a festa; o casamento era na quarta-feira de manhã, porque pela experiência, o padre observou que quando fazia a celebração no sábado, havia poucos participantes na missa do domingo; o discurso feito aos noivos pelo líder da comunidade. A partir da década de 1950, começaram algumas mudanças, como o caminhão para levar os noivos e os convidados para a Igreja, em substituição do cavalo, e a adoção do churrasco em substituição das carnes assadas no forno à lenha.

### 1.2.5 Escola polonesa

Edmundo Gardolinski, em seu livro “Escolas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul”<sup>94</sup> escreve sobre o súbito interesse do colono polonês na instrução e o significado incorporado a essa iniciativa:

Lançado em território desconhecido, em fins do século passado, o imigrante sentiu-se abandonado e entregue a si próprio. Compreendeu, então, que aqui, embora menos se exigisse dele em prol da sociedade e não houvesse restrições quanto à sua liberdade, ninguém poderia interessar-se por ele, pessoalmente.[...] Aparentemente apático e mal orientado, dispunha – conforme se verificou posteriormente – de consideráveis reservas de energia e de uma verdadeira intuição para congregar-se em comunidades. E, para o imigrante, a razão de sua existência passou a girar em torno da: igreja, sociedade e escola. [...] O imigrante compreendeu finalmente que, nas circunstâncias e situações em que fora colocado – realmente difíceis – somente poderia vencer e melhorar as condições de vida das gerações vindouras através de um melhor nível cultural. Tratou, portanto, desde logo, de fundar sociedades e escolas que, embora revelassem as características étnicas de sua procedência, foram construídas por sua livre e espontânea vontade.

Nem só de problemas insolúveis é feita a história da colonização polonesa no Rio Grande do Sul. O imigrante criou em solo gaúcho uma nova forma de organização social, baseada na religião, educação e cultura. O sentimento de inferioridade que frequentemente é descrito nas obras dos historiadores, já utilizados neste trabalho, não impediu a iniciativa dos colonos reunirem-se numa associação e manterem escolas de língua polaca, as quais, como já foi mencionado acima por Gardolinski, revelavam sua origem étnica. A condição de imigrantes pobres e analfabetos, em sua maioria, e expatriados, deu lugar à prosperidade e à educação, e liberdade de serem poloneses e se manifestarem como tais.

---

<sup>94</sup> GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul, UCS, 1976. p.15.

No período que compreende até 1938, o Rio Grande do Sul possuía 127 escolas polonesas privadas. Stawinski assim descreve a organização do ensino:

Nas escolas por eles organizadas, o ensino era ministrado por algum colono, que soubesse ler, escrever e fazer as quatro operações. As crianças aprendiam a ler, escrever e contar em polonês. À medida que surgiam professores capazes de ensinar em português, foi sendo introduzido o ensino bilíngüe: em polonês e português.[...] Com admirável empenho os pioneiros poloneses criaram escolas para a alfabetização de seus filhos, quando no interior do Estado não havia escolas oficiais.<sup>95</sup>

Essas crianças alfabetizadas e os adultos instruídos eram os leitores da imprensa polaca, que nessas primeiras décadas do século XX, constituía-se de aproximadamente 60 periódicos, entre jornais semanais, revistas quinzenais e mensais, boletins e almanaques anuais; e também formavam o público dos mais de cem livros de conteúdo histórico, literário, didático e religioso publicados.<sup>96</sup> Descendentes relataram que circulava nas comunidades polonesas o jornal *Lud* (o povo).

A fundação de escolas se tornou característico da imigração polaca, e a comunidade polonesa do distrito de São Luís da Casca também teve esta instituição.

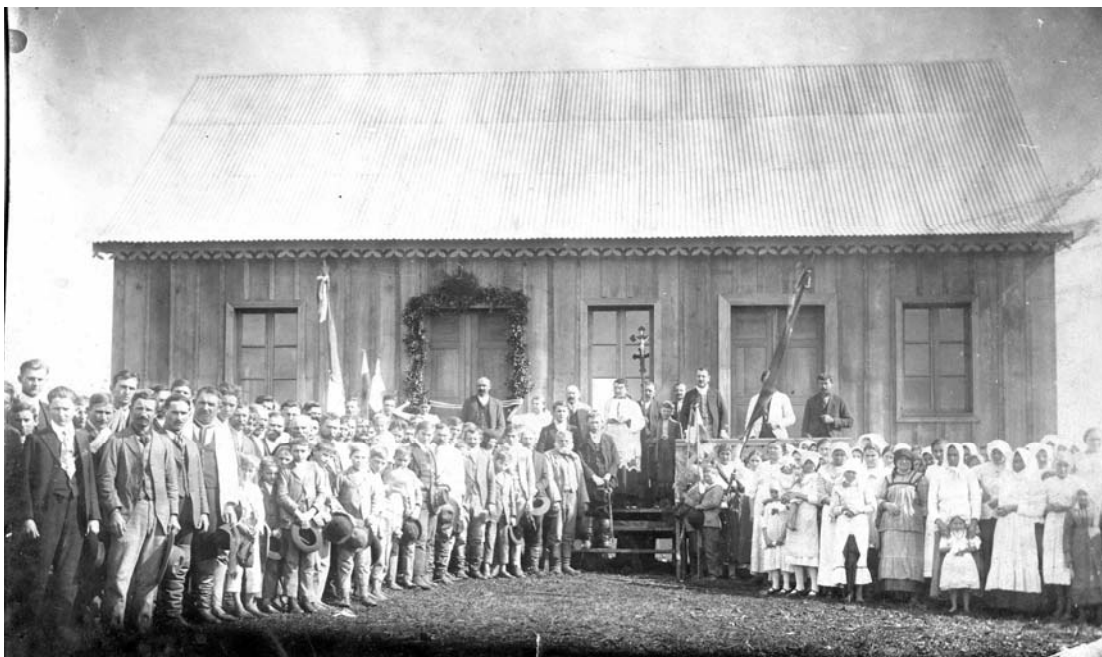
### **1.2.5.1 Escola polonesa na Linha 15 de Novembro – São Luís da Casca**

Uma das primeiras iniciativas exitosas do colono polonês foi a criação sociedade-escola polonesa. Representava um símbolo da liberdade étnica negada na Pátria de origem pelas potências invasoras da Prússia e Rússia.

---

<sup>95</sup> STAWINSKI, 1999. p. 114.

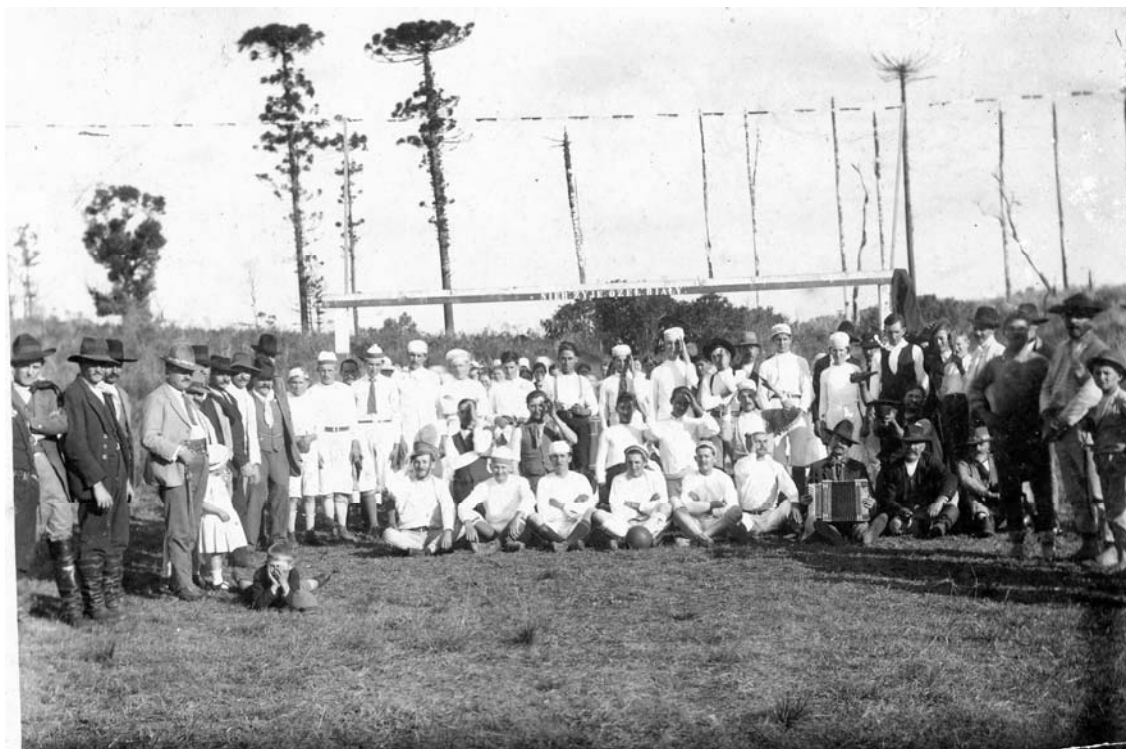
<sup>96</sup> STAWINSKI, 1999. p. 116-117.



**Figura 11: Sociedade-Escola, possivelmente inauguração – São Luís da Casca, sem data**  
**Fonte:** Arquivo de Bernardina Powala



**Figura 12: Mural de tecido bordado à mão em alusão ao brasão da polônia por ocasião da criação da sociedade polonesa na Geral Velha. A inscrição em polonês diz: Sociedade Orzel Bialy. O mesmo encontra-se atualmente guardado, um pouco deteriorado. É apenas utilizado em ocasiões especiais.**  
**Fonte:** Arquivo de Bernardina Powala



**Figura 13: Time de futebol da Sociedade Orzel Bialy - sem data. Foi o primeiro time de futebol do então Distrito de São Luís da Casca.**

Fonte: Arquivo de Bernardina Powala

Embora as dificuldades fossem muitas, a escola para os filhos dos camponeses poloneses se tornou realidade tão logo eles se instalaram na colônia. Embora não se encontre o registro oficial do fundador, existem dados que podem indicar a autoria ao Frei Jedlinski, quando da sua passagem pela Vila, como já foi mencionado. O Frei era conhecido por fundar escolas para a etnia polonesa no Rio Grande do Sul.

Fundou quatro escolas primárias em Dom Feliciano; três em Mariana Pimentel; duas no município de Alfredo Chaves (Veranópolis); duas em Capoeiras (Nova Prata); quatro em Nova Bassano (que então abrangia também a região de São Luís da Casca); uma em Guaporé; uma em Boa Esperança (Vespasiano Corrêa); duas em Antonio Prado (linha Castro Alves); quatro em São Marcos; uma em Pelotas; uma em Porto Alegre. Ao todo, vinte e cinco escolas.<sup>97</sup>

A história da escola polonesa na Linha 15 de Novembro, atual Linha Geral Velha, foi pesquisada e descrita na obra de Gardolinski, já citado. Os dados históricos foram encontrados

<sup>97</sup> STAWINSKI, BUSATTA, 1982, p.109.

nos arquivos paroquiais, porém o autor não cita de qual paróquia, possivelmente seria a paróquia de Guaporé, cidade que origem do então distrito de São Luís da Casca.

Por volta de 1904, surge a primeira referência à escola, na forma de despesas com a manutenção da escola paroquial. A ‘Escola Polonesa’, de ensino particular, funcionava junto à sociedade “Orzel Bialy”. Era assim nesses tempos. Gardolinski reafirma que “na formação de uma comunidade católica, surgem desde logo a igreja, a escola e a sociedade, juntas e inseparáveis.”<sup>98</sup> Essa afirmação vale também para a organização espacial, já que a escola foi construída ao lado da Igreja. O primeiro professor foi Aleksander Rewers. O líder da escola foi Stanislaw Szablowski, dedicado ao ensino por 16 anos. No registro do ano de 1924, consta uma média 54 alunos, que estudavam os cinco primeiros anos do curso primário, disponível na escola. Nesses tempos, as dificuldades de acesso à escola ocorriam pela precariedade das estradas e a distância. As crianças nem sempre conseguiam freqüentar a escola, pois precisavam conciliar o estudo com a ajuda aos pais no trabalho de casa e do campo.<sup>99</sup>

Fato comprovado pelo relato de Elisabetha Rapkiewicz. Ela ia à aula na capela Geral Velha todas as manhãs, e na quarta e sexta-feira tinha aula de língua polonesa. Nessa escola, vinha crianças de outras comunidades, como da linha 17 - Parobé e até da Guavirova. Começou com 7 anos de idade na aula, e o método era por livro, até o 5 livro, sendo um por ano, não tinha mais que isso. Teve três professores. Conta que as faltas à escola não eram cobradas, porque as crianças precisavam ajudar na roça. Quando sua mãe ia pra roça, ela ficava com as crianças menores, e quando ela ia para roça, sua mãe ficava em casa para os serviços domésticos.

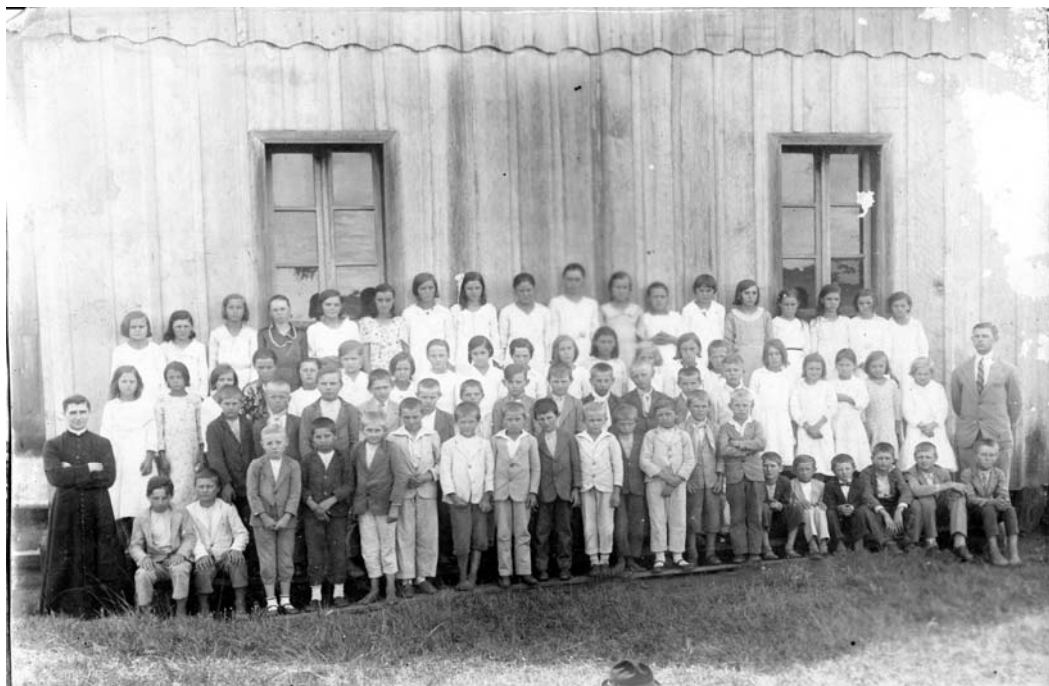
Essa realidade conflitiva entre estudar e trabalhar ocorreu em outras comunidades polonesas no Rio Grande do Sul. Pe. Antoni Cuber relata a situação vivida pelas crianças polonesas em Ijuí, no final do século XIX.

Aqui no Brasil, nenhum pai de família poderá ser perdoado se não mandar seus filhos para a escola onde ela exista. O pai que não se interessa pela educação do filho comete grande pecado; e o filho que não aprendeu ao menos a ler, escrever e contar, em razão da irracional cobiça de seus progenitores que mandaram plantar milho ou pastorear gado, sentirá que esse procedimento lhe terá fechado suas perspectivas de futuro: com certeza há de recordar seus pais com ressentimento e amargura. Aqui cada um pode adquirir gratuitamente uma colônia, mas o que isso representa diante da instrução?<sup>100</sup>

<sup>98</sup> GARDOLINSKI, 1976, p. 105.

<sup>99</sup> GARDOLINSKI, 1976, p. 105.

<sup>100</sup> CUBER, ANTONI, 2002, p.24.



**Figura 14: Professor Edward Cichock à direita, alunos e o Pe. Josef Krause à esquerda em foto tirada na escola polonesa de São Luís da Casca – 1935**  
**Fonte:** GARDOLINSKI, 1976, p. 133

Pelo que consta no livro de Gardolinski<sup>101</sup>, a escola foi fundada em 1909. Além de Alexandre Rewers e Antonio Szabloski, lecionaram na escola Edward Cichocki, Michal Zimniczak, Alexandre Rabel, Adam Kempka, Andzej Wipicha e Alberto Powala. Blautilia Sobieski, entrevistada para este trabalho, estudou na escola polonesa da Geral Velha, sendo que no início só no idioma polonês, depois em português também. Na época em que ia para a aula à tarde, lembra da professora Ester Powala. Para auxiliar a escola existia a Sociedade Orzel Bialy, que possuía uma grande biblioteca.

---

<sup>101</sup> GARDOLINSKI, 1976, p.133.



Figura 15: Fundação da Sociedade Orzel Bialy em São Luís da Casca – sem data

**Fonte:** Arquivo de Bernardina Powala

A Sociedade-Escola é descrita por Henry Siewierski como sendo a primeira manifestação da aculturação do imigrante polonês no Brasil. Era composta por chefes de família e era a mantenedora das escolas. Ele diz ainda que

Havia cerca de duzentas sociedades e organizações polonesas no Brasil, que organizavam a vida comunitária, as festas e comemorações, integrando os imigrantes e arrecadando fundos para as despesas da comunidade, como o pagamento dos professores. O objetivo principal dessas organizações era a preservação da identidade nacional e cultural polonesa, mas não faltavam também exemplos de cooperação com as organizações de outras etnias e da sociedade brasileira.<sup>102</sup>

A atuação da Sociedade-Escola poder ser considerada um símbolo de sucesso para o imigrante e primeiros descendentes.

<sup>102</sup> SIEWIERSKI, 2000, p. 86-87.



### 1.2.6 Vila de Santo Antônio

Em fins do século XIX, as terras onde hoje é o município de Santo Antonio do Palma, faziam parte do então distrito de São Luís da Casca. As terras pertenciam a Leodoro Soares Ferreira, e havia alguns moradores brasileiros. A colonização começou em 1904, com a chegada de famílias polonesas, em maior número, e italianas, oriundos da colônia Guaporé. Cada etnia formava núcleos próprios. Nos anos seguintes, prosseguiu a chegada de migrantes, vindos de outras colônias, como Alfredo Chaves e que formavam novos núcleos. A migração polonesa foi intensa entre 1906 e 1910.<sup>103</sup> O assentamento ocorreu em terras particulares, já que a área não era pública nem projeto de colonização. Os pioneiros poloneses se estabeleceram expressivamente na capela Santa Ana, Santa Terezinha e Nossa Senhora do Rosário.<sup>104</sup>

Entre as primeiras famílias chegadas a Santo Antonio estão:

Estácio e Francisco Grochot, Wadislau Palinski, Boleslaw Golombieski, Antônio e Estácio Kopceski, Bartolomeu Falkoski, José Falkoski, Vicente Rapkievich, Raimundo Lavandoski, Casemiro Marczinski, Valentim Wroinchinski, João Falisiak, José Graziviecz, Romano Propodoski, fixando-se em áreas montanhosas, difíceis de serem trabalhadas.<sup>105</sup>

Nessas palavras do Gelatti, tenta-se encontrar na geografia a explicação para o insucesso de algumas colônias de poloneses, sobretudo no Vale das Antas. A explicação pode estar na própria pátria de origem, a Polônia. Os povoadores poloneses do Rio das Antas eram de uma região de domínio prussiano que é recortada por rios, e esses imigrantes estavam acostumados a viver perto dos rios. É uma tese, que ainda carece de estudos conclusivos. Ainda, “devido à semelhança do relevo com os Montes Cárpatos existentes nas regiões da pátria de origem, denominaram de Cárpatos.”<sup>106</sup> A região dos *Karpaty*, os montes poloneses, fica próximo à região sul, de então domínio Austro-Húngaro. Por esse motivo, os imigrantes e migrantes estabelecidos nessa região do município assim o denominaram, pela semelhança geográfica com o lugar de origem. Essa denominação informal terminou por nomear

<sup>103</sup> GELATTI, 1984, p.160.

<sup>104</sup> GELATTI, 1984, p.164.

<sup>105</sup> GELATTI, 1984, p.162.

<sup>106</sup> GELATTI, 1984, p.164 .

oficialmente o local, mas o nome ‘Montes Cárpatos’ está carregado de uma memória ressentida pelo preconceito dos ‘outros’, incluindo nesses os descendentes de outras etnias e da própria também. “carrapato” era a denominação dos ‘outros’. Por esse sentimento de vergonha, havia descendentes que não concordaram com o nome oficial do distrito de Montes Cárpatos. No livro de Gelatti, o autor descreve as terras de Santo Antonio do Palma, com base em dados da comissão de colonização do Estado do Rio Grande do Sul, como sendo parte delas formada por sobra de terrenos, porque eram montanhosos e impróprios para agricultura, principalmente na Capela de Nossa Senhora do Rosário, localizada no distrito de Montes Cárpatos. Ele diz ainda que as extensas áreas planas e sem pedras possibilitavam a agricultura com o auxílio de máquinas.<sup>107</sup>

Kosowski<sup>108</sup> usa como exemplo de colonização na Linha 15 de novembro uma família estabelecida em cima de um monte:

Observa-se que uma grande concentração de poloneses efetuou-se nos lotes de alta numeração, isto é, no extremo final da linha. O último lote da Linha 15 de Novembro é o de número 204, da Família de Miguel Grochot ao sopé de um dos mais altos cimos dos Montes Cárpatos (809 mts) no município de Santo Antonio do Palma, na divisa dos vizinhos municípios de Casca e São Domingos.

Para Ágata Grochot dos Santos, pesquisadora da cultura polonesa no município, ela credita ao tempo o estabelecimento dos imigrantes e migrantes nas terras planas e montanhosas. Para ela, os que se estabeleceram nas terras planas da Linha Quinze de Novembro, em Casca, chegaram antes. Para os que vieram depois só havia disponibilidade dos morros de Santo Antonio do Palma.

O interesse maior deste trabalho não é o fato histórico relativo a uma verdade sobre a colonização dos morros de Santo Antonio do Palma ou de áreas pedregosas; interessa a memória coletiva construída sobre esse assunto. Nas conversas com descendentes, notei que os relatos de dificuldades exclusivas aos poloneses não são maioria. Os relatos familiares se referiam as dificuldades na Polônia e as dificuldades iniciais aqui no Brasil. Mas uma memória coletiva sobre as ‘piores terras’ não se revela notadamente nas famílias estabelecidas em terras planas, com fácil acesso a estradas adequadas e à cidade.

<sup>107</sup> GELATTI, 1984, p. 167.

<sup>108</sup> KOSOWSKI, Vitor Inácio. *Os Poloneses da colônia de Alfredo Chaves/ Guaporé: Imigração Polonesa na Serra Gaúcha*. Ed. do autor: Bento Gonçalves, 2006. p. 222.

### 1.2.7 Religião, nacionalismo e cultura

A devoção é um elemento integrante da cultura do imigrante polonês, e também faz parte da cultura nacional da Polônia, por isso esses três itens – religião, nacionalismo e cultura, fazem parte da história da etnia polonesa e são importantes para se entender a polonidade.

O primeiro local público de orações foi construído por volta de 1907, por iniciativa de Fortunato Palma, sendo o oratório em honra de Santo Antonio. Deste momento em diante, cada capela construiu seu próprio local. Uma capela que pudesse abrigar as pessoas foi construída em 1917. Essa capela corresponde ao lugar onde hoje é o centro da cidade de Santo Antonio do Palma.<sup>109</sup>

Essa localidade, desde que virou paróquia, em 1959, sempre teve a presença de um sacerdote polonês ou descendente. Criou-se uma tradição que se mantém até hoje. O primeiro padre foi Valentim Nowaski, que fora capelão da força aérea polaca durante a Segunda Guerra Mundial. Seu sucessor foi o sacerdote João Modkoski, em 1968. Atualmente, o pároco é Jan Flig, que atende as 17 capelas do município, mais a sede.

Um fato importante para a religiosidade local foi a construção de um pequeno capitel em estilo polonês, numa encosta na divisa entre este município e a cidade de Casca, para simbolizar a data de 1966, em que foi comemorado o Milênio da Cristandade na Polônia. O idealizador desta obra foi o padre do distrito na época, Valentim Nowaski.

---

<sup>109</sup> GELATTI, 1984, p.166.

A história deste oratório foi escrita pela descendente de poloneses e pesquisadora local Ágata Celeste Grochot dos Santos, que forneceu uma cópia para mim:

O Padre Valentim decidiu que, por causa da importância da data do Milênio para os imigrantes poloneses, ele ergueria um capitel em homenagem a rainha do povo polonês: Matka Boska Czestochowska, para que os descendentes tivessem viva na lembrança esta data tão grandiosa. Optou-se então, por um local que pudesse atender as duas Paróquias, onde o povo tinha que percorrer grandes distâncias para se reunir e rezar. O terreno se localiza na divisa dos dois municípios, na linha 15 de Novembro, atualmente pertencente ao Município de Santo Antônio do Palma.[...]A construção começou em agosto de 1966 e seguiu até janeiro 1967, onde houve uma grande festa para a inauguração do Capitel.No altar principal foi colocado um quadro doado pelas irmãs religiosas da Imaculada Conceição de Ilópolis, trazido especialmente da Polônia para ser colocado no Capitel. De um lado do altar foi posto um quadro de São Valentim e, do outro, um quadro de São João Batista, dois santos muito venerados pelas duas pessoas que mais batalharam pela construção do Capitel.[...]Com o passar do tempo o Padre Valentim foi transferido e veio o Padre João Modkoski que sempre incentivou o culto à Rainha dos Montes Claros, rezando uma missa em cada mês do ano. Fora isto, todos os domingos rezava-se o terço em polonês, a Via Sacra na Quaresma e, em dezembro, era celebrada uma grande festa com a participação da comunidade de Nossa Senhora do Rosário e grande número de participantes da Paróquia de Casca.



**Figura 16: Capitel de Nossa Senhora de Czestochowa – situado na divisa entre os municípios de Casca e Santo Antonio do Palma - 2008**  
Fonte: Arquivo da autora

A capela de Nossa Senhora do Rosário ainda possui um templo de madeira em estilo polonês, construído em 1963. O primeiro a ser construído foi por volta de 1927. Este local já

teve uma escola para ensino de crianças descendentes, na década de 20, sendo o primeiro professor Cazemiro Kosvoski.<sup>110</sup>



**Figura 17: Pessoas em procissão em frente à Capela de Nossa Senhora do Rosário – distrito de Montes Cárpatos, Santo Antonio do Palma – década de 1930**

Fonte: Arquivo de Ágata Grochot dos Santos

O povoado de Santo Antonio era um lugar de movimentação constante. Por lá o trânsito de tropeiros, cargueiros, e mais tarde carreteiros era intenso. As mercadorias trazidas de Muçum e Guaporé eram levadas para Campo do Meio e Passo Fundo.<sup>111</sup>

Os camponeses só conheciam a língua polonesa, mas no contato com outros grupos aprenderam o português e passaram a entender o italiano. A cultura polonesa era vivida no cotidiano, através do vestuário, alimentação, os cantos populares e a religiosidade própria. A moradia da família “era caracterizada por uma casa de madeira e uma cozinha, geralmente separada da casa, por receio de incêndio.”<sup>112</sup> Uma das características da casa era o telhado alongado na frente ou dos lados da casa para fazer sombra, a presença do sótão e os *lambrequins* decorativos que serviam de pingadeiras, colocados nas laterais do telhado.<sup>113</sup> A presença do salgueiro, também conhecido como chorão (*wiezba*) e o álamo (*topola*) perto da casa era comum, visto que são árvores igualmente existentes na Polônia.<sup>114</sup> Perto da cozinha se cultivava uma horta, com repolho, alface, ervilha, pepinos, batatinhas, beterraba, fava,

<sup>110</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário, Distrito de Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma, escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009. Fornecido pela autora.

<sup>111</sup> GELATTI, 1984, p.162.

<sup>112</sup> STAWINSKI, 1999, p. 94.

<sup>113</sup> SIEWIERSKI, 2000, p.86.

<sup>114</sup> STAWINSKI, 1999, p. 55.

cenoura, coentro (usado na conserva de pepinos), funcho e papoula vermelha.<sup>115</sup> Estes são ingredientes dos pratos típicos poloneses, oriundos das diversas regiões de origem dos imigrantes, e por isso não são unanimidade em todas as famílias. Observa-se que a bibliografia sobre a imigração polonesa no Rio Grande do Sul descreve muito pouco sobre os hábitos alimentares dos poloneses.

Na colônia polaca de São Marcos, os colonos eram assim caracterizados:

Os agricultores poloneses sabiam cultivar a terra. Dedicavam-se, especialmente, ao cultivo do trigo, centeio, aveia, milho, ervilha, linho. Eram, ainda, hábeis apicultores e apaixonados criadores de cavalos, vacas e ovelhas. Criavam, em pequena escala, galinhas, patos, gansos e perus.<sup>116</sup>

Nas refeições se sobressaía o consumo de batata inglesa, repolho, beterraba, carne de porco, cuca, ricota.<sup>117</sup> Na comunidade de Nossa Senhora do Rosário, os primeiros moradores plantaram trigo, fava, ervilha, milho, arroz, feijão, amendoim, batata e frutas.<sup>118</sup>

Em 1962, o povoado virou distrito de Santo Antonio, e mais tarde, em 1993, emancipou-se de Casca, registrado como Município de Santo Antonio do Palma. O nome ‘Santo Antonio’ vem do santo padroeiro, e ‘Palma’ é uma homenagem à família então mais influente do município, de origem italiana.

Para concluir, nesse capítulo descrevi uma breve história da Polônia, que é necessário para compreender o ambiente político e cultural em que viviam os imigrantes e descendentes aqui chegados. O passado dos emigrados não foi deixado para trás, e eles reproduziram nas comunidades a cultura de origem, através do modo de vida e de crença. Alguns estigmas também atravessaram o Oceano e aportaram em solo Rio-Grandense. O fato de não terem passaporte da Polônia e sim das potências invasoras marcou negativamente a grande massa de camponeses, e interferiu na construção negativa de sua imagem.

Mas as dificuldades relatadas na bibliografia da imigração polonesa no Rio Grande do Sul que utilizei não impediram o êxito das famílias. Conseguiram a liberdade de falar seu idioma, professar sua fé católica e viver sua cultura em terra própria. Julguei pertinente confrontar alguns mitos da imigração polonesa em solo gaúcho, por exemplo, as piores terras

---

<sup>115</sup> STAWINSKI, 1999, p 94.

<sup>116</sup> STAWINSKI, 1999, p.94.

<sup>117</sup> GELATTI, 1984, p.164.

<sup>118</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário, Distrito de Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma, escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009.

destinadas aos poloneses e a caracterização depreciativa exclusiva do camponês imigrante. Esses fatos são ainda utilizados por pesquisadores e historiadores, e também fazem parte do imaginário dos descendentes dos colonizadores.

Os municípios analisados, Casca e Santo Antonio do Palma, foram escolhidos por muitas famílias polonesas como destino final na busca de terra. Formaram comunidades expressivas com identidade cultural própria que se mantém até hoje. No próximo capítulo, vou levantar algumas questões conceituais como nação e identidade, além de mostrar os principais elementos - a casa, a roça, a fé, utilizados por essas comunidades para recriar e manter a cultura herdada de seus antepassados.

## 2 IDENTIDADE POLONESA E REALIDADE REGIONAL: ASPECTOS ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DA POLONIDADE

Neste capítulo, farei um panorama atual dos municípios de Casca e Santo Antonio do Palma, em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Isso é necessário para compreender em que ambiente habitam e interagem os descendentes poloneses. Outros aspectos e acontecimentos também são utilizados para a construção da polonidade, como a fé polonesa, o *ethos* de agricultor, a perseguição étnica promovida por Getúlio Vargas e o nacionalismo polonês.

Os imigrantes poloneses deixaram para trás um país invadido, empobrecido, politicamente inexistente e etnicamente perseguido (lembrando que não foi um processo homogêneo em todas as regiões dominadas). A condição de “sem bandeira” e com passaporte dos países opressores são fatos que residem na memória dos imigrantes e se perpetua pelos descendentes. As narrativas da história da imigração, tanto orais quanto literárias, exploram bastante estas questões de ordem ‘nacional’, muito caras ao povo polonês, cujo reconhecimento como Estado data de 1025.

### 2.1 Nacionalismo polonês

Hobsbawn cita que o velho significado de “nação” contemplava, principalmente, a unidade étnica, embora seu uso recente indicasse mais a ‘noção de independência e unidade política.’<sup>119</sup> Ele ainda diz que o conceito moderno de nação começou a ser usado principalmente a partir da Era das Revoluções, de 1830 em diante, para definir um ‘princípio de nacionalidade.’<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.31.

<sup>120</sup> HOBSBAWN, 1998, p.31.



O pesquisador Ruy Wachowicz<sup>121</sup> faz esclarecimentos a respeito deste assunto, enfatizando que o nacionalismo do camponês emigrante era específico:

Porém, especificadamente no caso polonês, ocorre um fenômeno típico. A ocupação por três potências vizinhas proporcionou o surgimento, em sua população, de um espírito nacionalista diferente do de outros países europeus. Pelo fato de seus territórios e populações serem tratados como regiões e populações de ocupação, o patriotismo polonês, fundado e alicerçado na sua *polonidade*, adquire uma conotação que caracteriza os nacionalismos dos países atrasados e arcaicos, ele está repleto de desconfianças contínuas para com os estrangeiros que têm interesses na Polônia, é fechado, quase impenetrável, dominado por sentimentos e ressentimentos.[...] o objetivo primordial desse nacionalismo é, antes de tudo, a afirmação de sua existência e do princípio de sua independência.

E diz ainda que, na obra que escreveu, o nacionalismo polonês significa “o conjunto de sentimentos patrióticos mais ligados a um amor próprio de povo ferido e humilhado, do que referente à defesa de interesses nacionais propriamente ditos.” O que aconteceu na Polônia pré-emigração pode corroborar a teoria de Wachowicz, já que

De fato, quando na era pré-nacional encontramos o que hoje seria classificado como um movimento popular autônomo de defesa nacional contra invasores estrangeiros, como na Europa central dos séculos XV e XVI, sua ideologia parece ter sido social e religiosa, mas não nacional.<sup>122</sup>

Para ajudar a entender esse imaginário nacional polonês, Hall<sup>123</sup> explica que

há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação.

Essa narrativa da nação produziu, ainda pelo conceito de Hall, um “*mito fundacional*: uma história que localiza a origem da nação, do povo e do seu caráter nacional num passado

---

<sup>121</sup> WACHOWICZ, 1981, p.11.

<sup>122</sup> HOBSBAWN, 1998, p.89.

<sup>123</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 52.

distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”.”<sup>124</sup> Esse mito existe na identidade polonesa pela lenda dos três irmãos eslavos, descrita no primeiro capítulo. Como essa lenda fala da criação dos povos eslavos, pode-se afirmar também que “a identidade nacional é também, muitas vezes, simbolicamente baseada na idéia de um *povo ou folk puro, original*”.<sup>125</sup>

O apego do descendente polonês à pátria de origem de seus antepassados é um elemento presente na memória coletiva e parte de sua identidade. É tão forte que para os imigrantes poloneses era indispensável, pelas condições de subordinação a que viviam. Superou até o regionalismo de origem. Isso foi favorecido pela língua polonesa única, poucos dialetos, não vinculada a um local, realidade diferente dos italianos, identificados pelo dialeto de sua origem, por exemplo, veneziano, friulano, trentino, lombardo, bergamasco.

É possível que o recorte geográfico e político feito pelos impérios invasores na Polônia tenha sufocado a identificação da vila, da cidade, da região, do clima, dos elementos da cultura regionalista. Mas essa questão da valorização da nação não é uma tendência somente de algumas décadas atrás. O imigrante polonês chegou ao Brasil com o estigma de “sem bandeira” promovido por outros imigrantes europeus que viviam um ambiente de unificações nacionalistas, como a Itália e Alemanha. Esse fato já foi estudado pela historiografia, que revelou o estrago que não ter nação produziu na auto-estima do imigrante. Por isso, o nacionalismo é uma característica fundamental para a compreensão da identidade polonesa, e está vinculado a já dita “narrativa de nação”. Isso pode explicar a mobilização dos imigrantes e descendentes por ocasião das Guerras Mundiais, no envio de voluntários para combate e auxílio à criação da República da Polônia em 1918 e na reconstrução após 1945.

[...] os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob os quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores.<sup>126</sup>

A imigração talvez tenha sido um agente de ruptura desse modelo. Pela primeira vez, os camponeses tiveram a chance de ser agentes da história. Ao chegar ao Brasil, os recursos materiais e culturais fornecidos pelas outras gerações, como cita Marx, não estavam

---

<sup>124</sup> HALL, 2002, p.54.

<sup>125</sup> HALL, 2002, p.55.

<sup>126</sup> MARX apud HALL, 2002, p. 34.

disponíveis no Brasil. As condições históricas, algumas delas, como a submissão a outros governos, que implicou nas perdas econômicas, culturais e políticas ficaram para trás. Os antepassados começaram a fazer história colonizando essas terras e desenvolveram aqui um modo de vida próprio. Impressiona a capacidade de organização em torno da escola e da sociedade polonesa, porque os imigrantes não trouxeram de herança iniciativas desse tipo.

Os imigrantes trouxeram o nacionalismo como bagagem cultural, que continuou a ser cultuado nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma. Eles possuem uma memória precedente, a qual se origina na Polônia ocupada, está presa à origem e à emigração. No tempo e memória de Halbwachs<sup>127</sup>, a memória dos imigrantes poloneses que se perpetua entre os descendentes não salta temporalmente, ela se sucede linearmente, começando na Polônia. Mas não é isenta, por ser uma memória da imigração polonesa, tendo como ponto de origem as dificuldades, à categoria de vítimas, sem ou com pouca terra, ameaçados de despolonização, negados de nacionalidade étnica.

## **2.2 Casca e Santo Antonio do Palma, lugares de comunidades polonesas**

Os dados estatísticos, segundo FEE 2008<sup>128</sup>, o município de Casca contabiliza uma população de 8.507 pessoas, e entre estes 5.031 moram na área urbana. A etnia polaca corresponde a 22% dos habitantes, e sua maioria reside na área rural. A agricultura e a pecuária são cultivadas num relevo principalmente ondulado (60%) e montanhoso (38 %). A economia do município está diversificada entre a produção primária, indústria e comércio. Possui um campus universitário, uma emissora de rádio e a circulação de um jornal local e outro regional.

Nos municípios colonizados por imigrantes, essa referência cultural atualmente tem grande importância, principalmente pela força que exerce a indústria do turismo. As cidades

---

<sup>127</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

<sup>128</sup> Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. Disponível em [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br) – acessado em agosto/2010

tem se esforçado para conservar e recriar identidades. A cidade está vinculada à Atuaserra<sup>129</sup> e integra a Rota Uva e Vinho<sup>130</sup>, e dentro desta pertence à microrregião 1, a Rota dos Trigais<sup>131</sup>.

O local de referência da etnia polonesa é a Linha Geral Velha, onde está a Capela de Nossa Senhora de Czestochowa, distante alguns quilômetros do centro da cidade de Casca.

No município de Casca, a cultura da imigração polonesa reside em espaço fechado: o lar, onde habitam os próprios descendentes, e nas capelas com essa identidade étnica dominante, através da imagem de dois símbolos da Polônia, Nossa Senhora de Czestochowa e do Papa João Paulo II. Esse espaço restrito assemelha-se à vida dos colonizadores. Não há museu, não há pórtico, não há monumento, nem escultura, pintura ou arquitetura. Não existe prato típico à venda, nem pode ser encontrado nos restaurantes. A língua polonesa não é comumente falada na rua, no mercado, na fila do banco. Faltam nomes étnicos de ruas; a única referência fica no lugar conhecido como “Garganta dos Polacos”, um desfiladeiro de pedras por onde passa a rodovia de acesso à cidade. Na praça central, há referências sobre a cultura dos colonizadores italianos através da réplica de um moinho, do *gemellagio*, um acordo de cidade co-irmã com uma cidade italiana, que inclusive tem monumento na praça central. Fora os museus, casas típicas, culinária típica através de padarias, restaurantes e “casas de massas”, vinícolas, agroindústrias de salame e queijo. Todos os produtos da imigração italiana com seu espaço simbólico e material definido. Um cenário semelhante existe em Silveira Martins, município próximo de Santa Maria, com a minoria negra do lugar, como relata Maria Catarina Zanini<sup>132</sup>:

Silveira Martins é considerado um município de colonização italiana, contudo, entre os seus 1.039 habitantes da área urbana, há um número considerável composto por descendentes de negros, que habitam a “Vila dos Morenos”, como é denominada pela população italiana. Em termos de distribuição espacial e histórica da cidade, não possuem visibilidade e nem *status*. Para mim, inclusive, foi uma surpresa constatar que numericamente eram tão presentes e que, para os que não são do lugar, simplesmente, não possuem visibilidade e nem chegam a ser referidos nas obras literárias sobre o lugar. Na imagem construída do município, como fruto da colonização italiana, os negros não aparecem, nem espacialmente e nem nas relações interétnicas.

<sup>129</sup> Associação de Turismo da Serra do Nordeste - coordena as ações de desenvolvimento do turismo regional, a sustentabilidade das comunidades, a manutenção da cultura e do ecossistema em potencial existente na região. Site [www.serragaucha.com](http://www.serragaucha.com) - acessado em dezembro/2009

<sup>130</sup> Projeto turístico desenvolvido pela Atuaserra para a região da serra do nordeste produtora de uva e vinho. Disponível em [www.serragaucha.com](http://www.serragaucha.com) - acessado em dezembro/2009

<sup>131</sup> Rota dos Trigais, composta por 7 municípios da Região Uva e Vinho: Marau, Vila Maria, Casca, Santo Antônio do Palma, São Domingos do Sul, Paraí e Nova Araçá. É assim denominada porque o cultivo de videiras é menor se comparado ao cultivo do trigo. Divulga principalmente a cultura italiana e polonesa presentes nesses municípios. Disponível em [www.serragaucha.com](http://www.serragaucha.com) - acessado em dezembro/2009

<sup>132</sup> ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *A Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria RS*. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2006. p.77.

É um espaço público que oprime a existência polonesa na cidade. Ela está reservada para oportunidades específicas e para o ambiente social étnico próprio. O desenvolvimento urbano através da industrialização e prestação de serviços produziu uma dinâmica econômica e social dissociada do contexto rural, mesmo que na prática isso não se confirme. A construção de um imaginário coletivo na cidade de progresso industrial e cultural com a abertura de novas indústrias e uma instituição de ensino superior reduziu a força econômica, social e cultural dos moradores da área rural, independentemente de sua etnia. O fato de a etnia polonesa residir no espaço geográfico do campo, e seus integrantes serem pequenos agricultores, inferioriza a visibilidade desse grupo, já numericamente minoritário.

Já Santo Antonio do Palma é um município visivelmente polonês. Informalmente, esta cidade tem o rótulo de uma cidade polonesa, visto que possui 2.247<sup>133</sup> habitantes, e destes, metade é descendente da etnia polonesa que colonizou o município. Porém o histórico municipal<sup>134</sup> apenas faz referência aos nomes de colonizadores poloneses, omitindo a contribuição desta etnia no desenvolvimento do local. A população rural é dominante, com 1.538 pessoas, assim como o perfil agrícola, reconhecido também pelo cultivo ecológico cultivado por algumas famílias descendentes. Esse diferencial rendeu ao município muita visibilidade, porque estes produtos, in natura como cereais, hortaliças e frutas, e industrializados pelas agroindústrias familiares, são comercializados em outros municípios. As capelas com predominância polonesa são Nossa Senhora do Rosário (Distrito de Montes Cárpatos), Santa Ana, Santa Terezinha (Distrito) e Nossa Senhora da Pompéia.

Vitrine maior esse pequeno município, cuja área urbana reside em torno de 709<sup>135</sup> famílias, conseguiu ao construir uma praça central grandiosa, inaugurada em 2009 com o duplo objetivo de opção de lazer para a comunidade e atração turística. Nela podemos encontrar uma referência à cultura polonesa espécie de mural de pedra em que foram fixados elementos como a águia branca, no centro; duas placas com as cores da bandeira polonesa branca e vermelha; *lambrequins*, na cor amarela, utilizados nas casas antigas, um ovo pintado estilo *pisanki* (símbolo da páscoa), verde com bolinhas brancas; uma flor típica do artesanato polonês, com pontas, nas cores vermelho e marrom claro; e o dispositivo de puxar água do poço. Há também murais com os símbolos da cultura italiana e gaúcha. São as principais culturas vivenciadas na cidade. Interessante observar a cultura gaúcha lado a lado com as

---

<sup>133</sup> Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.

<sup>134</sup> Histórico do município de Santo Antonio do Palma, disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

<sup>135</sup> Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.

culturas étnicas. Esses murais objetivam homenagear as culturas mais expoentes do município.



**Figura 18: Mural da Cultura Polonesa na Praça Municipal de Santo Antonio do Palma - 2009**  
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal



**Figura 19: Vista parcial da Praça Municipal de Santo Antonio do Palma - 2009**  
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal



**Figura 20:** Praça Municipal de Santo Antonio do Palma – em frente à Igreja Matriz têm uma queda d’água.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal



**Figura 21:** Vista parcial da Praça Municipal de Santo Antonio do Palma, embaixo da passarela. Ao fundo, na parede de basalto, estão os murais - 2009

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal

Canclíni<sup>136</sup> explica que os monumentos e museus são templos da identidade. Os monumentos apresentam cenas, heróis e objetos fundadores que são expostos numa praça,

---

<sup>136</sup> CANCLÍNI, 2001, p.183.

porque é um lugar público de todos, estando permanentemente disponível para aqueles com quem se comunica um bairro ou até mesmo a nação. O espaço da praça ou do museu se torna cerimonial, porque contém símbolos de identidade, objetos e lembranças dos heróis e batalhas escolhidos, que não mais existem, mas são guardados porque remetem à origem, conservando assim um modelo de identidade que se institui autêntico.

Os murais das culturas, expostas na praça municipal, contém elementos que ainda existem, mas no caso da cultura polonesa, esses elementos representam uma mescla entre passado e presente. O *lambrequim* (pingadeira), o ovo pintado e a águia branca pertencem ao passado dos imigrantes e descendentes, embora a pingadeira já não seja usada nas habitações atuais, está restrita a poucos exemplares, e o ovo pintado da Páscoa não é mais unanimidade nos lares nesta ocasião. O dispositivo que puxa a água do poço era comum no tempo dos colonizadores, e para todas as etnias. Foi gradativamente sendo substituído pelo progresso técnico. Foi escolhido para o mural da cultura polonesa, porque faz referência à água, uma das características da arquitetura da praça, mas não tem significado étnico. A referência de Canclíni para os símbolos que são expostos por não existirem mais, nesse caso a pingadeira, eles são expostos não pelo desaparecimento, mas porque representam a cultura polonesa do município. Para o olhar dos “outros”, essa é a conclusão. Apenas símbolos materiais compõem o mural, e símbolos nacionalistas como as cores da bandeira polonesa, branca e vermelha e a águia. A fé polonesa, elemento de sua cultura, que mostrarei adiante, não foi escolhida como representativa pela política cultural do município.

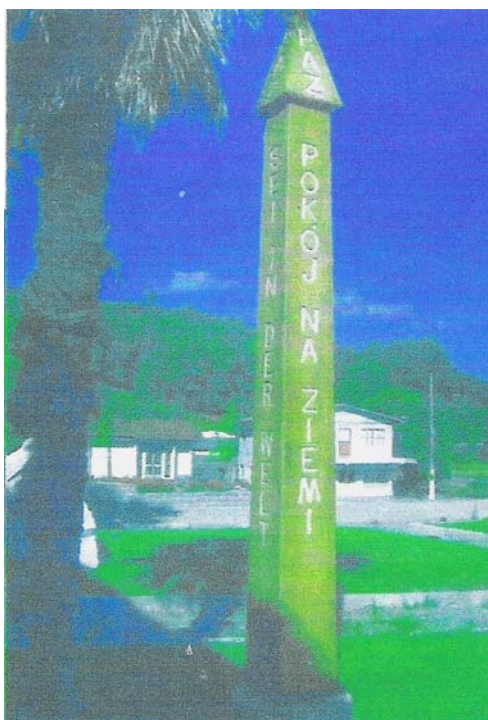
Canclíni ainda complementa explicando que o patrimônio existe como força política quando age como um teatro organizado, tanto em comemorações ou monumentos, como a praça do município. Ele acredita que o analfabetismo, há pouco tempo eficazmente combatido na América Latina, favoreceu a cultura visual. O povo se transforma em público, que contempla a coleção de símbolos determinados a representá-lo. Os símbolos nacionalistas também têm destaque, assim como as figuras heróicas que podem ser políticos e padres.<sup>137</sup> A cultura polonesa é visual, independente de alfabetização, no terceiro capítulo vou mostrar os rituais e artesanato feitos que possuem um aspecto estético que é valorizado atualmente. Mas a escolha dos elementos que representam a cultura polonesa se deu a partir do outro, não de si. Os critérios utilizados foram pensados na esfera turística, mesmo que o objetivo contemplasse uma homenagem às culturas principais.

---

<sup>137</sup> CANCLÍNI, 2001, p.159.



Outras referências materiais da cultura polaca se destacuem pela arquitetura: o Centro Agroecológico em estilo montanhês (assim escolhido pelo relevo montanhoso característico da cidade e da região montanhosa da Polônia também), localizado na capela Santa Ana e inaugurado em 2008; a residência em estilo montanhês de Alceu Primel na comunidade de Santa Ana, a casinha em estilo montanhês junto à Casa Canônica, residência típica e pórtico em estilo polonês de Ágata Grochot dos Santos, obelisco na Praça municipal com a inscrição ‘Paz na Terra’, nos idiomas português, polonês, italiano e alemão.



**Figura 22: Obelisco na Praça Central de Santo Antonio do Palma – a inscrição Pokój na Ziemi significa Paz na Terra – 2009**

**Fonte:** Arquivo de Ágata Grochot dos Santos



**Figura 23: Centro Agroecológico de Santo Antonio do Palma, na capela Santa Ana.**  
**Fonte:** Arquivo da autora, 2010.



**Figura 24: Casa do agricultor Alceu Primel na capela Santa Ana, em estilo montanhês.**  
**Fonte:** Arquivo da autora, 2010

É possível encontrar referências, sob o ponto de vista turístico, no site da Atuaserra, onde se encontra uma foto de uma casa de arquitetura polonesa e a referência de turismo

religioso na capela de Nossa Senhora do Rosário. Como patrimônio histórico municipal possuiu o oratório na divisa com a cidade de Casca, mencionado no capítulo anterior, também como arquitetura típica a capela de madeira em estilo polonês no distrito de Montes Cárpatos.

Possui quatro ruas com nomes de poloneses e descendentes, além de capelas no interior. O Ginásio Municipal leva o nome do Pe. João José Modkoski, que atendeu a o município por dezenove anos. Algumas agroindústrias pertencem a famílias polonesas, por exemplo, Kobelinski. A cidade tem uma ‘paisagem cultural’ polonesa. Esses elementos fazem parte dos códigos culturais, que “constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão.”<sup>138</sup> Os códigos podem ser materiais ‘encontrando-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, no vestuário típico, nas artes, na gastronomia, na música, na religiosidade e nas festividades.’ Ou imateriais, como valores e convenções.<sup>139</sup>

Ao mesmo tempo que confere visibilidade à cultura polonesa, as decisões da Prefeitura, de construir edificações típicas, monumentos e outros, expõe o que Canclíni<sup>140</sup> define como o papel do Estado de protagonista, porque atua na definição e promoção do patrimônio, mas também possui um poder de decisão que pode ser orientado por estratégias de manipulação histórica ou simplesmente política.

Outro pilar da construção da polonidade, nos locais da pesquisa, é a área rural e sua dinâmica cotidiana e ritualística. A maioria dos descendentes moradores de ambos os municípios habita no espaço rural, e é nele que residem os elementos culturais ainda mantidos pelas famílias.

### 2.3 A casa e a roça – presença da polonidade

Na Polônia pré-emigração, “apesar do desenvolvimento da industrialização, a classe camponesa continuava a ser o esteio da *polonidade*.”<sup>141</sup> O mesmo ocorreu em terras brasileiras, como descreve Stawinski: “o sentimento de polonidade é mais encontrado na

<sup>138</sup> NETO, Helena Brum. BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Dez.2008. p.135-155.

<sup>139</sup> BEZZI;NETO, 2008, p.141.

<sup>140</sup> CANCLÍNI; Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n.23, p. 95-111, 1994.

<sup>141</sup> WACHOWICZ, 1981, p.28.

área rural do que nas vilas e cidades.”<sup>142</sup> Nas comunidades estudadas de fato é a área rural que abriga a maioria dos descendentes poloneses, e suas manifestações culturais étnicas. Além de ser o reduto da polonidade, é também o lugar da religiosidade, e nesse caso uma fé identitária, com rituais e devoções específicas.

O trabalho com a terra também caracterizou uma parte significativa da imigração polonesa para a Argentina. Em 1997 foi criada uma data comemorativa nacional. Nas palavras do Dr. González, deputado argentino

Recordar el día 8 de junio de cada año la llegada del primer colono de origen polaco a la Argentina, significa sin duda reivindicar la memoria de aquellos hombres y tener siempre presentes a quienes con tanto sacrificio contribuyeran a construir nuestra patria.<sup>143</sup>

Para Alcimara Foetsch<sup>144</sup>, “percebe-se que vivendo no interior, em condições de certo isolamento, é mais fácil conservar os costumes, preservar a língua, a consciência de sua origem, enfim sua identidade étnica.” Como já mencionei, a diretoria das Braspóis de Casca e Santo Antonio do Palma é composta quase que totalmente por moradores rurais. Mas não significa que vamos encontrar em todos os lares a cultura e a identidade, nem uma mobilização em torno disso. Os símbolos e costumes poloneses foram gradativamente perdendo espaço no campo também. Deparei-me com um cenário incomum em se tratando de cultura de imigração; uma parte dos descendentes poloneses que cultivam a terra possuem uma cultura e identidade agrária, que concorre com a herança cultural de seus antepassados. Morando nas mesmas terras que os seus antepassados ou em terras mais recentemente adquiridas, os descendentes reproduzem uma identidade rural, que perpetua a mesma dificuldade inicial dos colonizadores – o isolamento. As estradas são de terra, nem sempre bem conservadas, e a comunicação por telefone e internet não chega a todos os lares, e o serviço oferecido não é de qualidade em todos os lugares. Mas televisão e rádio são comuns nas casas, afastando o isolamento ‘virtual’ do resto do mundo, embora o recorte espacial do agricultor continue a ser a sua casa, os vizinhos, a capela, e o centro da cidade ou cidades

<sup>142</sup> STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul 1875-1975*. 2 ed. Porto Alegre: Est Edições, 1999, p. 115.

<sup>143</sup> KOJROWICZ, Claudia Stefanetti. *El día del Colono Polaco*. Artigo publicado em maio/2007 no endereço eletrônico [www.elaguilablanca.com.ar](http://www.elaguilablanca.com.ar) - acessado em setembro/2008.

<sup>144</sup> FOESTCH, Alcimara Aparecida. Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet (PR). *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, Junho/2007, v. 8, nº21. p.59-72.

próximas quando preciso (compras, hospitais, bancos, escolas). A maior parte do tempo é passada em casa, seja para trabalho, seja para lazer.

O isolamento social e espacial é uma característica da vida agrícola, que pesa no modo de vida das famílias, mas favorece uma rotina, uma rigidez que ainda define a vida cotidiana como “[...] a esfera das mulheres, da reprodução e dos cuidados”<sup>145</sup>, é e também reduto de ‘práticas culturais’ étnicas, que Certeau define como

A combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (*menu* gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social [...] “Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a *identidade* de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.”<sup>146</sup>

A visibilidade social das comunidades estudadas é notadamente agrícola. É uma característica generalista trazida da Polônia pelos imigrantes:

O fato de dedicarem-se os imigrantes poloneses predominantemente à agricultura de subsistência [...] fator importante desempenha nesta circunstância a mentalidade do próprio imigrante, isto é, o *ethos* dos aldeões camponeses, porque em última instância, este é o agente principal.<sup>147</sup>

O *ethos* pode ser entendido como um modo de ser, uma sabedoria inerente a um conjunto de informações, códigos mentais e técnicos adquiridos durante a vida e que produzem um conjunto de saberes.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> FEATHERSTONE, 1997, p. 87.

<sup>146</sup> CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 39

<sup>147</sup> WACHOWICZ, 1981, p.13.

<sup>148</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

No âmbito rural, se caracteriza pelas relações sociais construídas em torno da família, do trabalho, da comunidade, da terra e no mundo exterior.

Percebeu-se que os imigrantes viviam na Europa em condições semi-feudais de vida, cultivavam a terra e criavam animais em um sistema rural, não estavam acostumados ao comércio e a opressão sofrida fez com que temessem o urbano e buscassem continuar a viver como camponeses, fato este que contribuiu para que o polaco seja logo associado com o rural.<sup>149</sup>

Tal vontade de se apresentar como colono ou ligado à região colonial parte, de um lado, da construção de um passado comum apresentado como heróico e, de outro, da importância do colono em tempos de abundância turística, onde a imagem do colono, agora construída, tornou-se, ela também, parte do modo de ser regional.<sup>150</sup>

A identidade agrária é reforçada por iniciativas como a do grupo de Agricultura Ecológica da comunidade Santa Ana. Criado em 1985 por iniciativa da família de Alceu Primel, hoje o é composto por oito famílias, a maioria delas de descendentes de poloneses. Hoje coordenador do grupo, Alceu Primel conta que herdou da família os princípios do cultivo ecológico, e que após fazer um curso de cultivo ecológico quando era jovem, passou a adotar permanentemente esse tipo de cultivo, que é ligado também a uma filosofia de vida. Uma das características primordiais do grupo agroecológico é a saúde e a ecologia, e não o capitalismo.<sup>151</sup>

Esse grupo agroecológico promove o Jantar Ecológico desde 2004. Estas famílias descendentes de poloneses, embora conservem alguns aspectos da cultura de origem, isso fica no âmbito pessoal, do lar, manifesta-se por ocasião dos rituais típicos, mas não se mostra como uma *bagagem cultural* herdada de trabalho e cuidado com a terra. Esse sistema de vida étnico não entra na imagem do “produtor ecológico”, salvo algumas ocasiões em que o porquê de cultivar assim é investigado, como já disse o coordenador do grupo.

<sup>149</sup> FOESTCH, 2007. p.66.

<sup>150</sup> GIRON, Loraine Slomp. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp. RADÜNZ, Roberto (Org). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, Educ, 2007. p.53.

<sup>151</sup> BORDIN, Salete. *Comportamento alimentar de um grupo de famílias descendentes de poloneses que praticam agricultura ecológica em Santo Antonio do Palma (RS)*. 2007. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Nutrição) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007. p.21.

Conseguir visibilidade através do cultivo ecológico se torna uma questão de identidade, em parte distante do conceito de cultura.

[...] a cultura consiste, basicamente, num conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um determinado grupo social, a partir de sistemas simbólicos que o tornam distinto dos demais, conferindo-lhe características singulares. Estas, por sua vez, definem o grupo social através do contraste, originando a identidade cultural.<sup>152</sup>

A identidade também pode ser estratégica, como acontece nesse caso. O produto agroecológico é produzido com esse objetivo estrito, em busca das recompensas que hoje se obtém com esse tipo de cultivo. Essas recompensas se encaixam em preocupações da atualidade, como a diminuição do uso de agrotóxicos, a preservação do meio ambiente e a saúde de quem consome esses produtos. A discussão não é sobre a validade do cultivo ecológico, mas sim uma possível teia de significados presente na vida dos agricultores e descendentes de poloneses. E nisso se adapta uma tendência, que Certeau coloca como novos rituais sucedendo os que já perderam força:

Se as proibições religiosas tradicionais já se apagaram, novas ritualizações se oferecem para sucedê-las, vindas da esfera mercantil, do tipo “chegou o novo *beajoulais*” (vinho de Beajoulais), ou os regimes “macrobiótico” e vegetariano, cujos adeptos se impõem voluntariamente o sistema de exclusões e de preceitos estritos, enquanto outros se impõem só comer produtos colhidos pelos métodos de uma “agricultura biológica” (em princípio sem adubos químicos nem pesticidas, simplesmente plantados na terra), supostamente menos perigosos à saúde que os produtos de uma agricultura intensiva, ávida de altos lucros.<sup>153</sup>

Uma prática cultural inconsciente, o cultivo primitivo, natural, que era o método dos imigrantes, agora é realocado num sistema global de significados e ritualizações. A sabedoria dos antigos, impressa na agricultura ecológica por falta de inovação tecnológica e/ou conhecimentos; e também o contrário, pelos conhecimentos de consumo e cultivo que só tardiamente foram comprovados pela ciência; agora de uma “roupagem nova”, de vida saudável e preservação do planeta. Mas por outro lado, na esfera alimentar, principalmente entre descendentes de imigrantes, cujo alimento era um símbolo de sucesso e fartura aqui no

<sup>152</sup> BEZZI;NETO, 2008, p.140.

<sup>153</sup> CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p.254.

Brasil, o rótulo de “alimento agroecológico produzido pela agricultura familiar” confere ao agricultor um *status* para si e para os outros da comunidade e fora dela. Atualmente, a identidade proposta pela agricultura familiar e cultivo ecológico, neste grupo, tem maior valor no confronto com o outro do que a cultura e identidade étnica.

Morar na colônia significava, aproximadamente até a década de 1980, um “lugar” de nascer, morrer, casar, trabalhar, celebrar as festas religiosas, estudar. Por isso, a vida no mundo rural era o cenário rural era utilizado para todos os acontecimentos importantes da vida individual, familiar e coletiva. Assim a fotografia ocupa um lugar de destaque como ferramenta da memória.

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida à Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos.[...] o segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.<sup>154</sup>

“De fato, a fotografia surge, desde o início, como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar e coletiva.”<sup>155</sup> Bourdieu diz ainda, a respeito da fotografia na vida camponesa, que o casamento era a cerimônia mais importante da vida particular e coletiva, porque consagra a união de dois grupos através de dois indivíduos, e é por esse ritual que a fotografia foi ganhando popularidade. A festa de bodas que deve ser fotografada porque materializa a imagem que um grupo quer fazer de si próprio. O que é fotografado são os papéis sociais que as pessoas representam, como marido e esposa, o militar; ou relações sociais, como um parente distante. Kossoy<sup>156</sup> considera a fotografia como

a expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera. O registro da paisagem urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas, a par dos convencionais retratos de estúdio [...].

<sup>154</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p.460

<sup>155</sup> BOURDIEU; Marie Claire; BOURDIEU; Pierre. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. nº 26, Curitiba, Junho/2006. p.31-39.

<sup>156</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo, Ática, 1989. p. 15.



Fatos documentados nas primeiras décadas do século passado:



**Figura 25: Casal Alberto Powala e Antonia Guzikewicz, ambos à direita, em foto tirada no fim do século XIX, aproximadamente. Alberto foi um dos colonizadores da Linha XV de Novembro, em Casca, além de líder local.**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Jorge Powala



**Figura 26: Missões católicas na Linha XV de Novembro, capela de Nossa Senhora de Czestochowa, ou simplesmente Geral Velha, em 15 de dezembro de 1945. As pessoas se deslocavam geralmente a pé ou em carroças, como se vê ao fundo, à esquerda. À direita, a capela e o campanário em madeira que foram substituídos anos depois por uma edificação em alvenaria. Estão presentes na foto os estandartes em pano do Sagrado Coração de Jesus, abaixo, à esquerda, e da “Madona Preta”, à direita, encostado à capela. Esses estandartes são conservados pela comunidade, e em ocasiões especiais são utilizados.**  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Marta Revers Czarnobay.



**Figura 27: Estragos causados pela passagem do ciclone na área central do então distrito de São Luís da Casca, em 21 de Junho de 1931. Ao fundo, a Igreja Matriz, inaugurada em 1929.**

**Fonte:** Arquivo de Bernardina Revers Powala

Além da fotografia, conheci outro elemento cultural e social restrito ao lar: uma prática de cura apropriada pelos imigrantes e descendentes em terras brasileiras que é raríssimo, a *Kamisek* (pedra). O ritual da cura pela pedra ralada começou há aproximadamente setenta anos, difundido pelo Pe. Alexandre Studinski que trouxe a pedra da Polônia, e distribuiu entre os líderes das comunidades polonesas da linha XV de novembro, Casca, onde havia maioria polonesa, e para as parteiras, para ser disseminado. Era feito para curar dor nas costas de origens variadas, como excesso de trabalho, pessoas fracas, mau jeito. Bernardina Revers Powala<sup>157</sup>, que me relatou esse ritual, acredita que a pedra possua algum mineral, um cálcio que promova a cura. Usa-se uma lasca ou um pedaço pequeno. Coloca-se num prato de porcelana branca, de preferência, para ver melhor. Derrama-se um pouco de água pura (se possível sem tratamento de cloro, da chuva); em alguns casos mais graves colocava-se um pouco (umas gotas) de cachaça pura, para acentuar a soltura da cor. Se soltar cor ou não, indiferentemente, após a pessoa doente toma a água. Começa-se a ralar, ou seja, esfregar a

<sup>157</sup> Bernardina, 60 anos, mora na capela São Cristóvão, em Casca. Organiza as oficinas de artesanato e também ensina bordado típico.

pedra no prato, e faz-se a intenção da cura em nome da pessoa. Quando se precisa buscar a pedra em outra família, no caminho se começa a pensar na pedra e invocar o problema, para que possa ser curado dessa forma. Rala-se por alguns minutos, 3 ou 4; se for o caso de soltar cor, rala-se mais um pouco até escurecer bem. Em seguida, a pessoa (criança, adulto ou idoso) toma. Não tem gosto nenhum. O ideal é fazer o ritual três vezes, com 3 pedras diferentes (de diferentes famílias). Mas o efeito serve com uma só. Faz-se uma vez ao dia; no terceiro dia a cor da água já está mais clara. Bernardina guarda a pedra no próprio prato, coberta. A seqüência de imagens abaixo mostra o ritual, começando pela água derramada no copo, em seguida Bernardina começa a ralar a pedra, continuando até a água ficar avermelhada.





**Figura 28: Ritual feito na casa de Bernardina Rewers Powala, em 26 de abril de 2010; seu marido Jorge estava com dor nas costas.**

Fonte: Arquivo da autora

Hoje está muito difícil de encontrar pedra de ralar na Polônia, pois está escasseando e o comércio está restrito. O Pe. Alceu Zembruski<sup>158</sup>, quando visitou a Polônia, aproximadamente há dez anos, descobriu que a pedra é retirada de uma rocha subterrânea, de um lugar único na Polônia, o Monte de Jasna Gora, onde está o templo de Nossa Senhora de Czestochowa. Como a rocha se localiza no subsolo do templo, sua exploração constante ameaçaria a edificação e também a própria existência da rocha, por isso a restrição ao comércio. Existe essa prática de cura em comunidades polonesas de outras cidades, por exemplo, em Áurea. Alguns descendentes dos municípios estudados ainda possuem a pedra; outros já não a têm mais e precisam recorrer a quem ainda tem, mas gostariam de possuir uma pedra novamente. Essa prática antiga ainda tem valor entre os descendentes.

Por isso, há alguns anos, o Pe. Zbigniew, da paróquia de Santo Antonio do Palma, trouxe para algumas famílias uma garrafinha de pedra âmbar em infusão de cachaça, que possui os mesmos benefícios da pedra ralada. A pedra de âmbar, por ser em infusão, toma-se em gotas, 2 ou 3, em jejum no chá. Serve para gripe, brônquios, dores reumáticas, asma. Quando termina o líquido da garrafa, coloca-se mais.

---

<sup>158</sup> Pe. Alceu é descendente de poloneses de Casca. Conseguiu trazer um fragmento da pedra como presente para sua mãe, moradora da capela São Cristóvão, que distribuiu para algumas pessoas, incluindo Bernardina.



**Figura 29: Garrafinha de pedra âmbar em infusão de cachaça. As pequenas pedras avermelhadas se concentram no fundo. Pertence a Bernardina Powala.**

**Fonte:** Arquivo da autora, 2010.

O reavivamento da cultura étnica também pode ser percebido na paisagem geográfica. Os esforços pela manutenção e recriação da arquitetura polonesa, notadamente em Santo Antonio do Palma visam diminuir o impacto negativo do desaparecimento das casas típicas na manutenção da identidade e cultura locais. Importa não só o recorte espacial, como também as interações feitas com ele e os significados produzidos.

Em Santo Antonio do Palma, a paisagem dominada por morros exigiu uma interação forçada dos imigrantes e descendentes, como ficou registrado no imaginário coletivo. A imagem negativa dos morros hoje está se diluindo frente ao progresso econômico, notadamente rural, e se incorporando à identidade polonesa. Existem 3 construções típicas na cidade, duas de alvenaria há poucos anos construídas, em estilo montanhês, próprio dos antepassados que habitavam as montanhas da Polônia. Uma dessas edificações é a casa de alvenaria recentemente construída pelo produtor ecológico Alceu Primel.

A cultura gaúcha também disputa espaço na construção identitária dos descendentes. Ser gaúcho não se refere apenas à identidade regional; o ser gaúcho comporta códigos culturais específicos de uma cultura própria, que não assimila a contribuição, por exemplo, da etnia polonesa, mesmo sendo esta parte da cultura gaúcha, que via de regra deveria representar ao povo gaúcho. Bezzi e Neto concluem a discussão afirmando que: ‘portanto, o gaúcho é o habitante do Rio Grande do Sul, que cultua traços característicos e, através desses,

demonstra as particularidades intrínsecas ao contexto regional, observadas via inserção de códigos culturais diferenciados de acordo com a etnia de origem.<sup>159</sup> A adoção de elementos da cultura gaúcha no cotidiano das comunidades polonesas está integrado às práticas culturais e identitárias. O churrasco é o melhor exemplo. Está presente até em comemorações étnicas, devido à sua praticidade.

Assim como o cultivo da terra é a principal ocupação dos descendentes locais, a religiosidade católica ainda é elemento fundamental para a vida e cultura dos descendentes.

#### 2.4 Fé polonesa, padres e santos – religiosidade e polonidade

Como já mostrado neste trabalho, a Polônia adotou pouco tempo depois de sua criação como reinado a religião católica. Com a invasão e posterior divisão, os prussianos impuseram a Igreja Protestante, e os russos a Ortodoxa, sendo apenas os austro-húngaros igualmente católicos. Esses fatos, invasão e imposição de culto aproximou o nacionalismo da religião. Nas palavras de Hobsbawn, “a aliança entre o nacionalismo e a religião é óbvia o suficiente, especialmente na Irlanda e na Polônia.”<sup>160</sup>

Avançando na discussão, Wachowicz<sup>161</sup> se utiliza de cartas de imigrantes para introduzir um novo conceito no estudo do imigrante polonês e sua religiosidade, a *fé polonesa*:

Estes extratos de carta revelam muito no que diz respeito à concepção de religiosidade entre os poloneses. Evidencia-se em primeiro plano o conceito de *fé polonesa*. Não se trata de uma concepção de acentuado espírito sectário, mas de uma aliança ocorrida na Polônia, entre a religião e a polonidade. O vínculo demonstrado entre a religião e a polonidade representa um vínculo entre a fé e patriotismo. As conotações históricas da nação polonesa nos leva à compreensão da expressão *fé polonesa*. Refere-se o colono à linguagem, ao rito, aos dias santificados existentes na terra natal e que continuam a ser respeitados aqui, porém sem o correspondente respeito pelos brasileiros.

<sup>159</sup> BEZZI; NETO, Dez. 2008, p.153.

<sup>160</sup> HOBSBAWN, 1998, p.147.

<sup>161</sup> WACHOWICZ, 1981, p.95.

É no nacionalismo e na religiosidade que residem grande parte dos elementos da identidade cultural do imigrante e hoje do descendente. Como analisarei mais adiante, os rituais étnicos mais marcantes e diferenciadores são datas religiosas, e alguns costumes oriundos da época pagã cristianizados; outros ainda se referem ao tempo da colheita, troca de estação climática.

Esse vínculo entre religião e nação aporta no Brasil junto dos imigrantes produzindo uma identidade cultural. Sendo a Igreja elemento da religião, não poderia faltar na nova vida aqui no Brasil, juntamente com o padre. Para entender a relação do camponês com a instituição católica e seu representante, Wachowicz<sup>162</sup> novamente busca no passado do Polonês da Polônia pré-emigração, o entendimento da dinâmica religiosa nas colônias polonesas do Brasil.

Entretanto, os laços que prendiam grande parte da população polonesa, notadamente a aldeã, à paróquia e ao pároco, não podem ser explicados exclusivamente pela predominância de interesses e sentimentos religiosos. Esta íntima ligação e dependência entre o aldeão e a paróquia está também relacionado ao apego do aldeão a essa instituição que ele reputa como sua. É o antigo grupo primário da aldeia, reorganizado e concentrado na mesma. Sua tradicional religiosidade, o desejo de possuir uma paróquia e um padre, está, pois relacionado ao desejo de estabilidade e segurança. Será o padre, através da paróquia, que dominará a vida aldeã.

Os imigrantes italianos se estabeleceram no Brasil em moldes semelhantes. Para Zanini<sup>163</sup>, “foi a vivência religiosa que permitiu a manutenção cultural e moral dos italianos, bem como a sensação de que entre os emigrados e a terra natal havia ainda muitos vínculos, pois italianidade e catolicismo, nos primeiros tempos de colonização, andaram juntas.” No caso deste trabalho, os poloneses ainda mantêm sua polonidade ligada ao catolicismo, é a característica mais marcante da identidade registrado pela bibliografia e confirmado pelos descendentes orgulhosos de sua etnia.

---

<sup>162</sup> WACHOWICZ, 1981, p.61.

<sup>163</sup> ZANINI, 2006, p.137.



A pesquisadora ainda coloca o catolicismo, juntamente com a emigração, como o elo de ligação entre os imigrantes italianos, que somente consideraram-se como tais aqui em terras brasileiras:

Foi em terras gaúchas que os imigrantes de Silveira Martins tiveram a real visão de si como italianos, daquele que eram oriundos da Itália. De resto, falavam dialetos diferentes, alimentavam-se diferentemente e cultivavam hábitos distintos. O que os tornava iguais, sem dúvida, era o fato de serem católicos e se perceberem como sujeitos que haviam compartilhado a mesma experiência social de ruptura – eram emigrados.<sup>164</sup>

Como eu já disse nesse capítulo, os italianos, ao aportarem aqui, reconheciam-se pelo lugar de origem, venezianos, trentinos, milaneses. Ocorre que os poloneses também tinham esse reconhecimento espacial específico, eram por força política, prussianos, russos e austro-húngaros. E habitavam as mais diversas regiões geográficas e com variados níveis de desenvolvimento social e econômico. A fé polonesa uniu os emigrados e descendentes independentes do jugo político, locais de origem ou modos de vida, mas conservou a polonidade atrelada a si, porque ser um polonês livre do domínio político implicava em liberdade religiosa também.

Estabelecendo comparações entre o passado e a realidade dos camponeses em terras brasileiras, explica ainda que a paróquia e o padre foram por muito tempo os aglutinadores sociais, e que imediatamente após o estabelecimento na terra, os camponeses reuniam-se para discutir a construção da Igreja, ou de uma capela, se a comunidade fosse pequena. O isolamento provocado pelas distâncias entre as famílias, o que não acontecia na Polônia, onde a aldeia era agrupada, ampliou a atividade da igreja; além de ser um centro espiritual, as pessoas aproveitavam o momento em que estavam reunidas para se comunicar com os demais.<sup>165</sup>

O padre continuou a exercer poder sobre os camponeses imigrantes aqui no Brasil, porém já não era mais um líder inquestionável; alguns fatos contribuíram para isso, como a oposição à emigração, a ligação dos sacerdotes com os grandes proprietários e seus interesses acima dos camponeses. Aqui em terras brasileiras, o exercício da função também era mais

---

<sup>164</sup> ZANINI, 2006, p.137.

<sup>165</sup> WACHOWICZ, 1981, p. 93.

difícil para os padres, porque a paróquia era extensa e diversificada etnicamente, sendo necessário comunicar-se com todos, pelo menos conhecendo a língua portuguesa.<sup>166</sup>

Outro personagem concorria, e ao mesmo tempo auxiliava a liderança do padre nas comunidades polonesas: o líder da comunidade. Na história da imigração italiana ficou conhecido como ‘padre leigo’<sup>167</sup>, porém sua atuação ficou limitada ao período inicial da colonização, carente de sacerdotes. Os poloneses foram mais humildes na denominação, mas as atribuições do líder, conhecido como *Dziat Koscelmy*, eram complexas. Ele podia reunir todas essas funções: feitor do discurso de casamento, aconselhador em crises conjugais, professor, ministrante de sacramentos religiosos, recepcionista de visitantes estrangeiros. Essas atribuições não cessaram com a chegada dos sacerdotes.

Inicialmente em Casca, e após a emancipação em 1992, também Santo Antonio do Palma foram e ainda são atendidos por padres oriundos da Polônia ou descendentes.

A diocese de Passo Fundo sempre teve um carinho muito grande com os polacos de Santo Antonio do Palma. Desde aquela época remota até os dias de hoje os habitantes daqui quase nunca ficaram sem padres e eram raras as vezes que recebiam padres que não eram de origem polonesa. Os primeiros padres que atenderam os poloneses foram: Frei Honorato Jedlinski, Cônego Josué Bardin, Pe. Antonio Zaraza, Monsenhor João Antonio Peres, Pe. Dachowski, Pe. Alexandre Studinski e Pe. Valentim Novaski.<sup>168</sup>

Virou uma tradição, que está rareando em outras comunidades do Estado. Com a criação da Paróquia de Santo Antonio do Palma, em 1966, o Pe. Valentim Nowaski, descendente, começou a atender as comunidades polonesas da sua paróquia e também de Casca, quando solicitado, principalmente para os rituais típicos poloneses. Nesse ano, começou “oficialmente” a tradição do sacerdote polonês no município. Pe. Valentim ficou 9 anos, sendo substituído pelo Pe. João José Modkoski, descendente do município de Áurea, ficou por 19 anos. De 1988 até 1992, a paróquia de Santo Antonio do Palma foi atendida por padres diocesanos, ocasionalmente para as celebrações de Natal e Páscoa vinham padres descendentes. Em 1992, a Sociedade de Cristo passa a ser a congregação responsável pelos

<sup>166</sup> WACHOWICZ, 1981, p.107.

<sup>167</sup> ZANINI, 2006, p.138. O padre leigo é: “aquele indivíduo que, tendo mais instrução, acabava sendo levado a conduzir alguns rituais religiosos visando manter o respeito a determinados hábitos e datas cristãs.”

<sup>168</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário - Distrito de Montes Cárpatos – Santo Antonio do Palma, escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009. Fornecido pela autora.

sacerdotes da Paróquia, e desde então se sucedem no atendimento sacerdotes vindos da Polônia.

A Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados foi criada no dia 8 de setembro de 1932, pelo Cardeal Augusto Hlond, fundando assim uma comunidade religiosa voltada para a assistência pastoral aos poloneses que vivem fora da Polônia. A Casa Central da Sociedade de Cristo está localizada na cidade de Póznan. A primeira província dessa congregação foi fundada há 33 anos, a Província de Nossa Senhora Imaculada, na América do Sul, em 8 de dezembro de 1977.

O trabalho desses missionários começou no Brasil em 1958, no Rio Grande do Sul, assumindo as paróquias de Santa Tereza, em Guarani das Missões, e em seguida a paróquia de Nossa Senhora de Czestochowa, em Dom Feliciano. Atualmente, os padres da Sociedade de Cristo atendem quatro paróquias em terras rio-grandenses: Guarani das Missões, Carlos Gomes, Áurea e Santo Antonio do Palma. Em todo o Brasil, são 20 núcleos paroquiais, com 37 sacerdotes. A Casa Provincial do Brasil está situada em Curitiba.

As atividades da Província brasileira não se limitam às funções pastorais. Existe uma cooperação regular com a Universidade de Varsóvia e a Universidade Jagiellonica de Cracóvia com o objetivo de desenvolver pesquisas científicas nos núcleos poloneses locais. O resultado das pesquisas pode ser visto na revista *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, editado em cooperação com a Universidade de Varsóvia, que existe há dez anos.

Mariusz Malinowski, em sua dissertação de doutorado no Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, assim escreve sobre a Sociedade:

No movimento polônio brasileiro, exerce um papel excepcional a Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados. [...] O trabalho da Sociedade de Cristo tem por objetivo a manutenção e o desenvolvimento da vida religiosa nos núcleos polônios, bem como o desvelo pela cultura, pelos costumes e pela língua polonesa. Os padres cumprem essa missão no âmbito de uma pastoral que muitas vezes extrapola significativamente os limites do sacerdócio tradicionalmente compreendido, porquanto – além das celebrações regulares – desenvolvem também a atividade cultural, social e educativa. Asseguram periodicamente a celebração de missas em língua polonesa. Na realidade desenvolvem o seu ministério sacerdotal normal em língua portuguesa, buscando, no entanto, a preservação de elementos do simbolismo católico e cultural polonês. [...]

A presença de um sacerdote da Sociedade de Cristo na comunidade polonesa de Casca e Santo Antonio do Palma faz parte da história religiosa e cultural local. A Sociedade de Cristo atua desde 1992 na paróquia de Santo Antonio do Palma. Atualmente é o Pe. Jan Flig, natural de Mzana Górna, perto de Cracóvia, chegado a Santo Antonio do Palma em fevereiro de 2010, vindo de uma comunidade polonesa do Espírito Santo. É o quarto sacerdote desta congregação a atender o município.

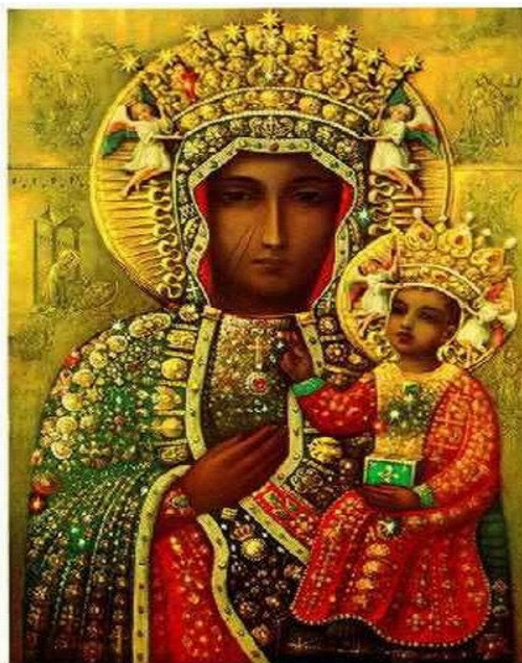
Os sacerdotes poloneses ou descendentes sempre incentivaram a manutenção da cultura e identidade polonesa, aliada à religiosidade. Isso se explica pelo *carisma* que designa as propriedades simbólicas integradas aos agentes religiosos à medida que aderem à ideologia do carisma, que lhes confere um poder simbólico na mesma proporção que acreditam no seu próprio poder simbólico.<sup>169</sup> Esse carisma e a legitimação foram ao longo dos anos recaindo exclusivamente no sacerdote, que ocupou definitivamente o lugar do já comentado líder religioso leigo. A esse carisma se atribui a valoração que os sacerdotes têm nas comunidades polonesas, porém esse valor muda conforme o atributo que se confere a ele ou a quem o sacerdote mantém ligações mais estreitas. Nomear uma rua, uma escola ou ter um monumento para si não implica num reconhecimento da comunidade. Há sacerdotes que são constantemente citados pelos descendentes, outros deixaram algumas marcas negativas, comentadas entre uma conversa e outra.

A devoção de Nossa Senhora de Czestochowa foi trazida pelos imigrantes, e atualmente foi incorporada ao repertório dos elementos culturais religiosos a devoção ao “venerável” João Paulo II, o Papa Polonês, em processo de beatificação.

O culto a Nossa Senhora de Czestochowa, que também é conhecida como Nossa Senhora do Monte Claro ou Madona Preta, começou a partir de um quadro pintado por São Lucas, que é Maria com o menino Jesus no colo. A imagem foi pintada sobre uma tábua de mesa usada por Maria de Nazaré. Chegou às terras da Polônia em 1382, e foi posta no monastério de Jásna Gora (Monte Claro), na cidade de Czestochowa. Foram atribuídos a ela três milagres por isso foi coroada Rainha da Polônia em 1656. A imagem apresenta cortes no rosto por conta de uma tentativa de vandalismo em 1430, e naquela época não foi possível restaurá-la plenamente. Esse fato foi incorporado à imagem que vemos hoje.<sup>170</sup>

<sup>169</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p.55.

<sup>170</sup> IAROCHINSKI, Ulisses. *Saga dos Polacos*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000. p.49.



**Figura 30: Nossa Senhora de Czestochowa – esta imagem é uma das que foram inspiradas no quadro que está no Santuário de Jasna Gora**

Fonte: [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org) – acessado em março/2010

Os imigrantes trouxeram consigo essa devoção que está ligada à história da Polônia, e por isso integrada à memória nacional. Os três milagres anteriores à coroação se referem à impossibilidade de transportar o quadro da cidade de Czestochowa porque foi impossível domar os cavalos para seguir viagem; o ataque à imagem, em que o vândalo caiu morto, os que tentaram carregá-lo ficaram sujos de tinta e por isso cortaram o quadro, que jorrou sangue e os assustou, que fugiram; e a estranha vitória que os cerca de 200 soldados poloneses conseguiram frente aos 17 mil soldados suecos que tentaram conquistar a cidade de Czestochowa.<sup>171</sup>

Iarochinski diz que “ao longo dos tempos tumultuados sofridos pela Polônia, os centros religiosos foram a defesa espiritual e a riqueza material de seu povo.”<sup>172</sup> Ainda são. Essa característica acompanhou os imigrantes quando se instalaram na então Colônia de São Luís da Casca, nomeando capelas notadamente polonesas e tendo lugar junto ao altar das capelas, seja de qual santo for. A devoção está conservada, e a ele se somam fatos novos, com a promessa feita pelos moradores da capela Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antonio do Palma. Nos anos 80 foi feita uma promessa contra secas e temporais, e todo ano no dia 02 de

<sup>171</sup> IAROCHINSKI, Ulisses, 2000. p.49

<sup>172</sup> IAROCHINSKI, Ulisses, 2000. p. 49.

fevereiro é feita uma novena para Nossa Senhora no oratório que leva seu nome, na divisa do município de Casca.

A religião ordenava e dava sentido ao mundo do colono italiano no Brasil, formando uma cosmologia, na qual natureza e mundo social estavam em constante troca e interferência. Um exemplo disto era o temor de que as plantações e animais fossem amaldiçoados por causa do mau comportamento e pouca fé de seus donos. Assim, toda seca ou excesso de chuva era observado como uma resposta de Deus à comunidade, comunicando-lhes que algo não estava bem, crença que ainda persiste entre os descendentes do mundo rural com lições que os antigos deixaram.<sup>173</sup>



**Figura 31:** Na casa de Maria Kazimirski, moradora da capela Nossa Senhora de Czestochowa, em Casca, o quadro da Madona Preta foi adornado com papoulas feitas em papel que ela e sua filha Josiane, de 14 anos, confeccionaram na oficina de artesanato típico polonês.

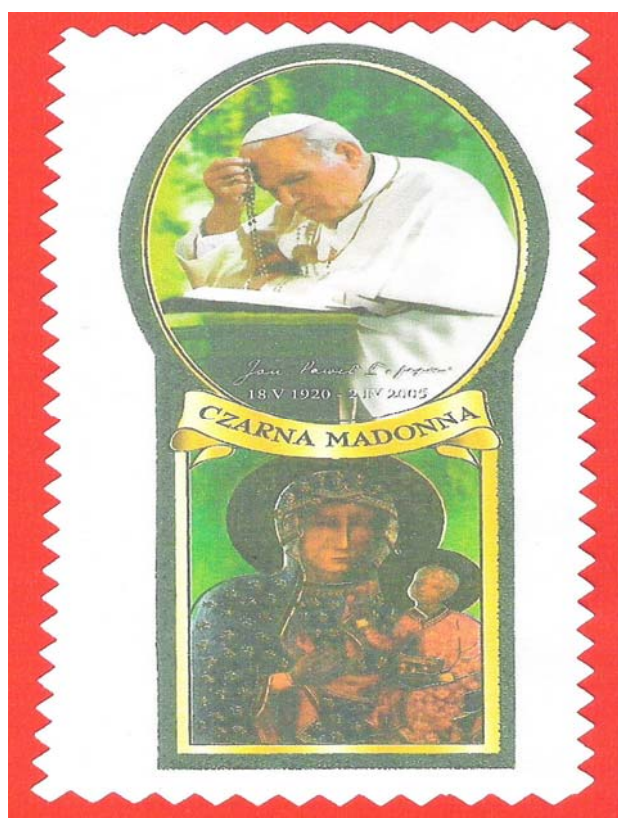
Fonte: Arquivo da autora

Os descendentes agora veneram também o falecido Papa João Paulo II. Ele trouxe fôlego novo para a etnia polonesa, inclusive entre os descendentes. Ele não escondia sua origem e fazia questão de reforçá-la, dizendo ‘Eu sou filho da Polônia’. Sendo a religiosidade católica um elemento da cultura polonesa, a imagem do Papa foi incorporada às celebrações religiosas nas comunidades de Casca e Santo Antonio do Palma, e passou a ser venerado nas

<sup>173</sup> ZANINI, 2006, p. 140.

comunidades polonesas estudadas principalmente após sua morte, em 2005. Atualmente foi atribuída pelo Papa Bento XVI a condição de “Venerável” ao Papa Polonês, enquanto é aguardado o processo de beatificação.

As imagens constituem um objeto sagrado de fixação, “que cria um impulso de adorar ou de recorrer que se agitam na alma coletiva. [...] Pelo objeto, o influxo sagrado retorna ao homem em oração, multiplicando sua energia criadora.”<sup>174</sup>



**Figura 32:** “Santinho” com a imagem do falecido Papa João Paulo II e de Nossa Senhora de Czestochowa – foi distribuído entre os participantes, na missa do dia 26 de agosto de 2010, feita no capitel que leva seu nome na divisa entre os municípios de Casca e Santo Antônio do Palma. Nessa data de 26 de agosto é comemorado o dia da Padroeira da Polônia, celebrado com uma missa todos os anos no capitel. *Czarna Madonna*, traduzido, significa Preta Senhora.

Fonte: Arquivo da autora.

Um dos acontecimentos passados fundamentais na história das culturas étnicas imigrantes no Brasil, incluindo a polonesa, foi a Campanha de Repressão e Nacionalização durante o Estado Novo. A implantação forçada de uma identidade e língua nacionais oprimiram os imigrantes e descendentes, tal como a despolonização sofrida nos territórios

<sup>174</sup> BOURDIEU, 1974, p.87.

ocupados, deixando marcas que são sentidas na atual polonidade cultivada nas comunidades de Casca e Santo Antonio do Palma.

## 2.5 A campanha de nacionalização – dificuldades enfrentadas pela etnia polonesa

A campanha de nacionalização foi implementada durante o Estado Novo (1937-1945), atingindo todos os possíveis alienígenas – tanto nas áreas coloniais (consideradas as mais enquistadas e afastadas da sociedade brasileira) como nas cidades onde as organizações étnicas estavam mais visíveis.<sup>175</sup>

Proposta e implantada por Getúlio Vargas, governante do período Estado Novo, a Campanha de Nacionalização, cujo nome significava o sentimento militar de combate às culturas estrangeiras, propunha uma assimilação no sentido de incorporação da identidade nacional de brasileiro; não bastava somente aceitar as mudanças e incorporações que os imigrantes fizessem em terras brasileiras. Era preciso substituir os símbolos étnicos por aqueles que as autoridades julgassem como representantes da brasilidade. Esse projeto já estava em curso antes do começo da Segunda Guerra Mundial, diante da preocupação com atividades germano-nazistas no sul do Brasil. Mas ganhou força e atingiu seu ápice durante a guerra, quando o governo brasileiro rompeu relações com os países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão, em 1942, e entrou para o combate à guerra.<sup>176</sup> Segundo Zanini<sup>177</sup>, ‘os alvos preferenciais dessa campanha xenófoba, em nível nacional, foram os alemães, os italianos, os poloneses, os judeus e os japoneses, tratados pelas autoridades governamentais como ‘perigosos’.’

Primeiramente, foram atingidas as escolas que ensinavam em língua estrangeira, sucedendo-se a extinção de publicações em língua estrangeira, notadamente étnica, a modificação ou fechamento de sociedades recreativas, esportivas e culturais, proibição do uso de língua estrangeira em público, incluindo nas atividades religiosas; com a atuação do exército foram introduzidas normas de civismo, o uso corriqueiro da língua portuguesa e a

---

<sup>175</sup> SEYFERT, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº1, p. 96, 1997.

<sup>176</sup> SEYFERT, 1997, p.124

<sup>177</sup> ZANINI, 2006, p.155.



prestação de serviço militar num contexto brasileiro. A campanha pretendia ainda alterar nomes de monumentos, cidades, e adequar o catolicismo para um catolicismo brasileiro.<sup>178</sup>

A campanha atingiu principalmente os quatro estados do sul do Brasil. Em seu artigo sobre a assimilação dos imigrantes durante o período de nacionalização, Seyfert se utiliza da obra de Bethlem em que faz observações sobre as etnias que habitam o Vale do Itajaí durante a Campanha. Os poloneses são mencionados em várias oportunidades. Numa tentativa de medir o nível de brasilidade das três etnias expoentes do Vale, assim descreve: “[...] os alemães eram os mais alienígenas, os italianos estavam mais próximos dos brasileiros, e os poloneses ocupavam um espaço intermediário – mas nenhum deles podia ostentar a identidade inequívoca de brasileiro em sua concepção cultural e racial.”<sup>179</sup>

Ao estudar a italianidade em Santa Maria e Silveira Martins, no Rio Grande do Sul, Maria Catarina Zanini observou que durante a Campanha de Nacionalização os hábitos culturais do descendente de italianos pouco se alterou:

A culinária estava nos domínios considerados menos perigosos, como se a produção e a elaboração dos alimentos não representassem um perigo à comunhão nacional, à construção da identidade nacional do brasileiro. Ali, no universo doméstico feminino o perigo não se tornava visível. A horta, também espaço feminino, continuou a ser cultivada da ‘forma italiana’ e produzindo os alimentos apreciados culturalmente. A culinária, idioma cultural também, não foi percebida como transmissora de identidade e pertencimento. A polenta, considerada alimento típico italiano, continuou a ser o alimento principal, o salame, o queijo, o risoto e o vinho também. A produção de alimentos representava o universo feminino, e o estado de guerra negligenciava o feminino.<sup>180</sup>

Para incorporar os poloneses e os demais à identidade brasileira, o tenente Bethlem afirmava: “só podiam ser vencidos, erradicados, se fossem atacados os grandes baluartes antinacionais dos alienígenas: a escola, o lar e a igreja.”<sup>181</sup> É nesse momento que a escola passa a ser assunto do Governo, que antes pouco se interessava pelas instituições de ensino nas colônias, que geridas pelas próprias e às vezes ajudadas pela Igreja, solucionavam o problema principal do analfabetismo: ‘o Estado somente assumiu a educação nas colônias

---

<sup>178</sup> SEYFERT, 1997, p.97.

<sup>179</sup> SEYFERT, 1997, p.102.

<sup>180</sup> ZANINI, 2006, p.168.

<sup>181</sup> BETHLEM apud SEYFERT, 2006, p.103.

quando percebeu que as escolas dos imigrantes poderiam representar um perigo à segurança nacional.<sup>182</sup>

Para atacar o inimigo, é preciso conhecê-lo. Bethlem assim fez e observou que a mulher polonesa (representando o lar) e o padre (a igreja) agiam como armas da cultura alienígena:

A estes (padres) ajuda, de uma forma impressionante, pela inflexibilidade cega, a mulher de origem polaca, que, conservada feudalmente nos princípios drásticos da organização polaca, se mantém ignorante e crente e, só falando polaco, é quem conduz, através da educação no lar, o espírito de polonidade por todas as gerações. A igreja polaca nas colônias as domina, e elas, clericais e arraigadas, mantêm bem firme esta arma fatídica, que suas inconsciências invencíveis manejam, semeando o terreno de futuras dissensões raciais. Só o padre as poderá vencer se este for por nós vencido.”<sup>183</sup>

No Vale do Itajaí, os olhos observadores de Bethlem não negligenciaram o feminino, viram nele um inimigo do Estado Nacional, e tudo mais que fazia parte de seu domínio, o lar, também foram percebidos por outros militares, entre eles Rui Alencar Nogueira. No livro onde narra sua passagem por Blumenau quando era militar na época da campanha de nacionalização, observou traços culturais que classificou como ‘exóticos’, por serem europeus e continuarem a ser mantidos pelos descendentes de imigrantes no Brasil. Esses traços se referem a usos e costumes do cotidiano, e o autor inicialmente se admira com o modo de vida encontrado, por exemplo, casa e jardim bem cuidados, abundância de alimentos, hortas, pomares, prédios públicos com arquitetura de destaque. Também lhe impressionou as casas de madeira introduzidas pelos imigrantes, muitas bicicletas, carroças, a celebração do Natal, o reduzido número de empregados, o uso corriqueiro do alemão. Isso tudo foi relatada como um estilo de vida diferente, cultivado pelo pertencimento étnico.<sup>184</sup>

Por mais bem impressionado que estivesse, autor argumenta contra a manutenção desses costumes exóticos: “Nacionalizar significava, principalmente, transformar usos e costumes, mudar uma tradição cultural e social a partir da observação sociológica, “adotando meios coercitivos sobre os que tramarem contra os interesses nacionais”, educando a juventude.”<sup>185</sup>

---

<sup>182</sup> ZANINI, 2006, p.157.

<sup>183</sup> BETHLEM apud SEYFERT, 2006, p.104.

<sup>184</sup> BETHLEM apud SEYFERT, 2006, p.117.

<sup>185</sup> NOGUEIRA apud SEYFERT, 2006, p.118.

Certamente, essas propostas de domínio do espaço doméstico e da ‘mulher polaca’ não foram levadas adiante, ao menos aqui no Rio Grande do Sul. Assim como os hábitos culturais dos italianos e seus descendentes não foram vitimados pela repressão, não o foram os hábitos culturais nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma. Mas a mulher imigrante ou descendente e seus domínios entraram para a história brasileira como elementos potencialmente destrutivos da identidade nacional.

A perseguição nacionalista atacava as etnias como causadoras de problemas. Além da igreja e da mulher polonesa, o colono polonês e sua carroça eram culpados pela má conservação das estradas de Santa Catarina e do Paraná. O termo utilizado pelo autor ‘carroça polaca’ reforça o estigma que recai sobre o meio rural, acusado de atraso; idéia também compartilhada por alguns pesquisadores da aculturação dos imigrantes. No caso do polonês, o termo polaco/polaca reforça ainda mais o estigma, porque é uma denominação que parte dos outros, entre os poloneses era reconhecido como forma pejorativa de tratamento. A obra de Bethlem usa exclusivamente o termo polaco, e classifica a organização étnica do grupo polonês de ‘chaga’, e as sociedades-escola cheias de ‘traidores da causa nacional’.<sup>186</sup>

A imprensa polonesa contava com mais de vinte títulos. Os decretos de nacionalização do presidente Getúlio Vargas, dirigidos, sobretudo contra as escolas e imprensa das minorias nacionais, causaram um grande prejuízo aos emigrados poloneses no Brasil. Em consequência da realização dessas ordens, foram fechadas 335 sociedades polonesas, que funcionavam como filiais das centrais curitibanas. Em 1938 foram fechadas 164 escolas polonesas no Estado do Paraná e 36 no Estado de Santa Catarina. A rede escolar polonesa no Rio Grande do Sul, que contava mais de 100 escolas, foi salva, preservando-se no programa de ensino dessas escolas o antigo *status quo*. Com o tempo, ali também o rigor da lei introduzida limitou a atividade desses núcleos.<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> SEYFERT, 2006, p.105.

<sup>187</sup> MALCZEWSKI, Zdzislaw. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Ano 10, nº.1 Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008, p.22.

As medidas implementadas pela política estado-novista chegaram até o município de Guaporé, sede do então distrito de São Luís da Casca. Para obedecer

[...] às instruções autoritárias do Estado Novo, o prefeito de Guaporé publicou o edital municipal nº 56, de 11 setembro de 1939, que proibia manifestações escritas provenientes de *todos* os países que se achavam em guerra. Essa política expressava clara vontade de, no mínimo, neutralidade no conflito.<sup>188</sup>

A consequência direta desse edital publicado pelo Prefeito foi o “aconselhamento” para o pedido de exoneração de inspetores seccionais, professores e fiscais federais os quais estavam impedidos de exercerem seus cargos por serem estrangeiros. Entre esses, estão [...] “José Micaeski, José Dalsante, Fernando Cauvela, João Decarli, Carlos Barbieri, Martins Piasseski e Vicenti Rapkevios, do distrito de Casca, aconselhados a deixarem seus cargos em 6 de agosto de 1941 [...]”<sup>189</sup>.

Sganzerla diz ainda que, notadamente a partir de 31 de agosto de 1942, quando o Brasil entrou na Guerra, sobretudo os descendentes de origem italiana, maioria em Guaporé e arredores, sofreram um endurecimento na Campanha, mesmo que de forma desigual entre o urbano e o rural.<sup>190</sup>

Durante a nacionalização, existia um receio de falar o polonês fora da comunidade polonesa de Casca. Pelo relato de Francisca Strieski<sup>191</sup>, o medo maior era na presença de autoridades policiais. Ela conta que falavam que era proibido, mas na prática não era proibido. Sem precisar a data, narra a viagem feita pela família até Erechim para visitar parentes. Antes do dia da partida, o tio Estácio da Geral Velha os visitou e deixou o alerta para que lá não falassem em polonês, porque senão iriam para a cadeia, porque é proibido falar. O pai dela João Revers disse que não tinha medo de falar em polonês, porque só falava em polonês. Quando chegaram a Erechim, João desceu da carroça, pois estava cansado de ficar sentado, e continuou a pé, enquanto Francisca guiava os animais. Quando passaram em frente a uma loja, uma conhecida de sua mãe a reconheceu, e largou as roupas que estava vendendo e correu para a rua gritando em polonês. Mais na frente estava parado um policial e uns

<sup>188</sup> SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio: nacionalização e repressão no Estado Novo em Guaporé (1937-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2001. p.134.

<sup>189</sup> SGANZERLA, 2001, p.135.

<sup>190</sup> SGANZERLA, 2001, p.136.

<sup>191</sup> Francisca Revers Strieski. 88 anos, moradora da Capela Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antonio do Palma. Entrevistada pela relevância da memória dos acontecimentos do grupo, em março/2010.

homens, e João reconheceu entre eles o pai do padre João Modkoski (que posteriormente seria pároco em Santo Antonio do Palma), porém não sabia precisar qual era e por isso o policial começou a rir. Conta ainda que encontrassem na rua outro conhecido, e este também fez saudação em polonês. Nessa época, Francisca tinha por volta de 23 anos, como ela relata, o que coincidia com os últimos 2-3 anos da Guerra. No espaço doméstico nada foi alterado, o polonês era falado abertamente. Esse fato lembrado por Francisca ocorreu num ambiente divertido, em que riu muitas vezes. A repressão do Estado Novo, no que tange ao idioma, não deixou marcas negativas em sua memória.

Quando o tio da depoente alertou a ela e sua família sobre os riscos da manifestação na língua polonesa numa cidade grande, o fez por medo talvez não comprovado, “portanto, mesmo que a Lei do Silêncio não determinasse e regesse as práticas linguísticas nas linhas mais distantes, ela tendia a determinar, ainda que relativamente, o comportamento dessas comunidades quando vinham, quando deixavam de vir ou quando temiam vir às sedes.”<sup>192</sup> Não modificou o cotidiano, mas modificou a relação pública-privada, como se o âmbito familiar não devesse se manifestar em público. Atingiu os jovens e os idosos.

Para Elisabetha Rapkiewicz, a língua polonesa continuou a ser falada abertamente em casa, durante o período de repressão. O mesmo ocorreu na família de Bautilia Sobieski, José Kovaleski e outros descendentes entrevistados.

“Os esforços realizados pelos Estados-Nação no sentido de produzir culturas comuns, homogênicas, integradas e cidadãos padronizados, leis ao ideal nacional, levou a tentativas de se eliminar símbolos e cerimônias étnicas locais e nacionais.”<sup>193</sup> Na Sociedade Polonesa Orzel Bialy, de Casca, a proibição de circulação de material em língua estrangeira acabou com a biblioteca da entidade. Pelos relatos de descendentes, alguns livros foram guardados por famílias, e o resto foi destruído.

A Campanha terminou junto com a Guerra, em 1945, mas o projeto de um nacionalismo intenso já estava consolidado e traria consequências negativas para a identidade étnica dos imigrantes no Brasil, tanto no imaginário, como na vida cotidiana. O que se seguiu foi uma brutal repressão no espaço público da escola, vitimando as crianças que falavam no idioma de origem. As escolas inseridas nas comunidades rurais polonesas de Casca viraram espaços de ‘vigilância linguística’, em que não era permitido falar em polonês, nem no intervalo, mesmo diante de um professor de descendência polonesa que não falava bem o

---

<sup>192</sup> SGANZERLA, 2001, p.123.

<sup>193</sup> FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997. p.134.

português. As crianças eram vigiadas, e se conversassem em polonês, mesmo que espontaneamente, eram castigadas. Nesse relato, Maria Kasmirski<sup>194</sup> ainda lembra que não aprendeu bem o português e perdeu um pouco da fluência em polonês, já que só em casa, com pais e irmãos, falava abertamente na língua de origem.

Cláudia Sganzerla aponta como principal infração cometida em Guaporé contra a Campanha de Nacionalização é a manifestação em língua italiana:

A importância dada à repressão dos delitos de *língua* obriga-nos a ressaltar, mais uma vez, que a imensa maioria da população, sobretudo do interior do município, servia-se coloquialmente e quase exclusivamente dos dialetos italianos que conhecia, sendo obrigada a fazer o mesmo ao se deslocar para a sede da colônia, já que desconhecia o português.<sup>195</sup>

“Em Guaporé, entre os anos 1937-1945, mesmo com as atitudes repressivas e autoritárias da política de nacionalização, não houve inibição ou desestruturação profunda, dos hábitos e costumes dos lares dos imigrantes e seus descendentes.”<sup>196</sup> Entre os poloneses imigrados e descendentes, mesmo não estando na linha de frente como alemães e italianos, sentiram-se acuados no espaço privado também. Alguns depoentes mantêm-se neutros, outros são mais enfáticos ao acusar a Campanha do Estado Novo pela perda ou enfraquecimento dos laços culturais e afetivos na família.

Neste segundo capítulo, fiz uma discussão sobre nação e identidade no contexto da imigração polonesa, que orienta a construção da polonidade dos descendentes. Nessa construção se integra a fé polonesa, a visibilidade étnica promovida pelos monumentos, nomes poloneses, arquitetura típica e aos elementos característicos da vida do descendente polonês nos municípios estudados, a casa e a roça. Esses lugares da polonidade também caracterizam a memória individual e coletiva através dos acervos fotográficos e acontecimentos impactantes, como a Campanha de Nacionalização e a dificuldade de inserção lingüística na realidade brasileira, que contribuiu para o enfraquecimento da cultura polonesa local.

---

<sup>194</sup> Maria Terezinha Gregoski Kazimirski, 50 anos, agricultora. Moradora da capela Geral Velha, Casca. Integrante da diretoria do movimento étnico local, a Braspol.

<sup>195</sup> SGANZERLA, 2001, p.145.

<sup>196</sup> SGANZERLA, 2001, p.141.

Para combater esse esmorecimento da cultura e identidade polonesa nas comunidades do Brasil inteiro, e também como reação ao intenso nacionalismo passado, foi criada uma entidade que é um dos pilares contemporâneos atuante na promoção e manutenção da cultura polonesa no Brasil, a Braspol. Os rituais promovidos por essa entidade, e os elementos culturais e identitários ainda utilizados pelos descendentes são o assunto para o próximo e último capítulo.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA POLONIDADE – REPERTÓRIO IDENTITÁRIO DAS COMUNIDADES DE CASCA E SANTO ANTONIO DO PALMA**

Com a criação da Braspol, surgiu a oportunidade de obter meios de promover a cultura, e voltar a vivenciar alguns elementos da cultura e identidade polonesa esquecidos. Também vou descrever e analisar os rituais, públicos ou privados, feitos pelos descendentes para resgatar e promover a cultura polonesa. Esses rituais são promovidos pelas associações culturais polacas dos municípios estudados; são rituais religiosos, por exemplo, a celebração da partilha do *oplátek*, a hóstia abençoada, feitos nas famílias e também em celebrações comunitárias que antecedem o natal; gastronômico como o “Jantar Polonês”; e festivos, como as apresentações do grupo folclórico *Orzel Bialy*. Partindo ainda das ações das associações culturais, faço uma discussão sobre a relevância de uma organização para promover, divulgar e resgatar a cultura e identidade. Os rituais foram escolhidos, porque compõem o repertório das recriações identitárias pós-modernas e também, porque são os elementos escolhidos para conferir visibilidade à cultura polonesa. Ao identificar os elementos culturais atualmente mais significativos para a construção da identidade, espero oferecer um caminho de entendimento da valorização da cultura e identidade étnica nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma.



### 3.1 Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-polonesa no Brasil

A reconstrução da polonidade nas comunidades estudadas se assemelha à integração polonesa nos Estados Unidos, pesquisada por Thomas e Znaniecki nas duas primeiras décadas do século passado, que mostrou

A formação de uma nova sociedade polonesa-americana, a partir dos fragmentos da sociedade polonesa incluídos na americana. [...] Era essa sociedade polonesa-americana, não a sociedade americana, que constituiu o meio social no qual o imigrante se incorporou quando veio da Polônia e a cujos padrões e instituições ele precisou se adaptar.<sup>197</sup>

A partir dessa sociedade polonesa-americana, esses autores observaram a criação de uma cultura nova, amparada numa estrutura e comportamento nem polonesa nem americana; mas derivada tanto da cultura polonesa como das condições de vida locais e da interpretação dos valores americanos.<sup>198</sup> Atualmente, é a sociedade brasileiro-polonesa que ampara a nova cultura dos descendentes. São elementos da cultura polonesa inseridos na cultura brasileira, criando uma identidade promovida por um movimento étnico nacional, a Braspol.

O processo de cerca de um século e meio de mudanças de identidade distinguiu-se por uma revalorização dos pontos de referência. A coletividade dos imigrantes poloneses no Brasil passou por uma evolução trigradual, do estado de pioneira *comunidade polaca*, através do status intermediário de *polono-brasileira*, para a atual *comunidade brasileiro-polonesa*. Essa visível mudança na ordem dos adjetivos reflete-se no nome do novo movimento étnico *Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL)*.<sup>199</sup>

<sup>197</sup> Apud KOSMINSKY, Ethel. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 15, nº 3, Florianópolis, setembro/dezembro, 2007. p.775.

<sup>198</sup> Apud KOSMINSKY, Ethel. 2007, p.775.

<sup>199</sup> BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Dimensões contemporâneas da etnicidade: individualismo versus coletividade*. Ano 10, N.2 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.

O termo ‘brasileiro-polonês’ utilizado por esta entidade corrobora o argumento de que “uma pessoa não tem múltiplas identidades, só uma, feita de todos os elementos que a deram forma, em uma mescla especial e única.”<sup>200</sup>

Esta entidade foi fundada em 1990, em Curitiba, onde mantém a sede, no Estado do Paraná, com o objetivo de facilitar o acesso da comunidade de descendentes de aos órgãos oficiais. Foram criados também os núcleos da Braspol, geralmente um por cidade, mas que podem ser encontrados vários numa única cidade, porque também congrega associações, congregações religiosas, entidades artísticas, sociedades, organizações e empresas. Possui diretoria, estatuto e objetivos principais:

- 1- *Criar a solidariedade entre todas as Comunidades Polônicas do Brasil.*
- 2- *Preservar as tradições e costumes herdados dos nossos antepassados, para com isso, contribuir na formação do perfil cultural do Brasil.*
- 3- *Incentivar o intercâmbio cultural e científico entre o Brasil e a Polônia, como também de forma inversa.*
- 4- *Promover a valorização dos descendentes em todas as formas.*
- 5- *Preservar todo o acervo cultural herdado.*<sup>201</sup>

Pelos dados de 2008, existem 334 núcleos espalhados pelos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Pará. Edita o jornal KURIER, em língua portuguesa, e ocasionalmente em polonês; a Revista Projeções e o boletim KURIEREK. As principais atividades dos núcleos são os eventos culturais, de lazer e gastronômicos.<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> CANDAU, Vera Maria (Coord). In: *Sociedade, educação e cultura (s):* questões e propostas. Petrópolis, Vozes, 2002, p.240.

<sup>201</sup> Informações oficiais disponíveis no site da BRASPOL – [www.braspol.org.br](http://www.braspol.org.br) – acessado em novembro/2009.

<sup>202</sup> Informações oficiais disponíveis no site da BRASPOL – [www.braspol.org.br](http://www.braspol.org.br) – acessado em novembro/2009.

Entre essas atividades se destacam:

- realização de encontros de confraternização, como o Oplatek no Natal, da Swieconka na Páscoa, e promoções de festas comunitárias incentivando sempre o resgate das tradições herdadas;
- promoção e recepção a delegações e autoridades polonesas em visita ao nosso país;
- aulas em língua polonesa;
- curso de pintura em ovos – pisanki;
- curso de wycinanki – recorte de papéis coloridos formando figuras;
- curso de culinária típica;
- formação e manutenção de grupos folclóricos de danças polonesas;
- seminários e palestras de caráter histórico-cultural e de atualização;
- celebração de terços e missas em língua polonesa;
- comemorações natalinas com canções que evocam a tradição católica da Polônia – Kolendy.<sup>203</sup>

Uma das atividades presentes em seu Estatuto é “incentivar e favorecer com meios a seu alcance a pesquisa e a publicação de trabalhos técnico-científicos e sócio-históricos”.<sup>204</sup> A associação tenta difundir o termo “polônico” para significar etnicamente os descendentes de poloneses nascidos e criados em território brasileiro.

Quando o núcleo foi fundado em Casca, Santo Antonio do Palma era Distrito, por isso as comunidades polacas trabalharam conjuntamente. Foi fundado em 17 de novembro de 1990, por Teresa Revers Wenning e outros descendentes da terceira geração, que sentiram a perda gradual de características culturais étnicas. As atividades pararam em 1994, sendo retomadas efetivamente dez anos depois, por vontade de Marta Revers Czarnobay, tornando-se o atual núcleo da Braspol de Casca.<sup>205</sup>

Um dos momentos mais importantes do início tanto da Braspol como do grupo de danças foi a visita do representante do Papa João Paulo II, em outubro de 1991.

---

<sup>203</sup> KUTELAK, Izidoro; WACHOWICZ, Rizio. BRASPOL – Representação da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. In: *Colônia Lucena-Itaiópolis: Crônica dos Imigrantes poloneses*. RODY CZ, Wilson (Org.); SCHALINSKI, Adalberto [et al.]. Florianópolis: BRASPOL; impresso IOESC, 2002. p.501-502.

<sup>204</sup> Estatuto da Braspol disponibilizado pela diretoria do núcleo de Santo Antonio do Palma.

<sup>205</sup> Informações disponibilizadas pela diretoria da Braspol de Casca em 2009.



**Figura 33:** O representante do Papa João Paulo II, no altar da missa organizada pela Braspol de Casca, na Igreja Matriz do município. Elementos da cultura polonesa estão presentes, como a imagem da águia branca e os dizeres do mural: Deus honra e pátria. Ele visitou a cidade no dia 14 de outubro de 1991.  
**Fonte:** Arquivo de Marta Czarnobay

Atualmente, a Braspol da cidade de Casca faz ações conjuntas com o município vizinho de Santo Antonio do Palma pelo passado comum e para agregar mais integrantes. O grupo folclórico de danças, *Orzel Bialy*, é composto por membros jovens das duas Braspóis. Essa entidade representa a cultura étnica em eventos públicos e é responsável pela sua divulgação. Possui uma biblioteca étnica, que inclui gramática, em grande parte resultado de doações do Consulado Polonês de Curitiba. Os recursos provêm da Prefeitura municipal, através de auxílio-transporte para o grupo de dança, promoções e no ano de 2009 recursos da “Wspólnota Polska”, uma organização subordinada ao Senado Polonês, cujo objetivo é a promoção da cultura polonesa fora da Polônia. O dinheiro foi usado para o ensino da língua polonesa, gratuito e aberto a toda comunidade. Promove anualmente no último final de semana de abril o Jantar Polonês, na Linha Geral Velha. Em 2009 ocorreu junto ao Jantar Polonês a 1ª semana da Etnia Polonesa, sendo feitas várias atividades, entre elas apresentações na Câmara de Vereadores e Escolas Públicas. Disponibiliza oficina de bordado típico e pintura em ovos, *pisanki*, a toda comunidade interessada. A Braspol de Casca possui

um programa cultural veiculado aos domingos, ao vivo, na rádio local e também promove celebrações de Natal (em conjunto com o núcleo de Santo Antonio do Palma) e Páscoa.<sup>206</sup>

Santo Antonio do Palma se tornou município em 1993 e nesse mesmo ano foi fundado o núcleo próprio da Braspol. Recebe verba mensal da Prefeitura Municipal. A atividade principal é a manutenção do grupo de danças e a celebração comunitária do *Oplátek*. Ambas as entidades tiveram períodos de inatividade, causada principalmente pela falta de tempo dos descendentes.

Pode-se atribuir à Braspol o impulso pelo reavivamento da identidade étnica polonesa nas cidades-objeto deste trabalho. Como me contou uma das idealizadoras do núcleo em Casca, isso começou pela observância da perda da identidade no cotidiano. Tanto é que uma agricultora lhe confidenciou que há muito tempo não preparava uma iguaria típica, o *pierogi*, e que após ter contato com uma das atividades da Associação voltou a fazer o pastel de requeijão para sua família. Esse singelo exemplo torna única a análise da identidade polonesa local. A experiência relatada por Maria Catarina Zanini<sup>207</sup> com os descendentes de italianos de Silveira Martins, mostra que

Para os membros das classes mais baixas, que não fazem parte das Associações ou dos *Circolos*, a italianidade é experimentada e expressa nos domínios domésticos, nas festas religiosas e municipais, nas apresentações artísticas, nos jogos de bocha, nas receitas culinárias transformadas em produtos vendidos nas feiras e nos programas de rádio locais que possuem uma linguagem mais popular. Além disso, os membros das classes baixas e da zona rural não dispõem de tempo e recursos para investir na italianidade como os membros das classes média e alta. Ambos têm muito a narrar acerca de suas experiências étnicas, mas as expressam num discurso distinto.

Nas comunidades polonesas pesquisadas, não se aplica a realidade das Associações Italianas, que tem linhas divisórias entre classes sociais, urbano ou rural, popular ou erudito. A visibilidade que a etnia possui foi e ainda é conquistada por pequenos agricultores. A polonidade é justamente encontrada no espaço doméstico, nas festas religiosas, apresentações artísticas, no lazer, nos alimentos, inclusive os ofertados em feiras e os programas de rádio; tudo o que para a Italianidade de Silveira Martins é considerado manifestações das camadas mais baixas. Os agricultores encontram tempo e recursos próprios, muitas vezes, para investir

<sup>206</sup> Informações igualmente disponibilizadas pela diretoria da Braspol de Casca em 2009.

<sup>207</sup> ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *A Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria RS*. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2006, p.199.

na identidade étnica. Um elemento característico das celebrações religiosas e culturais é o espaço rural. Missa, Jantar Polonês, curso de bordado e pintura em ovos, ensaio do grupo de danças. Até a hospedagem de professores do idioma, vindos da Polônia, foi numa propriedade rural. Os descendentes da classe urbana e erudita é que são minoria no ambiente étnico local, que se caracteriza por uma cultura popular, com elementos específicos:

A cultura popular, assentada no saber vulgar, de transmissão oral, embora se dividisse em componentes rurais e urbanos, era unificada por um corpo comum de compreensões, valores e tradições de que todos participavam e que se expressavam no folclore, nas crenças, no artesanato, nos costumes e nas instituições que regulavam a convivência e o trabalho.<sup>208</sup>

Outra característica importante das comunidades polonesas são as lideranças femininas. É por iniciativa delas que está ocorrendo a manutenção da identidade cultural polonesa; são elas as “guardiãs da memória e cultura” locais, e desse modo dominam a “narrativa de nação”, que já descrevi. São elas também minhas fontes mais acessadas. Talvez porque o lar era o único lugar em que se podia manifestar a cultura polaca na maior parte da Polônia ocupada, e sendo o lar um reduto feminino, tenha conferido às mulheres uma sensibilidade maior para as questões culturais. A vida na família ou a vida em casa, inclusive hoje, encerra boa parte das características culturais, como a língua comum, os hábitos alimentares, a reza em família, os trabalhos manuais, histórias contadas, o convívio entre gerações. Se algo nesse ambiente está mudando, a mulher é a primeira a perceber isso.

Featherstone<sup>209</sup> acredita que isso está sendo possível, porque o equilíbrio de poder entre homens e mulheres está mudando também, inclusive na esfera cultural, valorizando aspectos da cultura comuns ao universo feminino, com a vida cotidiana, seus saberes e tradições.

A partir da *etnicidade simbólica* proposta por Herbert Gans discutida por Elzbieta Budakowska<sup>210</sup>, o indivíduo pode escolher os elementos culturais herdados com os quais quer se identificar, principalmente entre as gerações pós-imigratórias. Não é preciso fazer parte de

---

<sup>208</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 263.

<sup>209</sup> FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1997. p.98.

<sup>210</sup> BUDAKOWSKA, 2007.

um grupo étnico fechado, mas pode participar de ‘movimentos sociais étnicos abertos que se baseiam na restauração da herança cultural de seus antepassados’.

Existe um crescimento de lideranças urbanas e eruditas nas comunidades polonesas das cidades maiores, como Nova Prata, Bento Gonçalves, Erechim. Pelo fato do movimento étnico ter se originado na cidade, e não no interior, e apresentar um número de cidadãos maior que as cidades pequenas, essas comunidades estão se assemelhando às comunidades italianas estratificadas descritas por Maria Catarina Zanini.

A cultura dos imigrantes poloneses começou a ser esquecida, a língua perdeu muitos falantes, os rituais abandonados. Kobena Mercer afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.”<sup>211</sup> Por diferentes motivos, os imigrantes e descendentes deixaram sua cultura e identidade perder força. Um renascimento ocorreu por influência da criação da Braspol. A perda influenciou a organização em torno de um objetivo comum de preservação. A identidade se tornou uma questão importante para as comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma quando sua cultura estava ruindo inclusive no cotidiano.

‘Segundo Hall, há duas formas de se pensar a identidade cultural: a primeira, é a recuperação do passado, que afirma e reafirma uma identidade partilhada; já a segunda, é a que a vê como uma questão de se tornar ou vir a ser, não se trata de negar o passado, mas, ao reivindicá-la, ou ele é reconstruído ou é reinventado.’<sup>212</sup> A comunidade polonesa local vive um processo reivindicatório em que elementos estão sendo inventados.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.<sup>213</sup>

Uma dessas tradições inventadas é a celebração do *Ognisko* (fogueira). Criada na Polônia, há séculos atrás, a partir de um sinal de perigo em época de Guerra, foi acrescentado

---

<sup>211</sup> Apud HALL, 2002, p. 9.

<sup>212</sup> Apud GIRON, Loraine Slomp. *Identidade: região e valores*. In: GIRON, Loraine Slomp. RADÜNZ, Roberto (Org). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, Educs, 2007, p.42.

<sup>213</sup> HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.09.

o preparo da lingüiça como símbolo de comunhão e partilha, sendo um ritual tradicional ainda praticado lá. Assim explicou o Pe. Zbigniew, pároco de Santo Antonio do Palma, durante a missa celebrada antes da confraternização, no início de Maio de 2009. Cada participante assa sua própria lingüiça numa fogueira, mas o evento feito em Casca foi um pouco diferente, foi acessa uma grande fogueira apenas para simbolizar. Quando o fogo se extingue, o pão com lingüiça é servido no salão da capela, mediante pagamento. O número de participantes ainda é pequeno, por ser somente a segunda edição. A Braspol local está tentando incluir esse ritual no calendário anual de celebrações típicas, no encerramento da Semana da Etnia Polonesa, quando ocorre também o Jantar Polonês. Em Santo Antonio do Palma, foi celebrado por uma ou duas ocasiões em que os participantes assaram suas próprias lingüiças.



**Figura 34:** Fogueira feita para simbolizar o ritual do Ognisko, em 2008.

**Fonte:** Arquivo de Bernardina Powala.



### 3.2 Páscoa – a simbologia no período de morte e renascimento

Para Bourdieu<sup>214</sup>, [...] “as práticas, os gestos, os ritos aparecem como uma linguagem de expressividade comum [...].” A expressividade comum da etnia polonesa inclui as celebrações de Páscoa e Natal.

Por ocasião da Páscoa, na sexta-feira santa, os imigrantes e os descendentes de primeira e segunda geração tinham o costume de observar o dia da paixão de Cristo segundo a tradição trazida da Polônia. Os trabalhos domésticos e com a lavoura eram interrompidos, era feito somente o trato com os animais. Falava-se baixo, quando surgiu o rádio, permanecia desligado. Também se colocava folhas de palmeira natural ou feita de papel *crepom* colorido na entrada da casa. A palma na porta de entrada da casa também é colocada por ocasião do dia do Espírito Santo, que ocorre 40 dias depois da Páscoa. Em alguns lares ainda se usa a folha da palmeira.

Durante a quaresma, o período que antecede a Páscoa, funciona como uma preparação. Alguns descendentes relataram que, na época em que moravam com seus pais, todas as sextas-feiras da quaresma não comiam carne vermelha, outros observavam esse jejum na quarta-feira e no sábado. A partir da quarta-feira santa, já começavam a observar um pequeno jejum e abstinência de carne vermelha que se prolongava até o sábado de aleluia.

Blautilia conta que quando vinha a Páscoa sua família de origem ia aos vizinhos de quarta ou sexta-feira se encontrar para cantar e rezar tudo em polonês. Ainda na páscoa, fazia os ovos pintados com a casca de cebola para os filhos, exatamente como outros descendentes relataram e ainda fazem o método antigo de utilizar a casca de cebola.

Nas comemorações pascalinas polonesas a bênção dos alimentos é realizada no sábado de aleluia. É uma antiga tradição na Polônia. Ela lembra a verdade expressa por São Paulo: ‘quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus’. O ato de comer é um ato santo. Esta bênção chamada em Polonês ‘Swieconka’ é a preparação dos alimentos para a mesa da Páscoa. Ela exprime o agradecimento pelos bens que recebemos de Deus, tão necessários para a vida. Faz parte de uma grande ação de graças pela Ressurreição de Cristo.<sup>215</sup>

<sup>214</sup> BOURDIEU; Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, p.86.

<sup>215</sup> Informações encontradas no endereço eletrônico da Braspol – [www.braspol.com.br](http://www.braspol.com.br) - acessado em julho/2010.

*Swieconka* era assim celebrada na comunidade de Nossa Senhora do Rosário, as cestas eram colocadas nas encruzilhadas por onde o Pe. iria passar, ou nas capelas, para abençoar a cesta. Eram cestas grandes, enfeitadas, com muitos tipos de alimentos. Assim contaram Maria Kazimirski e Inês koakoski<sup>216</sup>, lembrando suas infâncias, onde o cheiro da carne e pães assados previamente marcava esse período de vigília da Páscoa. A tradição cristã impedia os trabalhos pesados durante a sexta-feira santa. Por isso, ocupavam-se com a preparação dos alimentos para a bênção do sábado. A carne era servida fria, porque também havia restrição quanto ao uso do fogo no dia da Páscoa.

Geralmente, os alimentos são colocados numa cesta enfeitada. Os alimentos utilizados na cesta da Polônia são mais elaborados, e pelas informações disponíveis na Braspol, “deve conter obrigatoriamente: pão, lingüiça defumada, carnes assadas, ovos, babkas, sal, pimenta, crem (chszan) e o cordeirinho de preferência de manteiga. Será lindamente decorada e poderá conter outros alimentos menos tradicionais.”<sup>217</sup> Mas nas comunidades estudadas, desde a chegada dos imigrantes, são feitas substituições e acréscimos. O alimento fundamental entre os descendentes é o ovo cozido decorado. Em 2009, tive oportunidade de levar minha própria cesta para bênção, e para montá-la, fui aconselhada a colocar os alimentos que seriam consumidos no dia de Páscoa, como pão. Interessante também os temperos, como o sal e ervas. Algumas famílias fazem o cordeirinho, símbolo do Cristo imolado e ressuscitado, de pão. Tendo a disponibilidade da manteiga e mãos habilidosas, como exemplo Bernardina Revers Powala, é feito o cordeirinho de manteiga, visível nas fotos abaixo:

---

<sup>216</sup> Inês, 55 anos, é voluntária do Jantar Polonês, e mora na capela Geral Velha, em Casca.

<sup>217</sup> Informações encontradas no endereço eletrônico da Braspol – [www.braspol.com.br](http://www.braspol.com.br) - acessado em Julho/2010



**Figura 35: Mesa de café-da-manhã no dia da Páscoa na família de Marta Czarnobay – os cordeirinhos de manteiga foram feitos por Bernardina, sua irmã. Outro elemento tradicional, o ovo, tanto decorado como partilhado, também estava presente na primeira refeição deste dia especial, 4 de abril de 2010.**  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Marta Czarnobay.



**Figura 36: Mesa preparada para o almoço de Páscoa da família da Babcia (avó) Natália Gregoski, na capela Nossa Senhora da Salete (próxima aos Montes Cárpatos, de S. A. do Palma), em Casca, neste mesmo dia 4 de abril de 2010. O ovo decorado simboliza a herança étnica ainda presente nesta data.**  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Geni Gregoski Kazmirski.

Atualmente, na comunidade polonesa de Casca, a bênção dos alimentos depende da mobilização da própria comunidade pela vinda do sacerdote polonês, especialmente para a bênção no sábado de manhã. Alguns anos têm, outros não. Já em Santo Antonio do Palma, a bênção ocorre todos os anos, no sábado pela manhã, que é feita pelo pároco local membro da Sociedade de Cristo, que atende os poloneses. Ágata Grochot dos Santos<sup>218</sup> conta que sua família, entre outras, preparam os alimentos como antigamente, cozinhando a carne já na sexta-feira santa. As cestas com os alimentos são levadas até a capela e depositadas nos primeiros bancos diante do altar, onde sacerdote as abençoa.

Algumas famílias ainda observam a partilha do ovo decorado no dia santo, assim como o jejum anterior de carne vermelha (embora já seja um costume comum entre os descendentes ignorar esse jejum).

Na segunda-feira seguinte à Páscoa, era feita a brincadeira do Dyngus, em que os jovens brincavam com água atirando-se uns nos outros, vizinhos, amigos, namorados, parentes. Alguns praticantes ficavam encharcados. Por uma ou outra oportunidade esse costume foi revivido entre os descendentes, mas atualmente não é mais praticado.

### **3.3 Natal – celebração religiosa e social através da partilha**

Na Polônia atual, a mesa da ceia é preparada deixando-se um lugar pronto de sobra, para um convidado de última hora, que pode ser um desfavorecido ou solitário. A tradição da nobreza era preparar doze pratos, significando os doze apóstolos presentes na última ceia de Cristo. Lá ainda é observado o preparo de doze pratos, assim como a abstenção de carne vermelha na ceia, sendo substituída por peixe. Nas comunidades estudadas, um ou dois relatos se relacionavam ao lugar vago na mesa, mas a maioria não conhecia essa tradição nem os doze pratos; a mesa continha os alimentos disponíveis, numa oferta bem menor que agora, pela sazonalidade das frutas e legumes e a falta de refrigeração. Era uma ocasião especial, mas assim como na Páscoa, cada família utilizava o que tinha de melhor, com fartura ou modéstia. Era observado a abstenção de carne vermelha no dia anterior ao Natal. Não existia “ceia”, a comemoração do nascimento e a ressurreição de Jesus era no dia santo. E assim ainda é feito, pelo relato de algumas famílias.

---

<sup>218</sup> Artesã e pesquisadora local, Ágata, 40 anos, mora da capela Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antonio do Palma.

Um ritual extremamente característico e significativo é a partilha do *Oplátek*, a hóstia não consagrada partilhada na família. A hóstia é uma fina folha de massa, branca, feita com farinha de trigo e água, sem fermento, geralmente de forma circular. O nome *Oplátek* vem do latim, que significa dádiva, oferenda, gratidão de pessoa para pessoa, assim explicou o Pe. Zbigniew Perdjon, durante a bênção do mesmo, no dia 22 de dezembro de 2008, ocasião em que eu estava presente.

O costume de repartir o *Oplátek* durante a ceia de Natal remonta ao início do cristianismo, quando cristãos em sinal de comunhão e fraternidade repartiam o pão com seus semelhantes. Na Polônia a prática inicialmente foi introduzida no seio da nobreza e nas cidades maiores. A partir do século XIX alastrou-se às zonas rurais.<sup>219</sup>

O pão faz parte da dimensão simbólica da alimentação no catolicismo. O pão incorpora o corpo e alma expressos nas diversas formas de preparo dos pães, adequados para cada celebração religiosa. A hóstia é conhecida por ser um “pão puro”, sem fermento ou complementos.<sup>220</sup> A partilha é feita antes do café-da-manhã do dia de Natal. No passado, por vezes a hóstia, ou um pequeno pedaço dela chegava às mãos dos descendentes sem a bênção, então a pessoa mais velha da casa, que geralmente é o pai ou o avô, munido de um ramo e água benta, abençoava a hóstia, dizendo algumas palavras. Rezar antes da partilha também faz parte do ritual que segue com a entrega de um pedaço da hóstia para cada um, incluindo as crianças. Assim se sucede um oferecendo um pedaço para outro enquanto tomam um pedaço da hóstia do outro para si. Nesse tempo, desejam-se votos de felicidade, prosperidade, pede-se perdão. Ele é preparado por membros da Igreja Católica, e o acesso a ela para os imigrantes e descendentes, nas primeiras décadas do século passado, foi feito pelo Pe. Alexandre Studinski, que a distribuía para algumas famílias, notadamente da Linha XV de Novembro. Outros sacerdotes se seguiram e também estimulavam a prática. Houve um período que A Ir. Ambrósia, do município de Ilópolis, trazia o *Oplátek* de lá e auxiliava na distribuição. Até os animais recebiam a hóstia. Ela é específica, em cor verde, e atende a uma lenda na qual à meia-noite do Natal os animais falam entre si. Atualmente, não o fazem mais por falta dela.

<sup>219</sup> Informações encontradas em um impresso do arquivo de Ágata Grochot dos Santos.

<sup>220</sup> CONTRERAS, Jesús. Alimentación y Religión. *Humanitas humanidades médicas*, nº 16, p 1-22, 2007. Disponível em [www.fundacionmhm.com.org](http://www.fundacionmhm.com.org). – acessado em novembro/2009.

O *Oplátek* é uma tradição na Polônia e veio para o Brasil junto aos imigrantes, lá ainda é feito antes da ceia de natal, no dia anterior, mas é um ritual religioso, que no Brasil, foi apropriado por alguns, mas desconhecido por outros, como para o casal Wladislao e Blautila Sobieski<sup>221</sup>. Eles não herdaram de suas famílias essa prática e não passaram para seus filhos. Para José Kowaleski<sup>222</sup>, somente as famílias religiosas mais praticantes o recebiam, ou também pela dificuldade de locomoção para obter a hóstia, o que limitava o seu acesso. Por ter sido incorporado à celebração natalina do camponês somente no século XIX (o século da imigração em massa), é possível que algumas famílias aportassem no Brasil desconhecendo esse ritual, e não o incorporando como elemento da cultura polonesa ou herança familiar.

Bernardina Powala conta que na falta dela, algumas famílias partilhavam um pedaço de pão, e se a quantidade de *Oplátek* era insuficiente, apenas um pequeno pedaço era distribuído à família. Por muitas vezes, a hóstia era recebida por carta, e atualmente é assim, ela vem de Curitiba feita pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, por encomenda da Braspol nacional. A forma desse pão azimo hoje é feita semelhante a da Polônia, retangular e com desenho em alto relevo de símbolos natalinos. O núcleo de Santo Antonio do Palma recebe e organiza a partilha comunitária e o sacerdote do município distribui nas comunidades polonesas quando celebra a missa, uma vez ao mês. Essa distribuição ocorre mediante uma pequena contribuição. Esse costume foi perdendo valor, poucas famílias ainda o praticavam, porque um dos obstáculos era adquiri-lo. Faz alguns anos, com a atuação do movimento étnico nas comunidades, o *Oplátek* está ocupando novamente espaço na celebração natalina dos descendentes.

---

<sup>221</sup> Moradores da área urbana de Casca, o casal Sobieski, ambos com 81 anos, foi entrevistado em setembro de 2010. Contribuíram com as lembranças do modo de vida passado na roça, da infância até a maturidade, e o modo de vida atual.

<sup>222</sup> Morador da área urbana de Casca, José Kowaleski, 67 anos, e sua esposa Nair, 64, foram igualmente entrevistados pelas lembranças do passado vivido no grupo étnico polonês, em setembro de 2010. Embora Nair seja descendente de italianos, incorporou a cultura polonesa e aprendeu com sua sogra, por exemplo, preparar pratos típicos, como a *czarnina*. Também herdou da sogra a pedra de ralar, que guarda com muito zelo.



**Figura 37: Oplátek – hóstia benta usada pelos descendentes para o rito de perdão e felicitações – acima da sagrada família está escrito Gloria in excelsis Deo (Gloria a Deus nas alturas). Há também a representação dos três Reis Magos e da Estrela-guia. Distribuído no ritual coletivo de partilha em dezembro de 2009. Cerca de 80 hóstias foram distribuídas, em diferentes oportunidades, uma por família.**  
**Fonte:** Arquivo da autora.

“A partilha do *Oplátek* pode também ser realizada nas Sociedades ou em certos grupos, onde o clima de compreensão e fraternidade ajuda na união comunitária. Os votos natalinos contidos no *Oplátek* são a expressão da fraternidade sincera, humana e familiar.”<sup>223</sup> A partilha comunitária do *Oplátek* recentemente começou a ser feita entre os descendentes de Casca e Santo Antonio do Palma. Por ser coletivo, é realizado antes do Natal. Reúne as comunidades descendentes de ambos os municípios, e é organizado pelos núcleos locais da Braspol. Eventos semelhantes ocorrem entre as comunidades polonesas vizinhas, como Nova Prata e Vista Alegre do Prata.

O local escolhido é o Centro Agroecológico de Santo Antonio do Palma, localizado na Capela Santa Ana, de maioria polonesa. O sacerdote faz a bênção do *Oplátek*, em polonês, e aproveita a oportunidade para contar a história do ritual, trazida da Polônia pelos imigrantes. O grupo de dança polonesa Orzel Bialy apresenta danças típicas e cantos natalinos trazidos pelos imigrantes.

<sup>223</sup> Informações encontradas no endereço eletrônico da Braspol – [www.braspol.com.br](http://www.braspol.com.br) - acessado julho/2010.



**Figura 38: Grupo Orzel Bialy apresentando uma dança com o novo traje Krakowiak, que é o traje nacional da Polônia, durante a partilha da hóstia dia 18 de dezembro de 2009.**

**Fonte:** Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Palma

Nesta oportunidade, o grupo de danças faz uma prestação de contas do ano, apresenta trajes novos, revela ações para o próximo ano. Os participantes levam alimentos, como cuca, bolacha caseira, *pierogi*, frutas, para serem partilhados no final. Algum produtor local fornece a bebida, geralmente suco natural.

No dia seguinte ao Natal, comemora-se o dia de Santo Estevão, e na Polônia é feriado também. Por algumas ocasiões, foi celebrada no capitel de Nossa Senhora de Czestochowa uma missa nesse dia, em que se dedica a celebração para a benção dos grãos comestíveis ou para o plantio.

Os agentes culturais de ambas as cidades estudadas se esforçam para promover o ritual do *Oplátek*, que era feito pelos antepassados. Marta Czarnobay<sup>224</sup> lembra que quando era criança, recebiam presentes, pequenas lembranças, no dia de reis, e não dia de Natal. No dia de reis, faziam a procissão, de casa em casa, fazendo cantorias, os *Kolendy* (cantos natalinos), e recebendo agrados. Os integrantes de uma casa começavam, chegavam na casa seguinte, cantavam e comiam, em seguida todos seguiam adiante, fazendo assim até o fim do dia.

<sup>224</sup> Marta, agricultora e professora do curso de idioma polonês, 54 anos, moradora da capela Geral Velha, em Casca.



Algumas famílias da Capela Geral Velha também praticavam o ritual de reis e cantavam *Kolendas*. Após o início do movimento étnico em 1990, algumas vezes foram celebrados novamente o dia de reis em comunidades polonesas de Santo Antonio do Palma. Augusto Marczynski<sup>225</sup> acrescenta que a última vez que o dia de reis foi celebrado nas famílias (nesse período de 1990 para cá), muitos participantes foram de carro de casa em casa, em parte porque, cansa demais ir a pé e porque há pessoas idosas que participam.

Atualmente, no dia 06 de janeiro tem sempre uma missa de Dia de Reis na capela Geral Velha. Canta-se em polonês e português. No ofertório são oferecidos elementos que simbolizam a dinâmica cultural e rural, como a terra da Polônia e uma fonte de água, porque naquele momento era um período de seca na região. Ocorre a bênção e a distribuição de giz (antigamente, se utilizava o carvão) para que se faça o ritual de proteção do lar escrevendo-se na entrada da casa as iniciais dos três reis magos: Baltazar, Gaspar e Melquior, junto da data do ano. O sacerdote escreve na parede interna da capela também. Mas não é comum encontrar esse símbolo cristão nas casas dos descendentes. Apenas os frequentadores desta missa ou mais envolvidos com o movimento étnico se ocupam com a inscrição de giz. Em Santo Antonio do Palma também é feita a missa de Dia de Reis.



**Figura 39: Inscrição em giz das letras iniciais dos nomes dos três Reis Magos, seguidas da data do ano. Bernardina Revers Powala fez a inscrição na parede interna de sua casa, próxima da porta de entrada.**  
**Fonte:** Arquivo da autora.

<sup>225</sup> Augusto, 55 anos, agricultor, mora na capela Santa Ana, em Santo Antonio do Palma. Fundou o núcleo da Braspol local, e atualmente, quando pode, auxilia o movimento étnico.

Essas celebrações, parte do patrimônio imaterial religioso, juntam-se o patrimônio material, como os templos religiosos de arquitetura polonesa, para formar o capital religioso, como explica Bourdieu<sup>226</sup>, que se perpetua através do trabalho religioso, que garante a conservação ou restauração do mercado simbólico em que se desenvolve o capital religioso. Esse capital ainda se mantém, porque alguns descendentes (considerados fiéis) sentem necessidade dos bens simbólicos oferecidos pela Igreja.

“As tradições polonesas em maior parte estão relacionadas às festas religiosas.”<sup>227</sup> Essas tradições, tanto antigas como atuais, estão também veiculadas a um **calendário**, com datas permanentes, como as celebrações de Páscoa e Natal, devoções ao dia dos santos, bênção de sementes em época de plantio, Dia da Etnia Polonesa, flores de papel por ocasião de finados. Estão igualmente integradas a esse calendário as “proibições provisórias (tal iguaria para tal período da vida, ou tal comida preparada deste jeito durante os ritos de iniciação, etc.).”<sup>228</sup> Essas proibições eram observadas geralmente durante a Páscoa e o Natal.

toda vida cotidiana, afetiva, fantástica, de uma sociedade depende do seu calendário. [...] ora, salvo raras exceções [...], as únicas festas modernas que tiveram sucesso foram as que se instalaram em datas de festas antigas, das quais mais ou menos asseguram a continuidade.<sup>229</sup>

Uma festa étnica moderna de sucesso, a Jantar Polonês, está amparada em datas já estabelecidas, tanto pelo calendário municipal em Santo Antonio do Palma, como pela Semana da etnia polonesa em Casca.

<sup>226</sup> BOURDIEU, 1997, p.59.

<sup>227</sup> KOLLROSS, Izabel. Tópicos da Imigração polonesa em Itaiópolis. In: *Colônia Lucena-Itaiópolis: Crônica dos Imigrantes poloneses*. RODYCZ, Wilson (Org.); SCHALINSKI, adalberto [et al.]. Florianópolis: BRASPOL; impresso IOESC, 2002. p.107.

<sup>228</sup> DE CERTEAU; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: Morar, Cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.246.

<sup>229</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 485.

### 3.4 Jantar Polonês – valorização e visibilidade da cultura pela abundância culinária

A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e nos espaços sociais.<sup>230</sup>

A tradição alimentar dos imigrantes e descendentes é ritualizada numa festa organizada pela Braspol de Casca, sendo feita sempre na Capela de Nossa Senhora de Czestochowa, mais conhecida como Geral Velha. Foi escolhida por ser composta predominantemente por descendentes engajados no movimento étnico, mas há outras capelas com agrupamento de descendentes, como São Cristóvão (desmembrada da Geral), São Jacinto e Nossa Senhora do Caravaggio. Ao contrário do que ocorre em Santo Antonio do Palma, como será mostrado adiante, a capela Geral Velha atraiu para si o monopólio do lugar da cultura polonesa. O evento começou em 2005, por ocasião da comemoração ao cinquentenário de emancipação do município de Casca.

No Jantar, caracterizado pela sua dimensão rural, alguns produtos são feitos pelos próprios descendentes, de forma voluntária, e outros são comprados. Há mercados que doam guardanapos e papel para forrar as mesas e oferecem descontos na compra de produtos para o Jantar. A funcionalidade do Jantar polonês demanda um planejamento da tipicidade da cultura, que envolve, principalmente, os alimentos e a solidariedade de grupo.

[...] não considero a festa como anomalia consentida, expressão invertida da realidade social, espaço sem regras. Toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas, ou absolutamente espontâneas e informais, como as que regem, por exemplo, os bailes funks [...] o que chamamos de festa [portanto] é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais [...]<sup>231</sup>

<sup>230</sup> GUARINELLO, Norberto. Apud SCHNEIDER, Cláides Rejane. “E a festa vai começar!”: reflexões sobre a festa e suas possibilidades de análise. In: \_\_\_\_\_; BONAMIGO, Carlos Antonio. (Org.) *História: conhecimento e prática social*. Francisco Beltrão, Grafisul, 2008. p.78.

<sup>231</sup> GUARINELLO, 2008, p.81.



**Figura 40:** Registro das 2000 unidades de pierogi feitas manualmente pelas voluntárias, no Jantar de 2010. O pierogi é um pastel frito, recheado com queijo semelhante à ricota. Pode ser também feito com massa de batata, igualmente recheado, e cozido na água para ser servido com molho.

**Fonte:** Arquivo da autora

As bolachas, cucas e pães são feitos antecipadamente, na casa dos voluntários, que na sua maioria são casais; algumas famílias se reúnem e preparam conjuntamente. Os jovens também se envolvem no preparo do Jantar, no abate dos animais, no feitiço das bolachas e alguns na cozinha, preparando a comida. Os jovens estão aprendendo, porém são os mais velhos e experientes que comandam a cozinha (mulheres) e a churrasqueira (homens). Na cozinha, mulheres conversavam em idioma polonês, e assim faziam também os homens na organização do salão.

A recepção é feita por jovens membros da comunidade, ou do grupo de danças, caracterizados, oferecendo pão e sal. Em substituição do sal pode ser oferecida bebida doce, atualmente usam vinho, mas no passado era comum a cachaça doce. Esses elementos fazem parte do rito da visita. Hoje está em desuso no cotidiano, mas era comum no passado, quando uma pessoa(s) visitava pela primeira vez uma família, era obsequiada na entrada com o pão, onde o convidado pega um pequeno pedaço com a própria mão, e passa no sal, ingerindo em seguida. O sal significa o gosto, tempero da vida, e o pão é alimento, para que ambos não faltem tanto para o anfitrião como para a visita. Um provérbio comum entre os poloneses

orienta essa simbólica receptividade: “Visita em casa, Deus em casa”. Também era costume oferecer o melhor alimento disponível em casa. A importância do alimento na cultura polonesa incorporou outro significado no estabelecimento em terras brasileiras, o sucesso através da fartura, como define Certeau: “a prosperidade de uma família se traduzia antes de tudo por seu regime alimentar”<sup>232</sup>.



**Figura 41: Jovens integrantes do grupo de danças folclóricas Orzel Bialy, vestindo um dos trajés típicos, recepcionando os participantes do Jantar com a cuca (nesse caso, substituindo o pão) e o sal. Jantar Polonês de 2008.**

Fonte: Arquivo da autora

Os pratos comumente oferecidos são: batata doce e branca cozidas, sopa branca de massa com galinha e *czarnina*, carne de pato cozida, lingüiça e carne de porco assada, queijo de porco, pão e cuca caseiros, *pierogi* frito, salada de alface e repolho com cenoura, bolinhos fritos doce e salgado. Foram escolhidos por serem os pratos mais representativos da culinária dos imigrantes e descendentes, uma culinária cotidiana. O Jantar em Casca observa a tipicidade da cultura, não acrescentando outros alimentos. Os organizadores, ano após ano, procuram manter essa escolha. Atualmente está se discutindo o modo de assar a carne, porque o “modo polonês” é carne de porco e lingüiças assadas no forno, não no espeto, e servidas frias. Por isso, cuida-se ao menos levar a carne para as mesas em formas, nunca em espetos. É

<sup>232</sup> DE CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 231.

o único grande evento gastronômico que possibilita apreciar a culinária dos imigrantes poloneses e de seus descendentes. Nas festas religiosas, mesmo nas comunidades étnicas, o churrasco é o prato eleito. As bebidas mais consumidas nos Jantares são o refrigerante e a cerveja.

Numa mesa à parte, após o Jantar é servido café com bolacha caseira. Em seguida, seguiu-se o baile, com algumas músicas étnicas e o restante de domínio popular. Nesta edição não houve a apresentação do grupo de danças *Orzel Bialy*, por conflitos internos. A dimensão da festa também produz um conflito, onde se localiza o sagrado e o profano. Antes do início do Jantar, reza-se uma ave-maria em polonês e um sacerdote, quando presente, abençoa o evento, porque a religiosidade está presente em todos os momentos da vida dos descendentes, e também porque se agradece a Deus pela comida. Assim me contaram um casal de descendentes vinculados ao movimento étnico.

Festa, portanto, produz identidade [...] dizer que a festa produz identidade não significa afirmar que produza, necessariamente, consenso, muito pelo contrário. A festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles.<sup>233</sup>



**Figura 42: Momento em que o público participa de uma bênção, feita pelo sacerdote antes do Jantar Polonês, na capela Nossa Senhora do Rosário, Santo Antonio do Palma, no dia 15 de março de 2008.**  
**Fonte:** Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Palma

<sup>233</sup> GUARINELLO, 2008, p.81.

A visibilidade social angariada pelo Jantar Polonês, uma festa gastronômica, exige posturas diferenciadas. Como conta uma integrante da diretoria da Braspol atual, por ser um evento pago (paga-se o ingresso, mas a bebida é à parte), sempre os mais experientes lideram os preparativos e as atividades durante a festa. A dinâmica mercantil abrange também a venda de artesanato típico, cuca e pães caseiros. O dinheiro arrecadado no evento fica com a Braspol local.

O Jantar Polonês é uma festa inventada com uma estratégia étnico-cultural definida, dar visibilidade à cultura polonesa através da gastronomia. A mobilização social desses eventos atrai também as autoridades políticas. Pela característica, festa de grupo étnico, também se manifesta nesse evento os laços de pertencimento e identidade de grupo. Para Contreras<sup>234</sup>

La comida es un elemento importante que sirve a los grupos sociales para tomar conciencia de su diferencia y de su etnicidad – entendida como el sentimiento de formar parte de una entidad cultural distinta, de manera que compartirla puede significar el reconocimiento y la aceptación/incorporación de estas diferencias (Contreras y Garcia, 2005). Las comidas en común como decía Durkheim (1948, 481) crean en numerosas sociedades una especie de lazo de parentesco artificial entre los que participan.

O pertencimento a um grupo social e cultural, a etnia e a comunidade são manifestos na ajuda comunitária e na valorização da cultura polonesa, os motivos encontrados pelos ajudantes do Jantar Polonês entrevistados. Benedito Koakoski<sup>235</sup>, ajuda como assador do Jantar desde a primeira edição, e conta com muito entusiasmo que gosta de ajudar no Jantar Polonês, e vai continuar, tanto pela comunidade quanto pela causa polonesa. Quando indagado sobre como se sentia, se brasileiro ou polonês, respondeu: “as duas coisas”. Se tiver condições financeiras, espera um dia conhecer a Polônia. Diz ter muito orgulho de ser polonês, e gosta muito das músicas polonesas, inclusive canta algumas que aprendeu com os pais e ouvindo nas festas.

Maria Terezinha Gregoski Kazimirski<sup>236</sup> é voluntária desde a primeira edição. Nessa sexta edição era a organizadora da cozinha. Participa do Jantar para que não se perca as

<sup>234</sup> CONTRERAS, Jesús. *Alimentación y Religión*. Humanitas humanidades médicas, nº 16, p 1-22, 2007. disponível em [www.fundacionmhm.com.org](http://www.fundacionmhm.com.org). – acessado em novembro/2009.

<sup>235</sup> Benedito, agricultor, 57 anos, mora na capela Geral Velha, em Casca. Entrevistado no dia do Jantar, 24/04/2010.

<sup>236</sup> Maria, agricultora, 50 anos, também mora na capela Geral Velha, em Casca. Entrevistada no dia do Jantar, 24/04/2010.

tradições que os avós poloneses trouxeram. Em casa falam o polonês entre si, comem *czarnina*, *pierogi*. Quando indagada se era polonesa ou brasileira, respondeu “metade brasileira e metade polonesa”. Sentir-se brasileiro e polonês forma uma dupla nacionalidade que constitui fonte de identidade cultural: “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”.<sup>237</sup>

Sonia Kujawa<sup>238</sup> ajudou no feitiço dos *pierogis*. É voluntária desde a primeira edição. Participa desse evento para que não se perca a cultura, a culinária, para que os filhos continuem cultivando isso. Manifesta preocupação com o futuro do trabalho coletivo e voluntário, porque hoje a preocupação maior é com o lucro, não trabalhar de graça. Revela que acha bonito o trabalho voluntário, que é próprio da cultura polonesa. Lembra que nos casamentos antigos também era assim.

Diz ainda que o principal costume polonês que ainda mantém em casa é a culinária. Os pratos típicos mais apreciados pela família de Sonia são a sopa *czarnina*, *ponski* (sonho), *pierogi* (pastel de ricota), carne de porco, batata inglesa. Seu filho adolescente cria os patos que são utilizados para o feitiço da sopa. Procura incentivar nos filhos o interesse pela cultura a partir dos costumes de casa, incluindo o canto de músicas polonesas.

Grasiela Gregoski<sup>239</sup> participou pela segunda vez do preparo da festa. Motivou-se a participar, juntamente com sua irmã, porque seus pais participam desde a primeira edição. Gosta de participar, porque é uma oportunidade de se reunir com pessoas da mesma etnia, ouvir o polonês que também é falado por seus pais. Considera o Jantar também um aprendizado sobre a cultura polonesa. Considera-se “totalmente descendente de poloneses”, toda sua família por parte de pai e mãe são poloneses. Em casa, sua mãe segue as regras da avó polonesa, que seguia as regras da bisavó polonesa. Ela continua aprendendo e seguindo essas regras e costumes. “A identidade define ‘o que se é’ a partir de características comuns partilhadas por um mesmo grupo, ou seja, ‘nós somos assim’.”<sup>240</sup>

Grasiela diz que mãe é muito religiosa, “assim como os poloneses sempre foram”, e sempre faz questão que todos na família participem da missa e da comunhão, e se confessem ao menos uma vez por ano. As comidas típicas que sua mãe prepara incluem temperos, *pierogi*, a batata cozida no vapor da água, com salsa (igual ao feito no Jantar), a *quiska* (uma

<sup>237</sup> HALL, 2002, p.47.

<sup>238</sup> Sonia, agricultora de 36 anos, mora na capela de Nossa Senhora dos Navegantes, em Casca. Entrevistada no dia do Jantar, 24/04/210.

<sup>239</sup> Grasiela, 25 anos, é professora de Educação Física e mora na capela São Jacinto, em Casca. Entrevistada no dia do Jantar, 24/04/210.

<sup>240</sup> NETO, Helena Brum. BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Dezembro/2008. p.140.



espécie de salame cozido no forno), *salcesson* (queijo de porco). Morou com a avó materna até ela falecer há dois anos atrás, e com ela aprendeu a rezar e falar em polonês.

O Jantar Polonês em Santo Antonio do Palma começou por incentivo de uma pessoa da comunidade de Casca que manifestou entusiasmo com a preservação da cultura polonesa. A partir disso, conta Augusto Marczinski, começaram a ser organizar para lembrar e manter costumes.

Ao longo do tempo, o intenso sentido de envolvimento e excitação, que une as pessoas, tende a diminuir. O uso de rituais e cerimônias comemorativas pode ser entendido como se eles atuassem como baterias que armazenam e recarregam o senso comunal.<sup>241</sup>

Assim foi criado o primeiro Jantar Polonês, e no dia seguinte, por ocasião da festa religiosa da Capela Santa Ana, foi organizada uma pequena exposição e encenação da cultura e cotidiano polonês no campo. A partir de então se realizaram vários jantares típicos em Santo Antonio do Palma, mas nem sempre em anos consecutivos. A partir do ano 2000, acontece anualmente promovido pela Prefeitura Municipal e pela comunidade selecionada, revezando-se as capelas com predominância de descendentes poloneses: Santa Ana, Santa Terezinha e Nossa Senhora da Pompéia. É realizada sempre no mês de março por ocasião da data de emancipação do município. Faz parte do calendário de eventos local assim como o Jantar Italiano e o Jantar Ecológico.

Neste ano de 2010, o Jantar Polonês foi na capela Santa Ana. Após o Jantar se segue o baile, dando preferência para cantor ou grupo típico, sendo a primeira hora, músicas polonesas e após músicas de gosto popular. Sendo essa festa alimentar polonesa uma invenção, apresenta inovações correspondentes ao presente. Houve uma tentativa de incorporação de comida “brasileira”, por exemplo, moranga recheada e lasanha. Há descendentes, que trabalham voluntariamente na organização de Jantares em Santo Antonio do Palma, que consideram inadequados a inclusão de alimentos não-típicos; outros consideram válida a inclusão de alimentos da cultura brasileira.

---

<sup>241</sup> DURKHEIM apud FEATHERSTONE, 1997, p.150.



**Figura 43: Participantes do Jantar se servindo. O papel colorido no teto do salão é o pajonk, ou aranha de oito pernas, feito de papel crepom. Além de enfeitar, tem um significado simbólico de proteção. Jantar Polonês na capela de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antonio do Palma, em 15 de março de 2008. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Palma**

Prato que referencia a culinária polonesa dos imigrantes e descendentes da área rural é a *czarnina*. Para os jantares poloneses desses municípios é indispensável, mas sendo um prato ‘rústico’, associado à pobreza na Polônia, já que era feito apenas com os miúdos e o sangue (a carne do pato servia à nobreza), em jantares mais sofisticados em outras cidades, por exemplo, Bento Gonçalves, a sopa nem sempre entra no cardápio.

A *czarnina* corresponde à definição de “prato-tótem”<sup>242</sup>, proposta por Contreras. Pelo valor simbólico que possui – comida dos camponeses pobres da Polônia, agora ritualizado como prato especial - é importante para delimitar a diferença e a identidade cultural. Esse prato também integra um patrimônio de pertencimento, dotado de carga afetiva e identitária que é passado através das gerações.

A dimensão do *ethos* de agricultor é expressa em todos os elementos incorporados à festa, desde o espaço em que o Jantar é realizado – capela no interior do município – passando pela preparação e doação (em parte) dos alimentos de forma voluntária, a simplicidade na ornamentação e a tradição alimentar dos imigrantes e descendentes.

<sup>242</sup> CONTRERAS, 2007. tradução nossa.

Esses eventos gastronômicos são freqüentados por grande número de pessoas de outras culturas, notadamente descendentes de italianos. Esses freqüentam eventos de culinária polonesa para provar a comida, segundo relataram voluntários do Jantar . Nas primeiras edições em Santo Antonio do Palma, uma voluntária conta que as pessoas, notadamente de outras culturas, desconheciam totalmente a composição dos pratos, e ao se servirem questionavam. Foi um motivo de muita confusão. Quando descobriam que o *pierogi* era recheado de “coalhada”, desprezavam imediatamente. A coalhada remetia a um alimento inferior, resultado do leite coalhado, velho e estragado. Para contornar a situação, as voluntárias começaram a descrever o recheio como “queijo”, simplesmente. E assim as pessoas passaram a provar e a gostar. Processo semelhante aconteceu com a *czarnina*. As pessoas pediam para provar antes de se servirem, até descendentes nunca haviam provado da sopa. Assim começou a ser aceita, e às vezes até falta, como comentou a voluntária.

Devemos comer todos os dias, durante toda nossa vida; crescemos em lugares específicos, cercados também de pessoas com hábitos e crenças particulares. Portanto, o que aprendemos sobre comida está inserido em um corpo substantivo de materiais culturais historicamente derivados. A comida e o comer assumem, assim, uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital e essencial, embora rotineira. O comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada um está inserido. Nossos filhos são treinados de acordo com isso. O aprendizado que apresenta características como requinte pessoal, destreza manual, cooperação e compartilhamento, restrição e reciprocidade, é atribuído à socialização alimentar das crianças por sociedades diferentes. Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência [...] <sup>243</sup>

Os descendentes, notadamente as mulheres, que fazem em seus lares a comida polonesa, revelam sua cultura através dela. E aquelas que, não herdaram ou não faziam em suas casas encontraram nesses eventos gastronômicos, através do trabalho voluntário, a oportunidade de aprender e a motivação de tornar rotineira a comida polonesa em casa. Outro aspecto valioso é o conhecimento das receitas de família, que revelam os hábitos dos imigrantes de diferentes lugares da Polônia e as adaptações que fizeram.

---

<sup>243</sup> MINTZ, Sidney. Comida e antropologia – uma breve revisão. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. vol.16, nº 47, São Paulo, Outubro/2001.

### 3.5 Guardiães da memória e álbum de família

“As formas de lembrar o passado dos antigos imigrantes são distintas: uma é revelada e a outra permanece oculta.”<sup>244</sup> Entre os descendentes de Casca e Santo Antonio do Palma, a lembrança dos antepassados revelada é a do sofrimento, começando na Polônia e perdurando aqui no Brasil. As dificuldades políticas, econômicas e culturais num país invadido originam a narrativa de sofrimento dos poloneses, porém o passado oculto ignora que entre os imigrantes havia os instruídos, os que tocavam violino, aqueles dotados de iniciativa. É preciso reconhecer que a bibliografia sobre a imigração polonesa, pelo menos a mais antiga, está viciada em depreciar o imigrante polonês. Adotou-se uma generalização que resume o emigrado em camponês pobre e analfabeto, oriundo de um país invadido. Esses elementos perpetuaram-se na memória coletiva como uma marca, que foi herdada pelos descendentes. Durante a pesquisa deste trabalho, ao ouvir relatos sobre os colonizadores poloneses, os descendentes revelavam fatos que faziam meus conhecimentos prévios se tornarem duvidosos. Por mais que estivesse em busca da polonidade local, e, portanto, aberta a descobertas, a narrativa do sofrimento estava tão impregnada na pesquisa que ao descobrir que o avô polonês de uma entrevistada trouxe um violino da Polônia, além de livros de oração em polonês, admirei-me tanto que confrontei a depoente com os meus “conhecimentos prévios”. Eis que ela me conta toda orgulhosa as peripécias de um imigrante que desafiou uma característica do polonês emigrado. Outros descendentes também relataram “coisas boas” dos antepassados.

Outro ponto a ser discutido na reconstrução da polonidade é a caracterização do imigrante pelas vias materialistas do sucesso. Numa polonidade marcada pela cultura e pelos feitos humanos, como a língua, artesanato, culinária, arquitetura, religiosidade, porque retratar os antepassados pela racionalidade do rótulo, camponês pobre e analfabeto? Por que o sofrimento revelado e as ‘pequenas felicidades’ ocultas? Percebe-se que a memória coletiva das ‘coisas boas’ advém do espaço doméstico, e por isso mesmo é uma construção individual. Interessante notar que a cultura polonesa sobreviveu à pobreza original do imigrante, não seria justo registrar na história e na memória coletiva do grupo isso como uma conquista admirável de ditos ‘camponeses pobres e analfabetos’?

---

<sup>244</sup> GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. Identidade: cultura e memória. *MÉTIS: história & cultura*. Vol. 6, nº12, Jul/Dez 2007, p.113-136.

“Fora do calendário regular das cerimônias, que reforçam nosso senso de coletividade familiar, local e nacional, também é possível recorrer às memórias coletivas”.<sup>245</sup> A reconstrução da Polonidade está amparada na memória coletiva e individual. A memória coletiva, na análise de Halbwachs<sup>246</sup> se constrói a partir de sentimentos comuns a um coletivo, e mesmo se estiver adormecido, ainda é significativo, senão não existiria como memória. Por isso que a polonidade pode ser reconstruída nas comunidades polonesas deste estudo; ainda existem sentimentos comuns entre os indivíduos do grupo que possibilitam a memória coletiva continuar a existir. Mas o esquecimento, que também é um produto da memória, estava se generalizando entre o grupo. A criação dos núcleos da Braspol locais tenta mudarem esse quadro de esquecimento, porque “talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las.”<sup>247</sup> Através da promoção e incentivo da cultura polonesa, a Braspol atua como “agente” de recordações, e seus integrantes definidos por Certeau<sup>248</sup> como ‘agentes culturais’. Como característica comum desses agentes é a descendência de terceira e quarta geração. Mas por quê? Talvez por influência do cruzamento temporal de gerações:

No mesmo círculo de nossos pais, nossos avós deixaram sua marca. Antigamente não nos dávamos conta dessas coisas, pois éramos mais sensíveis em relação ao que distinguia uma geração da outra. Nossos pais caminhavam à nossa frente e nos guiavam para o futuro. Chega um momento em que eles se detêm e nós passamos à sua frente. Agora temos de nos voltar para eles e nos parece que no presente fomos tomados pelo passado e se confundem agora entre as sombras de antigamente.<sup>249</sup>

Essas gerações atuantes também são pais e tem filhos, alguns até netos, o que adiciona um novo conflito no campo da memória:

Eles e eu certamente estaremos sob a influência de uma ilusão inversa: não estarei tão longe deles, pois meus pais não estão assim tão longe de mim – mas, conforme idade e também as circunstâncias, nos espantamos, sobretudo com as diferenças e semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem.<sup>250</sup>

<sup>245</sup> DURKHEIM apud FEATHERSTONE, 1997, p.150.

<sup>246</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>247</sup> HALBWACHS, 2006, p.41.

<sup>248</sup> DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. p.195.

<sup>249</sup> HALBWACHS, 2006, p.89.

<sup>250</sup> HALBWACHS, 2006, p.90.

Ecléa Bosi reconhece que “este constrangimento e empobrecimento da memória na idade adulta é puramente social.”<sup>251</sup> Quer dizer que os adultos têm memória, e podem ser os narradores do ontem e do hoje, que de fato acontece nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma. A transmissão oral das gerações é o mais importante, porque se faltam os velhos, os adultos assumem o lugar, com sua própria gama de conhecimentos e interpretações sobre o passado. A infância e juventude dos adultos também são histórias do passado ainda carregado de vivência cultural, embora mais recente e integrado à cultura brasileira. A idade adulta é norteada pela ação presente: e quando se volta para o passado é para buscar nele o que nele se relaciona com suas preocupações atuais. Lembranças da infância para merecer atenção do adulto são constrangidas a entrar no quadro atual.<sup>252</sup>

A construção da Polonidade local se serve do passado, mais do que se apóia na memória dos velhos, contradizendo a racionalidade que associa o idoso ao passado.

Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem. Convém, entretanto, matizar a afirmação de Halbwachs. Nem toda sociedade espera, ou exige, dos velhos que se desencarreguem dessa função. Em outros termos, os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda parte. O que se poderia, no entanto, verificar na sociedade em que vivemos, é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente da sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.<sup>253</sup>

A memória familiar e da infância dos adultos descendentes não se ampara, essencialmente, nos velhos, mas no passado. Quando comecei a pesquisa, os descendentes me orientavam a buscar as pessoas mais idosas da comunidade, porque estas sabiam mais sobre o passado. Quando eu tomava conhecimento sobre idosos falecidos com noventa e poucos anos, que contavam histórias e outras tantas que ficaram de contar, os próprios descendentes se questionavam pela perda dessas memórias. Os filhos e netos desses idosos esqueceram partes das histórias contadas pelos antepassados, porque não as relembrou frequentemente, nem julgaram oportuno guardá-las na memória. A função de lembrar não é primordial nas comunidades étnicas estudadas.

<sup>251</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.92.

<sup>252</sup> BOSI, 1994, p.76.

<sup>253</sup> BOSI, 1994, p.63.

“Por que decaiu a arte de contar histórias? Porque talvez tenha decaído a arte de trocar experiências.”<sup>254</sup> Wladislao Sobieski relata que quando seus filhos eram crianças, ele contava as histórias de antigamente, como eram as coisas, e as crianças davam risada, diziam elas que não era assim. E hoje, adultos, não carregam consigo um patrimônio cultural-étnico, e o mesmo ocorrem com seus próprios filhos. Benedito e Inês Koakoski também contaram que seus filhos, hoje adultos, não acreditam nas histórias do passado contadas por eles. Outros descendentes também fizeram o mesmo relato, seus filhos e netos não dão crédito à sua memória passada. Mas esse processo de negação da memória também ocorreu com alguns descendentes quando eram jovens, e que hoje participam do movimento étnico também para recuperar o que eles próprios perderam.

Mas essa recuperação da memória passada se submete ao presente. “Os códigos são passados de geração em geração através dos ensinamentos. Porém, estes não são fixos no tempo e no espaço, pois as formas e as funções podem mudar de acordo com a dinâmica cultural.”<sup>255</sup> Percebe-se uma dinâmica cultural nas comunidades polonesas estudadas que valorizam mais, atualmente, os códigos materiais, com os quais são identificados dentro de um sistema global de significações que prioriza as manifestações que conferem identidade, e por isso mais visibilidade. Ainda estão vivos muitos descendentes “velhos”, guardiães da memória individual e coletiva, à espera de quem precise delas.

Outro elemento pouco valorizado são os acervos fotográficos familiares, considerados como Bordieu como o “álbum de família” que

[...] exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais confiança e seja mais edificante que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas, e o passado comum ou, se quiser, o menor denominador comum do passado, tem a nitidez quase coquetista de um monumento funerário freqüentado assiduamente.<sup>256</sup>

---

<sup>254</sup> BOSI, 1994, p.84.

<sup>255</sup> BEZZI; NETO, 2008, p.141.

<sup>256</sup> BOURDIEU apud LE GOFF, 2003, p.460.

São esses álbuns de família que permitem corroborar as narrativas orais contadas através das gerações e outras vezes são as únicas fontes documentais que deixaram vestígios. Mas existe uma contradição, porque embora tenha seu valor de patrimônio, não tem valor de peça de acervo e *status* de documento tal como inscrito ou impresso.<sup>257</sup>

Observei nessa pesquisa que a existência de álbuns de família não implica em preservação das fotos. Geralmente, as fotos antigas estão separadas das mais atuais, geralmente organizadas em álbuns. As fotos antigas que chegavam à minhas mãos, a maior parte delas, estavam guardadas soltas em caixas ou às vezes amontoadas num único envelope. Assim também foi a observação feita por Bourdieu<sup>258</sup> na maioria das casas camponesas, onde as fotos são guardadas encerradas numa caixa, sendo exposta apenas a fotografia do casamento ou poucos retratos. Mas nos lares que ele analisou, o ocultamento das fotos era generalizado, porque não se expunha as cerimônias da família na vida cotidiana.

Mas nos lares rurais que eu visitei, as fotos atuais são expostas em destaque, notadamente de filhos, netos, casamentos. As fotos do passado expostas se restringem aos retratos ou registros de casamento de avós ou bisavós e pais. Algumas fotos guardadas estavam emolduradas, e outras danificadas. Com poucas exceções, também não possuíam registro algum, era preciso perguntar para os depoentes, que às vezes, não sabiam detalhes. As pessoas de posse documento fotográfico de acontecimentos sociais do passado não sabiam detalhes que outras, ao verem a foto, conheciam. Isso aconteceu tanto com fotos de família como de eventos públicos. Para Walter Benjamin<sup>259</sup>, a fotografia necessita da “legenda, sem a qual toda construção fotográfica não passa de uma aproximação.” Sem o significado, mas preservada. Já é o suficiente, porque, “Infelizmente, porcentagem relevante da produção fotográfica realizada no Brasil foi e continua sendo sistematicamente destruída voluntária e involuntariamente pelo homem.”<sup>260</sup> Assim aconteceu com o casal Wladislao e Blautilia Sobieski<sup>261</sup>, que perderam muitas fotos em mudanças e ‘limpezas’, onde as fotos antigas foram consideradas lixo. Reconhecem que hoje o que é antigo tem valor, é procurado. Augusto Marcziński conta que quando era criança, os pais davam as fotos antigas para brincarem, sem a preocupação de mantê-las. Por isso quase tudo se perdeu. Talvez por serem fotos antigas, geralmente de quem já faleceu, ou fatos sociais como casamentos e festas

<sup>257</sup> KOSSOY; Boris. *Fotografia e historia*. São Paulo, Ática, 1989.

<sup>258</sup> BOURDIEU; Marie Claire; BOURIDIEU; Pierre. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. nº 26, Curitiba, Junho/2006. p.31-39.

<sup>259</sup> Apud CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2001. p.234.

<sup>260</sup> KOSSOY, 1989.

<sup>261</sup> KOSSOY, 1989.



religiosas em que as novas gerações não estabeleceram vínculos suficientemente valorativos a ponto de se ocupar com a preservação das mesmas. Pode ser que são mantidas assim, como objetos da memória que quer se mantiver passada, para serem lembrados em ocasiões oportunas, significando documentos de um passado que não volta mais.

Tenho chamado a atenção para a necessidade de as instituições que guardam este tipo de documentação perceber que, à medida que esta se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e portanto menos úteis serão ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções. Que valor terá essa documentação no futuro? – é o que nos perguntamos.<sup>262</sup>

A preocupação do autor também se tornou minha quando tive acesso aos álbuns de família. Procurei, nesse estudo, valorizar o acervo fotográfico das famílias descendentes e dar-lhe o devido valor de documento. Para isso busquei as datas, os nomes, as situações que eram retratadas. Às vezes tive êxito, outras vezes não. A reconstrução da polonidade entre os descendentes não inclui o acervo fotográfico. Ele permanece guardado nos lares à disposição da memória de seus mantenedores e de suas famílias. Em busca de informação, emoção, lembranças, memória familiar, as crianças de hoje manuseiam os álbuns de família, bagunçam e ‘desgastam’ as fotografias. As pequenas mãos curiosas estão sempre em busca de conhecer o novo e lembrar o passado. Os álbuns de famílias estão sempre se modificando pela inserção de novas fotografias, o que acarreta repetidas incursões de mãos de todas as idades pelo ver e rever, desafiando a organização que por ventura existe.

Os descendentes ligados ao movimento étnico revelam que, às vezes, esquecem de documentar os rituais e acontecimentos, e quando registram, poucos documentos são arquivados adequadamente e estão num lugar determinado, ao alcance rápido. Parte do acervo documental do movimento étnico se encontra disperso. Ao se esquecerem de documentar, notadamente pela imagem, o fazem por “esquecer” o olhar do outro ou das futuras gerações. Mas não documentar fatos da cultura na família, por exemplo, o ovo decorado, também demonstra a espontaneidade das manifestações, numa promessa de continuidade, e também confiança na memória. Porém essa memória, como já analisado, sofre interferências que podem alterar o fato ao ser narrado, quando não esquecido ou oculto.

---

<sup>262</sup> KOSSOY, 1989, p.17.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior.[...] Ela dá a noção precisa do microespaço e tempo representado, estimulando a mente à lembrança, à reconstituição, à imaginação. É para o historiador, uma possibilidade incontestável de descoberta e interpretação da vida histórica.<sup>263</sup>

Ao entrevistar descendentes locais, as imagens eram a melhor estratégia de evocação da memória. Um depoente disse: “eu preciso olhar as fotos pra me lembrar!” E assim começava um ritual de rememoração espontâneo e descontrolado, em que mesclavam-se passado, presente, futuro; as fotos dos filhos, netos e restante da família; as surpresas: “como é que essa foto veio parar aqui?”, “nem lembrava mais dessa foto!”; as dúvidas: “não sei quem são essas pessoas na foto!”; além de momentos de riso ou profundo silêncio.

### **3.6 *Godzina Polska* – a hora polonesa na rádio**

O programa de rádio *Godzina Polska*, que significa “hora polonesa”, começou a ser feito após a abertura da única rádio na cidade de Casca, em 2006. Por ser uma emissora comunitária, o espaço não é pago. Na apresentação do programa, de uma hora de duração, revezam-se as mesmas pessoas (por falta de outros interessados) desde o início: Marta Czarnobay, seu filho Alexandre e sua filha Marcela, e também Bernardina Powala. Apresenta músicas em polonês, inclusive pedido de ouvintes, felicitações, informativo da Braspol local e também nacional, informações históricas e culturais da etnia polonesa no Brasil e da Polônia, e eventualmente convidados. Alexandre revela que é difícil mobilizar a comunidade para participar ativamente no programa. Por ser comunitária, a rádio tem pouco alcance, além do município sintoniza em alguns lugares de Santo Antonio do Palma. Há ouvintes assíduos e os que escutam o programa pela internet.

Wladislao e Blautilia Sobieski, às vezes, escutam o programa em polonês da rádio local, mas como diz Wladislao, “já me desacostumei a ouvir o polonês!” Outros descendentes entrevistados relataram que escutam quando podem. O horário do programa, às nove horas da manhã de domingo, rivaliza com afazeres domésticos ou a missa/culto dominical.

---

<sup>263</sup> KOSSOY, 1989, p.101.

Na verdade, o rádio, a televisão, o cinema, os vídeos e os discos tornaram-se recursos-chave para a documentação e a difusão da própria cultura, para além das comunidades locais que a geraram. São, por isso, parte do nosso património, de um modo diverso do que o são as pirâmides, os centros históricos e o artesanato, mas às vezes tão significativos quanto esses bens tradicionais [...]<sup>264</sup>

Mesmo com os obstáculos que encontra para alcançar os ouvintes, a “hora polonesa” se alia aos outros meios de comunicação como jornal e internet para difundir a cultura polonesa. Frequentemente um jornal do município de Casca, que circula também em Santo Antonio do Palma, é utilizado como meio comunicação entre os próprios descendentes, como informar atividades desenvolvidas e também de promoção da cultura, ao informar visita de pesquisadores e convites. A artesã Ágata Grochot dos Santos<sup>265</sup> tem endereço eletrônico na internet, onde promove a cultura polonesa familiar e as atividades turísticas e artesanato que desenvolve.

Canclíni<sup>266</sup> afirma que atualmente se inclui como património, além de objetos materiais, também os bens culturais visíveis e invisíveis, tais como artesanatos, línguas, conhecimento, documentação e comunicação.

### **3.7 Língua polonesa – o arcaico do cotidiano e o gramatical das oportunidades**

A Braspol incentiva o ensino na língua polonesa, por isso quando o núcleo de Casca foi criado a língua polonesa começou a ser ensinada. Pessoas da própria comunidade, ligadas ao movimento étnico, que se dispusera a ensinar o polonês que era falado no cotidiano, o qual foi transmitido pelos imigrantes. Faz cinco anos que o curso de língua polonesa é ensinado na forma gramatical, patrocinado pelo Consulado polonês sediado em Curitiba. Por duas oportunidades a língua foi ensinada por professores da Polônia, intermediados pelo Consulado. Atualmente, o curso é ministrado pela professora Marta Revers Czarnobay, na antiga escolinha da Capela Geral Velha, convertida em 2006 no Centro Cultural João Paulo II, uma vez por semana. Marta conta que o contato com o polonês gramatical, durante sua infância e adolescência, era através dos sacerdotes poloneses, por exemplo, o Pe. Valentim Nowaski. Após fazer o curso com os intercambistas, e um curso rápido no Consulado em

<sup>264</sup> CANCLÍNI, 1994, p.95.

<sup>265</sup> O endereço eletrônico de Ágata é: <http://casapolonesa.wordpress.com>

<sup>266</sup> CANCLÍNI, 1994, p.95.

Curitiba, teve a oportunidade de fazer um curso de 20 dias na Polônia, patrocinado pela *Wspólnota Polska*. Esse curso, realizado entre julho/agosto de 2010, contemplou o aprendizado da gramática, conversação, interpretação e tradução para o português, além do folclore polonês.

A oportunidade de viajar para a Polônia é um sonho realizado para Marta. Os desejos alimentados por ela incluíam comprovar a existência de seu sobrenome paterno, entender todo o apego que sentia pela Polônia, parte pela carga afetiva passada pela avó que lhe ensinou o polonês, e visitar a gruta que abriga a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, para agradecer as graças alcançadas. São desejos semelhantes a outros descendentes que manifestaram vontade de conhecer o país de seus antepassados, a região ou lugar de onde saíram para emigrar. A Polônia turística, com seus museus, paisagens e gastronomia não é a comunidade de pertença em que vivem os descendentes.

Marta, neste segundo ano como professora do idioma, considera válido o ensino do idioma polonês gramatical, tanto que o Senado Polonês, através de sua organização, *Wspólnota Polska*, elegeu como atividade fundamental o ensino e preservação da língua polonesa fora da Polônia. Para a atividade de ensino, acredita ser melhor um professor brasileiro, porque a principal comunicação é feita em português, e pela experiência de ensino na comunidade, um polonês que pouco entende o português dificulta imensamente. Segundo ela, a maior dificuldade, para os que já falam o polonês dos antepassados, é sua adaptação para o gramatical, que é necessária atualmente para uma melhor integração com a Polônia. Para os jovens que não aprenderam o idioma em casa, a única opção é aprender a língua da forma gramatical, num curso como esse, por exemplo.

A língua dos imigrantes não tem dialetos, igualmente como na Polônia atual (existe apenas um dialeto falado numa pequena região). Houve uma adaptação lingüística às novidades encontradas em terras brasileiras, assim como também mudanças nas denominações. Marta cita o exemplo de feijão, pronunciado de um modo totalmente diferente na Polônia, e potreiro, cuja palavra não existe na Polônia, pois lá é sinônimo de cercado. A mistura de idiomas polonês-português é recorrente no cotidiano. Para Ágata Grochot dos Santos,

O polonês que falamos é “arcaico”, pois na Polônia a língua evoluiu e nós ainda falamos o idioma trazido pelos imigrantes. Esse fato desafia e fascina os sociólogos poloneses, pois é incrível como depois de tanto tempo longe da pátria mãe isso ainda aconteça.<sup>267</sup>

Foram muitas as dificuldades com o idioma tanto polonês como português para os descendentes. A própria Marta aprendeu corretamente o português quando foi morar em outras cidades, por força da prática cotidiana. Mas isso só ocorreu a partir dos 17 anos. Maria Kazimirski conta que as avós só falavam o polonês, e era muito difícil de comunicar, principalmente na hora de fazer compras. Porém Maria, como já mencionado no segundo capítulo, mesmo tendo freqüentado escola, não aprendeu bem o português. Quando recebeu a visita do polonês Gustav, pesquisador amador de comunidades polonesas no Brasil, conta orgulhosa que se entendeu bem com ele falando polonês. Ambas entrevistadas tiveram professores descendentes de poloneses na escola rural que não sabiam falar corretamente o português, mas necessitavam fazê-lo assim como vigiar as crianças para que não usassem o idioma étnico durante a aula. Mas foi um processo educacional falho, que atingiu a família de Sonia Kuiawa Gregoski. Ao falar do idioma lhe vem à lembrança de acontecimentos passados que geraram muito sofrimento para ela e sua família de origem. O orgulho revelado ao falar que os filhos sabem o pai-nosso em língua polonesa melhor do que ela advém de um sentimento de polonidade reconstruído na atualidade, que lhe fora subtraído na infância, parte pela repressão do nacionalismo brasileiro da Era Vargas, e parte pelo preconceito sofrido no local em que viviam:

porque eu quando era criança, eu era a última, de oito filhos eu era a menor, e não falava-se em polonês, meu pai e minha mãe são poloneses mas eram proibidos, como meus irmãos mais velhos sofreram muito pra aprender português, eles (os pais) só falavam em polonês entre eles. Com nós eles só falavam em português e eu não aprendi. Eu fui criada no meio dos italianos e eu fiquei com vergonha de ser polonesa, eu tinha vergonha, porque sempre riam dos polacos, falam muito aberto, sempre riam os italianos da gente. E eu sempre cresci com aquele negócio de que eu tinha vergonha de ser polonesa, daí se minha mãe, por exemplo, mandava pegar um tempero, a salsa e ela dizia “pietruska” eu não ia até que eu sabia que era salsa, mas até que ela não dizia que era ‘salsa’ eu não ia. Eu tinha uma teimosia porque eu tinha vergonha. Daí eu comecei a namorar, casei, mudei e conheci uma coisa totalmente diferente, que o polonês não é burro, é isso aqui, eu quero que meus filhos cresçam e ninguém critique.

---

<sup>267</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário, Distrito de Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma, escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009. Fornecido pela autora.

O sofrimento causado pela ruptura com a língua de origem no espaço doméstico e preconceito na juventude marcou negativamente a vida de Sonia, a ponto dela chorar durante a entrevista. Revela ainda que o preconceito sofrido fosse à comunidade, por ser de maioria italiana. Quando os descendentes de italianos da comunidade Navegantes queriam rir de alguma coisa, riam “dos polacos dos carrapatos”, referindo-se à comunidade polonesa dos Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma. Cresceu com raiva disso, não queria ser “polaca atrasada”. Mas isso não a impediu de casar-se com um descendente de uma família de poloneses “de fé”. Reconhece que todos os irmãos estudaram, quatro deles têm faculdade, “não são tão burros assim como sempre riam da gente por ser polonês”. Por isso hoje estimula em casa o cumprimento em polonês e a reza do pai-nosso, que ela transmite aos filhos e eles já sabem bem. Gostaria de poder levar os filhos para as aulas de polonês, mas como a distância é muito grande o custo do transporte fica elevado.

Maria Catarina Zanini explica que a estratégia da ideologia estadonovista era criar vínculos brasilianistas nos jovens e crianças, que transmitiriam para seus familiares,

tornando-se críticos de sua cultura de origem, muitas vezes tida como rude, grosseira e atrasada. Sentiam-se, por vezes, envergonhados da maneira de falar dos pais ou de seus modos camponeses. Muitos dos descendentes que incorporaram esses ensinamentos hoje se arrependem, pois gostariam de saber mais acerca de suas origens familiares.<sup>268</sup>

A construção forçada de uma brasilidade logrou êxito em parte na identidade de Sonia. O sentimento de pertencimento continuou vivo e aflorou quando não foi mais ameaçado por condições externas ao grupo.

Embora de maioria polonesa, havia italianos também, e Wladislao sempre manteve contato com eles, tanto que aprendeu a falar o dialeto *talián*. Ele conta que as pessoas dizem: ‘tu não parece polonês, parece italiano’. Wladislao fala e entende tudo em italiano. Desde pequeno brincava com crianças da etnia italiana, aprendeu e não esqueceu mais o *talián*. Wladislao diz, orgulhoso, que fala três línguas: polonês, português e italiano! Porém já perderam o hábito de falar polonês, entre eles pouco falam. Blautilia conta que às vezes mistura palavras em polonês com português. Os filhos entendem o polonês, mas não conseguem falar. Há outros tantos exemplos de descendentes de poloneses falantes do dialeto

---

<sup>268</sup>ZANINI, 2006, p.164.

*talián*. Mas descendentes de italianos que falam polonês, fora de casamentos interétnicos, é incomum.

### 3.8 Artesanato – a identidade visual da etnia polonesa

O imigrante camponês polonês aportou no Brasil carregando consigo a vivência de um mundo agro-artesanal, que estando em declínio nas áreas de industrialização crescente, aqui, em terras onde tudo estava por fazer, se tornou vital. Fabricar alimentos, ferramentas de trabalho, brinquedos, roupas, moradia, demandavam trabalho manual, técnicas e matérias-primas específicas, trabalhadas pela cultura étnica e rural.

Mas nesse mesmo tempo, tendo que trabalhar pela sobrevivência em terras desconhecidas e começar do nada e erguer vilas e cidades, o tempo para o artesanato estético e/ou funcional do lar ficou muito reduzido. Sem material necessário e com um novo clima para se adaptar, a beleza e sazonalidade (feitos durante o inverno rigoroso) de alguns tipos de artesanato da Polônia sofreram mudanças.

O que se manteve nos locais deste estudo são reduzidos frente à variedade existente na Polônia. Na época dos imigrantes e em seguida seus descendentes, era comum fazer bordado, flores de papel e ovo decorado, este feito por ocasião da festa cristã da Páscoa. Em algumas famílias colocavam enfeite de papel no centro da sala, o *pajonk* (a artesã Ágata ainda o mantém em sua casa). Assim como era comum no meio rural da Polônia, foi essencialmente rural na chegada ao Brasil e assim perdura. Grande parte dos participantes das oficinas são oriundos da área rural. O reavivamento e também agregação de técnicas novas se caracterizam como um artesanato delicado e geralmente simbólico-artístico, não prático-materialista, como chapéu de palha, cesto de vime ou pingadeiras para telhado. A manualidade, tangibilidade e tipicidade<sup>269</sup>, características do artesanato, fazem parte dos produtos étnicos aprendidos e feitos nas oficinas de artesanato polonês de Casca, porém não enfatiza a praticidade.

Em Casca, o curso de artesanato típico polonês começou há cinco anos, e é desenvolvido pela Braspol do município. Começou com artesanato de bordado típico, *pisanki* (ovo pintado) e pintura em madeira. À medida que os alunos sugerem uma oficina nova, como

<sup>269</sup> LODY, Raul. O limiar entre nostalgia e mudança. *Revista da Fundação Joaquim Nabuco*, Out.1996.

de *lepianka* e flores de papel, os cursos são organizados. As oficinas de artesanato são financiadas pela Prefeitura Municipal, que repassa uma verba única anual para essa e outras atividades da Braspol. Com esse recurso, é pago a professora e comprado material na medida do possível. A professora é do município de Nova Prata e quando vem para as aulas, geralmente uma ou duas por mês, recebe hospedagem e alimentação da comunidade. O curso é ministrado na casa de um participante ou no Centro Cultural da capela Geral Velha. Como as atividades são desenvolvidas há algum tempo e são conhecidas da comunidade em geral, os participantes do curso, entre crianças, adolescentes e adultos, confeccionam peças por encomenda. Segundo Bernardina Revers Powala, organizadora das oficinas, as encomendas sempre obedecem ao padrão de artesanato polonês, e por esse motivo despertam o interesse apenas de quem tem conhecimento sobre artesanato típico. A professora Kariane conta que o artesanato que produz não vende somente pelo apelo estético ou lembrança de turismo. Às vezes, nenhum turista do grupo que visita seu ateliê adquire alguma peça. Ou são descendentes que reconhecem o artesanato pela herança familiar, ou são pessoas com bagagem cultural ampliada, eclética. O bordado e os outros produtos típicos são bens simbólicos que “são acessíveis apenas aos consumidores dotados da disposição e da competência que são a condição necessária de sua apreciação.”<sup>270</sup>

---

<sup>270</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.169.





**Figura 44:** Participantes da oficina de *hafty*, o bordado típico polonês, mostrando seus trabalhos (inclusive a professora Kariane, em pé, lá no fim da escada, com uma grande peça bordada). Nesse bordado, cada região da Polônia tem suas imagens e cores representativas. Esse registro foi feito na casa de Bernardina Powala, onde ocasionalmente são realizadas as oficinas.

Fonte: Arquivo pessoal de Bernardina Powala.

Os produtos também são vendidos em eventos, e levam a “assinatura” do artesão, manifestando a individualidade<sup>271</sup> presente no processo produtivo, obtendo assim um reconhecimento externo que valoriza os artesãos iniciantes e profissionais. A didática das oficinas continua o modelo oral-prático ensinado através das gerações entre os imigrantes e descendentes.

[...] tratava-se de conhecimentos e ligações conceituais-operativas não ainda codificados por escrito, e portanto, não transmitidos através do estudo de textos, mas aprendidos pela tradição oral e pela prática guiada através da autoridade de mestre.  
<sup>272</sup>

<sup>271</sup> ALVIM, M. R. B. O artesanato, tradição e mudança social. In: \_\_\_\_ et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 49-75.

<sup>272</sup> RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. p.73.

A autoridade de mestre, no âmbito familiar é representada por uma figura feminina, geralmente a mãe ou avó. Nas oficinas é conferida à professora, que faz uso de livros e materiais impressos, tanto para seu próprio aprendizado quanto para o ensino.



**Figura 45:** Oficina de pintura em tecido, com o desenho típico da menina e do menino em trajes folclóricos. Nesse momento, a professora Kariane, na qualidade de “mestre artesão”, ajuda uma aluna. Essa oficina ocorreu no Centro Cultural João Paulo II, antiga escola da capela Geral Velha, em outubro de 2010.

**Fonte:** Arquivo da autora

A *lepianka* é uma técnica que utiliza a palha do trigo para decorar objetos. É tradicional nas regiões de Cracóvia, Silésia e Rzeszów. Representa o pão de cada dia.<sup>273</sup> Ágata Grochot dos Santos ensina essa técnica no curso de artesanato promovido nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antonio do Palma. Começa assim: a palha de trigo é tingida, aberta, passada à ferro (modelo antigo de ferro, porque é mais pesado) para ficar reta, e então são recortados pequenos pedaços que são utilizados para fazer montagens, tanto decorativas como desenhos simbólicos. A *lepianka* não foi transmitida pelos antepassados. Ágata conheceu esse artesanato num evento em Curitiba, no Paraná. A partir de um exemplar, desenvolveu a técnica de forma autodidata. Ágata faz do artesanato com *lepianka*, fonte de

<sup>273</sup> Material impresso disponibilizado por Ágata Grochot dos Santos, onde explica sobre a arte e sua técnica.

renda, produz caixas, baús, ovo de madeira e até móveis já decorou por encomenda. Revela que não é fácil encontrar a palha do trigo adequada. Tem que ser de cabo longo, por isso é preciso plantar a semente crioula, pois o trigo plantado para comercialização não é adequado.

Ágata conta que recebeu uma oferta de exportar seu artesanato em caixas para a Polônia, mas ela considerou a proposta, de 220 caixas por mês, absurda, por ser impossível uma pessoa sozinha fazer. E como na Polônia já está difundido a escala industrial para o produto artístico manual, o importador perguntou para Ágata se era possível fazer isso à máquina. Ela argumentou que a máquina era impossível, e principalmente porque se fosse feito por uma máquina não seria mais artesanato. Para ela, o importador queria apenas vender bastante para lucrar, sem se preocupar com a qualidade. Esse acontecimento revela mais do que apenas uma oportunidade de negócio. Revela ao mesmo tempo a falta de pessoas dedicadas ao artesanato típico frente a um ávido mercado de consumo, e uma mercantilização que descaracteriza o artesanato.



**Figura 46: Lepianka feita em objetos de madeira. Caixas, ovo de madeira e até um suporte para levar a bebida típica da identidade gaúcha, o chimarrão.**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Ágata Grochot dos Santos

Ágata e seu marido Dilamar também fazem o *wycinanki*, que é uma técnica de recorte (também inclui perfuração e escultura) em papel que produz imagens representativas,

geralmente de aves, como galos, flores, estrelas e cenas de eventos importantes. Assim como a *lepianka*, Ágata conheceu o recorte faz alguns anos, a partir do artesanato da Polônia atual, porque mesmo sendo uma arte antiga, não é herança cultural transmitida pelos antepassados.



**Figura 47: Wycinanki alusivo ao Natal, com a árvore, a estrela e a sagrada família. Foi exposto por ocasião da data festiva, em dezembro de 2008, no capitel de Nossa Senhora de Czestochowa, na divisa entre os municípios estudados.**

Fonte: Arquivo da autora

*Pisanki* na língua polonesa significa “escritas”, são desenhos que falam.

A tradição de criar *pisanki*, começou faz muitos anos, na era neolítica, quando o homem vivia em cavernas. O ovo era considerado símbolo de vida e reprodução. Com o desenvolvimento das ferramentas, a arte de adornar as cascas de ovos se enriqueceu com desenhos. Surgiram mais tonalidades na criação de cores com diversas plantas. Se o homem desejava uma boa colheita, desenhava trigo no ovo. Desejava-se abundância, ovelhas eram incorporadas ao desenho. Assim o homem começou a pintar ovos com belos desenhos para dar aos outros, como objetivo de demonstrar bons desejos. Os “ovos” começaram a ser distribuídos nos nascimentos, matrimônios, bodas, enfermidades e em qualquer oportunidade que se desejar o bem.<sup>274</sup>

Kariane diz ainda que o cristianismo adotou o ovo como símbolo da ressurreição de Cristo. Por isso essa técnica de pintura em ovos, geralmente de galinha, é tradicionalmente feita por ocasião da Páscoa. Conforme o método utilizado para pintar os ovos, o nome é

<sup>274</sup> Material disponibilizado por Kariane Modelski Golembieski, artesã e professora de artesanato polonês. Mora em Nova Prata, RS.

diferente. Os pintados com desenhos de cor única são *Kraszanki*, e os decorados com motivos simbólicos, *pisanki*. Mas comunidades polonesas estudadas, era comum o tingimento com casca de cebola, água de beterraba, cascas de árvores e papel *crepom*, podendo utilizar também a cera de abelha para pequenos desenhos.

A oficina de ovos decorados contempla a técnica do *pisanki*, de uma forma mais rudimentar entre os imigrantes da região estudada. Os desenhos eram pouco elaborados, ou os ovos eram apenas tingidos, sem desenhos. Para o *pisanki* são utilizadas cores, com significado, por exemplo, de pureza, cura, vitalidade; e motivos específicos, que simbolizam prosperidade, casamento, amor, saúde, entre outros.

Na oficina, Kariane ensina primeiro a pintura na casca do ovo, para depois utilizarem o ovo de madeira. Antes feito por meninas e mulheres, hoje também os meninos e homens estão fazendo ovos decorados.



**Figura 48:** Artesanato feito por Josiane Kazimirski na oficina de pintura em madeira. O prato vermelho tem figura da águia branca, ave símbolo da Polônia; as outras duas peças são decoradas com flores típicas, e ao fundo, o *pisanki*. Registrado em outubro/2010.

Fonte: Arquivo da autora.

Nesse momento de revivificação étnica, e também ressignificação, pós-1990 com o início do movimento étnico local, o ovo decorado ultrapassou o tempo pascal vivido anteriormente, para se inserir num contexto mercadológico de arte ornamental e permanente,

através do ovo de madeira. Para ser dado como lembrança de casamento, presente, felicitações, igual à tradição na Polônia.

O intercâmbio com esse país estimulou a ressignificação do *pisanki* por aqui, o que exprime uma necessidade do presente:

En esta perspectiva, la investigación, la restauración y la difusión del patrimonio no tendrían por fin central perseguir la autenticidad o restablecerla, sino reconstruir la *verosimilitud histórica* y dar bases compartidas para una reelaboración de acuerdo con las necesidades del presente.<sup>275</sup>

Porém, por ocasião da Páscoa, no âmbito familiar o ovo pintado com casca de cebola, a técnica mais simples herdada pelos descendentes, é comumente utilizado; o nome *pisanki* é novidade entre os descendentes, assim como seus desenhos elaborados. Os antepassados, nos municípios estudados, diziam apenas “ovo pintado”, e quando faziam algum desenho, era muito rudimentar, como flores ou cruces, mas o significado de tais desenhos não foi transmitido através das gerações, já a simbologia do ovo era contada.

O *pisanki* e a *lepianka* são produtos étnicos que para se tornarem patrimônios generalizados e reconhecidos obedeceram a algumas regras:

[...] acumularlos historicamente (sobre todo cuando sufren pobreza o represión extremas), volverlos base de un saber objetivado (relativamente independiente de los individuos y de la simple transmisión oral), expandirlo mediante una educación institucional y perfeccionarlos a través de la investigación y la experimentación sistemática.<sup>276</sup>

As flores de papel também são características do artesanato polonês. Como relata Ágata dos Santos, lembrando o período de infância, no Dia de Todos os Santos os túmulos estavam cobertos de guirlandas de flores coloridas de papel. Onde havia flores de papel, certamente era um túmulo de poloneses ou descendentes. As flores precisavam ser confeccionadas, e as ocasiões eram festas religiosas em que se ornamentava a capela, casamentos, árvore de Natal e esse dia santo, primeiro de novembro, que para a religiosidade

---

<sup>275</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Argentina: Ed. Paidós, 2001. p.193.

<sup>276</sup> CANCLINI, 2001, p.188.

polonesa era mais importante que o dia de Finados. Esse primeiro de novembro era uma data muito importante, por isso as flores eram já confeccionadas a partir da época de inverno, pelo tempo disponível para fazê-las. As flores naturais também eram utilizadas, já que no Brasil o inverno era menos rigoroso, mas o costume das flores de papel ainda era vívido entre os imigrantes e descendentes. Ocasionalmente, as Braspóis locais confeccionam flores para datas festivas, como o Jantar Polonês. Por vontade de participantes de oficinas, em outubro de 2010 teve a primeira aula de flores de papel. A técnica atualmente está restrita aos descendentes que aprenderam em família a fazê-la. A professora Kariane ensinou o feitio da papoula, que juntamente com a dália eram as principais flores feitas em papel *crepom* pelos imigrantes para decoração. Os crisântemos eram feitos para ocasiões fúnebres (velórios e finados).

As flores de papel, outrora feitas pelas imigrantes e descendentes, está em desuso. Junto ao declínio da cultura polonesa em geral, no cotidiano dos descendentes, se soma a proliferação de flores naturais, de tecido, e mais recentemente plásticas, que fizeram a flor de papel perder seu valor simbólico. Há poucas mulheres que ainda fazem nos seus lares. A perenidade do material – papel - é uma das causas do desuso das flores de papel em ocasiões antes costumeiras. Expostas nos túmulos abertos, por ocasião do Dia de Todos os Santos, duravam pouco, pela ação do sol, vento e chuva. Hoje, as flores plásticas ocuparam esse espaço por serem duráveis, fáceis de adquirir e baratas. A tradição de flores se mantém, porém a identificação polonesa se dava por meio das flores de papel, e é esse elemento cultural dotado de traço identificador, não existe mais.

O sentido utilitário das flores de papel só existia na Polônia por conta do inverno que impedia o crescimento das flores, sendo necessário fazê-las.



**Figura 49:** Um dos poucos exemplos de flor de papel ainda feita para o Dia de Todos os Santos, 1 de novembro. Essa coroa de dalias foi confeccionada por Ágata dos Santos e sua mãe Vanda, em outubro de 2010.

**Fonte:** Arquivo pessoal de Ágata Grochot dos Santos

Os descendentes, ao manter contato com a Polônia, por meio da mídia, visitantes poloneses e até mesmo viagem à Polônia, relatam que o artesanato lá é predominantemente industrial. O artesanato, como *pisanki*, *lepianka*, *wycinanki* e bordado que o turista comprar pelas ruas das cidades turísticas vai levar para casa uma cópia industrializada. Até mesmo trajes folclóricos são bordados à máquina. Apenas artesãos nos centros menores, notadamente na área rural, ainda fazem artesanato manual. Devido à qualidade do artesanato feito pelos



descendentes das cidades de estudo, cogita-se a idéia de exportar o bordado típico para a Polônia.

A rusticidade como imprescindível ao artesanato<sup>277</sup>, ainda se apresenta nos produtos artesanais dos descendentes, como diz a artesã Ágata “um produto é diferente do outro, não saem dois iguais”, porém o senso estético e o acesso a ferramentas melhores, como pincéis, tintas, panos, diminuiu a rusticidade. Há produtos em que sua rusticidade não está no artesanato em si, mas na sua tipicidade, amparada na tradição e cultura. É o caso do bordado polonês, que tem suas características vinculadas ao regionalismo. É um artesanato da Polônia, que está sendo ensinado nas oficinas. O bordado feito por alguns descendentes, segundo a professora de artesanato, Kariane, era mais simples e não era feito frequentemente, devido à inexistência ou difícil acesso a materiais específicos; por isso era feito somente os pontos típicos, como cheio e corrente. Segundo Bernardina Powala, antigamente sua avó polonesa fazia bordado comum em ponto cruz, não esse bordado que hoje é ensinado na oficina. É uma forma de preservar o bordado típico e acrescentar os elementos esquecidos da Polônia, que são as cores, diferentes a cada região e estação do ano em que o bordado é feito, e os desenhos, notadamente as flores.

Kariane diz que sempre conduz as aulas com o conteúdo histórico correspondente. As participantes aprendem a ter paciência, atenção, disciplina, compartilhar os materiais. Ao mesmo tempo em que ensina um ofício, educa. Isso é próprio da pedagogia artesã<sup>278</sup> que inclui o fazer aprendendo.

Kariane diz ainda que de acordo com o Estatuto<sup>279</sup> do artesanato divulgado pelo Sebrae no curso que fez, há uma diferenciação entre trabalho manual e artesanato. O primeiro não tem significação histórico-cultural; já o segundo sim, necessita de explicação. Por isso o artesanato polonês ensinado nas oficinas em Casca se orienta por esse Estatuto.

A memória patrimonial do artesanato polonês herdado pelos descendentes não se aplica à algumas técnicas, como o bordado típico *hafty*, a *lepianka* e o *wycinanki*. São patrimônios materiais típicos agora incorporados há cultura polonesa de alguns descendentes, porém não há uma memória do artesanato local. Nas palavras de Rugiu: “toda época tem uma idéia própria de instrução, assim como possuiu tempos e modos próprios para realizá-la.”<sup>280</sup>

---

<sup>277</sup> RUGIU, 1998.

<sup>278</sup> RUGIU, 1998.

<sup>279</sup> O Estatuto do artesanato está disponível no endereço eletrônico do SEBRAE: [www.sebrae.com.br/setor/artesanato](http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato).

<sup>280</sup> RUGIU, 1998.

### 3.9 *Orzel Bialy* (Águia Branca) - grupo de danças folclóricas

O grupo Folclórico Polonês *Orzel Bialy* reiniciou suas atividades em outubro de 2002, após quase 6 anos de inatividade. Com coragem e determinação e a colaboração do senhor André Hamerski e grupo Kalina de Nova Prata, iniciamos essa , digamos, intrigante aventura. Sem coreógrafos, nem trajes e com pouco conhecimento de danças polonesas fomos a luta. Hoje temos um grande acervo de trajes e um bom conhecimento de danças, graças a muito trabalho, pesquisas e cursos. Apesar de termos bastantes restrições financeiras, por sermos pequenos produtores rurais e um povo da “colônia”, hoje temos um coreógrafo que apesar da pouca idade, 15 anos , é muito dedicado e culto, e procura sempre se atualizar e montar as danças da forma simples e rústica , a qual faz parte de nossa identidade.<sup>281</sup>

Segundo Lucas Grochot dos Santos, o jovem coreógrafo do grupo, atualmente com 16 anos, o coreógrafo de Cracóvia, na Polônia, quando veio pela segunda vez em 2004, falou que a característica da dança do grupo é a rusticidade, a qual lembra entidades do interior da Polônia.

A maior dificuldade inicial do grupo, criado no início da década de 1990, foi justamente a rusticidade, que se transformou em característica do grupo. Segundo relata Tereza Reves Wenning<sup>282</sup>, primeira organizadora do grupo de danças, os jovens agricultores se dedicaram muito para aprender a dançar, porque foi o primeiro contato com a dança que tiveram, tinham outras dificuldades, como o deslocamento até o local dos ensaios, sempre à noite na cidade de Casca, feito por conta própria e com os meios que dispunham, muitas vezes de trator e em baixo de chuva. Esse projeto era desenvolvido pela Braspol de Casca com o apoio da Prefeitura Municipal. O grupo só conseguiu trajes típicos mais tarde e as primeiras apresentações na Capela de Nossa Senhora do Caravaggio, pertencente ao município de Casca, durante a romaria que acontece anualmente.

---

<sup>281</sup> Informações disponibilizadas por Ágata Grochot dos Santos através de material impresso.

<sup>282</sup> Tereza, 62 anos, foi fundadora do núcleo da Braspol em Casca e contou histórias dessa época para mim. Atualmente, mora em Ilópolis, RS.



**Figura 50:** Apresentação do grupo Orzel Biały durante o Jantar Polonês de Casca, no dia 30 de abril de 2005.

**Fonte:** Arquivo de Marta Czarnobay

Ainda segundo Lucas, o grupo conta com um pequeno repertório, com as danças nacionais, e alguns trajes. Possui 3 trajes, o de *Góral*, sul da Polônia, montanhese, o de *Krakowiak*, traje nacional, com oito vestes masculinas e oito femininas, e o de *Wioelkopolska*, traje do interior. Além de exemplares de outros trajes regionais. O número de participantes oscila, porque depende da disponibilidade destes. Atualmente conta com quatro pares.

O grupo reúne também integrantes do município vizinho de Casca, e realiza os ensaios no Centro Agroecológico de Santo Antonio do Palma, aos domingos. Uma das necessidades do ensaio das danças é o piso em madeira, porque a madeira cede e não machuca o joelho dos dançarinos. Essa recomendação foi feita pelo coreógrafo Anatol, então para o ensaio o grupo sempre faz onde há piso de madeira, como o Centro Agroecológico. Para manter as atividades, que são voluntárias, recebe ajuda da prefeitura de Santo Antonio do Palma para transporte e outros, e ocasionalmente ajuda da Polônia, como foi o caso dos trajes feitos recentemente, o *Krakowiak*, com recursos da “*Wspólnota Polska*”, uma organização subordinada ao Senado Polonês, em 2009, e do Ministério Público Estadual, através de verba decorrente de condenações. Apresenta-se em eventos culturais sempre que é requisitado.

Geralmente apresenta-se para as comunidades locais, no Jantar polonês e celebrações como o *Oplátek* comunitário, e também em escolas, shoppings centers e festivais folclóricos.

Canclíni<sup>283</sup> acredita que a manutenção do folclore, mesmo que modificado pela indústria cultural, persiste porque ele permite expressar formas de convivência, visões do mundo que implicam numa continuidade das relações sociais que pouco se mantém. Por isso o autor questiona se o folclore não seria um modelo, entre outros possíveis aos indivíduos pós-modernos.

Sendo um modelo ainda acessível, entre seus atributos atuais está na intermediação entre a geração jovem e o passado histórico que a dança folclórica representa.

[...] o folclore torna-se um intermediário entre a tradição e a geração jovem, e nesse sentido é também o transmissor de um considerável cabedal de conhecimentos a respeito das regiões, da sua cultura, dos trajes populares, da música e das danças. [...] além disso, é um intermediário entre a cultura étnica e a cultura nacional geral.<sup>284</sup>

As danças folclóricas e o artesanato estão reavivando o regionalismo entre os descendentes. Durante a colonização nos municípios estudados, os poloneses e descendentes almejavam manter aqui sua nacionalidade, proibida na pátria de origem.

Sua polonidade estava extremamente ligada à cultura nacional geral; mas agora, nesse movimento étnico desenvolvido nas comunidades polonesas, o regionalismo ocupa um espaço determinante na construção da identidade.

Existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de laços e lealdades culturais “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes.<sup>285</sup>

A dança folclórica polonesa entre os descendentes é recente, passou a existir por influência da Braspol nacional. Está incorporada ao universo histórico, mas também do espetáculo e da estética. Por ter regras e precisar ter uma apresentação de nível, exige

<sup>283</sup> CANCLINI, 2001, p.329.

<sup>284</sup> BUDAKOWSKA, 2007.

<sup>285</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

dedicação dos participantes. “O fato de serem espetáculos que se tornaram mercantilizados e promovidos junto a platéias mais amplas não deve ser interpretado de modo a sugerir que eles induziram a passividade entre cidadãos que são essencialmente manipulados.”<sup>286</sup> Estes espetáculos se tornaram parte da cultura popular moderna, e para se inserir nesse contexto, os grupos precisaram renegociar as significações de origem.<sup>287</sup>

O grupo de danças, assim como as oficinas de artesanato, os jantares e as festas religiosas são organizados com intervenção de outros agentes, como explica Canclíni<sup>288</sup>, que podem ser departamentos do governo da área cultural, comercial e turística, como empresas privadas e meios de comunicação de massa. A Braspol também tem esse caráter mediador, incentivador, mas também regrador, orientando conteúdos e comportamentos.

Essas atividades, mesmo que mediadas, são oportunidades de sociabilidade que também fortificam os laços de pertencimento, e mesmo que o contato com outras culturas e etnias, chama a atenção que os casamentos interétnicos continuam a acontecer, e esses eventos étnicos promovem espontaneamente esses encontros. Embora os descendentes entrevistados não tivessem restrições quanto à união de seus filhos com oriundos de outras culturas, porque hoje isso não é mais norma do grupo, nem manifestem preocupação com essas uniões multiculturais, nota-se que existe um afrouxamento dos laços culturais entre esses casais constituídos, tanto que os pais e avós continuam a ser os “guardiães da memória”, da continuidade do passado no presente.

---

<sup>286</sup> FEATHERSTONE, 1997, p.134.

<sup>287</sup> FEATHERSTONE, 1997, p.134.

<sup>288</sup> CANCLÍNI, 2001, p.207.

### 3.10 Casa polonesa – preservando e divulgando a arquitetura dos antepassados

A Casa foi remontada há 40 anos a partir de uma outra casa, com mais de 100 anos, que pertencia a família Szymnaski, do município vizinho de Casca. As grossas portas de madeira, as vigas e grande parte das tábuas são dessa antiga casa. A atual casa foi reconstruída pelo sr. João Revers, avô da dona da casa, Ágata, com a ajuda do pai dela, Miguel Grochot, e do tio Isidoro Grochot, junto com grande parte da família. Ela é toda decorada com motivos poloneses pintados na madeira com tinta à óleo. Sua decoradora foi a própria dona da casa. Trabalho de decoração começou em meados de 2000, após um Congresso em Curitiba, onde se falou muito sobre a cultura polonesa. Surgiu então a vontade de alegrar um pouco a casa e junto reavivar as tradições e costumes dos antepassados. Como diz a dona da casa: “... na casa da minha avó haviam galos pintados nas paredes. Toda vez que eu olhava para eles, aquilo me intrigava. Queria pedir para ela porque eles estavam ali. Só que ela morreu e eu me esqueci. Então depois de pesquisa descobri que isso era um costume de certas regiões da Polônia.” Com o passar do tempo, muitas pesquisas depois, descobriu-se que todos os desenhos têm significados, além de que também alegram o ambiente. Grande parte desse incentivo de pintar a casa veio também por causas familiares. Muitas pessoas diziam que essa casa era amaldiçoada, já que algumas pessoas haviam morrido lá, incluindo a irmã de Ágata. Então para tirar essa má impressão, nada como belas pinturas, que além de terem alegrado o ambiente dessa bela casa, trouxeram também muitas coisas boas.<sup>289</sup>

Ágata conta que, depois de pintar uma pomba na porta da sala da casa, seguiu adiante. Acrescentou galos e flores, e com isso começou a atrair olhares curiosos e admirados para a casa. Isso originou um turismo étnico-rural na intitulada Casa Polonesa, que recebe visitas de escolas, pesquisadores e turistas, com a possibilidade de encomendar um almoço onde é servido pratos típicos poloneses. Ela diz que os visitantes são recepcionados com o pão e o sal, cantos poloneses, e conhecem a história da casa e da imigração polonesa, tendo oportunidade de conhecer e adquirir o artesanato em madeira que produz.

---

<sup>289</sup> História contada por Ágata Grochot dos Santos por meio de um relato escrito, fornecido para mim.



**Figura 51: Casa Polonesa, onde vive Ágata e sua família, que inclui seus pais, seu marido e os dois filhos. Registro feito em 2009.**

**Fonte:** Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Palma

Os grupos recebidos para o almoço se compõem de pessoas de múltiplas culturas. Um prato típico polonês, a sopa *czarnina*, feita com carne e sangue de pato, geralmente não é servida. Por ser um prato muito diferente no sabor, não agrada a todos os paladares. Ágata faz uma ‘concessão’, flexibiliza a tipicidade da cultura, embora a *czarnina* seja o prato mais lembrado pelos descendentes, e é sempre citado em primeiro lugar como elemento de sua cultura mantido em seus lares. Mas também há exceções, nem todo descendente aprecia *czarnina*<sup>290</sup>, assim como pastel de ricota ou carne de porco. Ágata ainda agrega alimentos de outras culturas, como sopa de *agnolini*. Assim também foi a adaptação do imigrante em terras brasileiras.

Elisabeta Budakowska<sup>291</sup> afirma que a identidade de grupo ocorre também num diálogo cultural com os outros e numa abertura da herança cultural também aos outros permite o trânsito de idéias, que numa sociedade diversificada contribui para o

<sup>290</sup> Como exemplo Wladislao Sobieski, 81 anos, morador da cidade de Casca. Ele contou que não gosta de *czarnina*. Sua mãe fazia, mas ele não tomava a sopa. Sua esposa Blautilia gosta, e fazia quando moravam na área rural e criavam patos.

<sup>291</sup> BUDAKOWSKA, 2007.

desenvolvimento da mesma. É um aspecto positivo do turismo rural-étnico vivenciado na Casa Polonesa por Ágata e sua família.

Por ser um raro exemplar de arquitetura polonesa do passado, conservado e habitado - a casa, a cultura polonesa conservada no cotidiano e o trabalho turístico desenvolvido pela família são objeto de pesquisa e admiração de brasileiros e poloneses. Professores e estudantes estrangeiros, principalmente, visitam a Casa em busca da cultura deixada pelos imigrantes e até reencontrar elementos culturais que estão desaparecendo na Polônia. Assim, as comunidades polonesas dos municípios estudados formaram uma rede social que extrapola os limites geográficos, alcançando o nível nacional e transnacional, em permanente diálogo com pessoas de mesma ou outra etnia. Além da Casa, outros códigos culturais se inserem nessa rede, como a culinária, a língua falada, a religiosidade, as genealogias, a paisagem.

A Casa Polonesa da família Grochot é um ‘lugar’ da cultura e identidade polonesa em Santo Antonio do Palma. Ela adquiriu uma importância espacial e simbólica na reconstrução da polonidade local tão grande que ‘resume’ e ‘traduz’ a cultura identitária dos descendentes de Santo Antonio do Palma, porque está inserida num contexto de turismo rural, gastronômico, histórico e estético.

A diversidade que caracteriza o norte do Rio Grande do Sul molda paisagens distintas, repletas de significados particulares expressos através do sistema de codificação que orienta cada grupo étnico, ao mesmo tempo em que integra e divulga suas culturas, principalmente ao se considerar as festividades, a música, as danças típicas, e a gastronomia. Esses códigos culturais têm se salientado atualmente, em virtude da valorização da ‘marca’ colonial, que serve como atrativo turístico e, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento econômico, serve como difusor cultural, tornando a simbologia cultural popular.<sup>292</sup>

Outro exemplo de arquitetura polonesa de destaque é o capitel, ou oratório, de Nossa Senhora de Czestochowa, os Montes Cárpatos. Se situa exatamente na divisa dos municípios de Casca e Santo Antonio do Palma.

Esse capitel já teve períodos em que era uma referência das comunidades polonesas circunvizinhas. A reza do terço, missas, novenas e até casamentos eram feitos no capitel. Atualmente, ainda é rezada missa, notadamente no dia de Nossa Senhora de Czestochowa, 26 de agosto, e ocasionalmente terços e novenas. Sempre durante o dia, pois o oratório não tem energia elétrica. Algumas vezes, foram feitas celebrações à noite, à luz de velas. O casamento

---

<sup>292</sup> BEZZI; NETO, 2008, p.150.



de Maria Terezinha Gregoski e Mário Kazimirski, em 20/07/1985, foi feito no capitel, num sábado pela manhã. Por ser pequeno, muitos convidados ficaram do lado de fora. Ela contou ainda que quando entrou no capitel, praticamente já estava de frente pro altar!



**Figura 52: Mário e Maria Terezinha Kazimirski, no dia do casamento, no altar do oratório, com seus pais.**  
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Terezinha Kazimirski

O capitel passou por uma reforma em 2003, porque estava em mau estado de conservação.



**Figura 53: Registro do capitel, antes da reforma de 2003, sem data.**

**Fonte:** Arquivo de Ágata Grochot dos Santos.

Com sugestões e idéias do então pároco de Santo Antonio do Palma, Zbigniew Perdjon começaram a ser feitas as mudanças, porque como relata Ágata Grochot dos Santos, o Pe. “sempre dizia que da forma que estava parecia mais um galpão. Ele entendia que foi construída de forma simples, pois a falta de recursos não possibilitou algo mais sofisticado.” Enfrentando um abandono de alguns anos, o capitel ganhou pintura decorativa interna e melhorias externas executadas durante três meses. A pintura interna, que anteriormente era totalmente azul, foi feita por Ágata, como ela conta:

Todas as flores e arabescos, bem como os Santos, foram pintados por mim no inverno de 2003, frio, que os pés congelavam e eu ficava pintando às vezes o dia todo, levava comida e chá, e mãos-a-obra. Mas com certeza valeu a pena, já que o ambiente interno ficou bem aconchegante.<sup>293</sup>

<sup>293</sup> História contada por Ágata Grochot dos Santos por meio de um relato escrito, fornecido para mim.



**Figura 54: Ágata pintando o interior do oratório, em 2003. A imagem de Nossa Senhora de Czestochowa foi colocada em destaque, emoldurada pela pintura.**

Fonte: Arquivo pessoal de Ágata Grochot dos santos

No telhado foram adicionados *lambrequins*<sup>294</sup>, e na entrada foi feito um coberto com degraus mais elevados. Estas obras foram feitas pela comunidade de Montes Cárpatos. Esse monumento se integra à Casa polonesa também na apreciação estética, principalmente pela decoração floral colorida, pouco comum nas comunidades polonesas rio grandenses.

<sup>294</sup> São utilizados como pingadeiras no telhado, e são típicos da arquitetura colonial polonesa e italiana.



**Figura 55:** Altar do oratório. No centro, a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, que lhe dá o nome. A imagem do papa anterior, João Paulo II, e da bandeira da Polônia, com a águia branca, também são elementos que constituem a polonidade dos descendentes. Registro feito no dia 26 de dezembro de 2008, antes da missa pelo dia de Santo Estêvão.

Fonte: Arquivo da autora

O capitel foi tombado como patrimônio histórico municipal e teve um projeto de restauro aprovado, em que serão recuperadas as partes deterioradas. Embora o trabalho feito pela comunidade modificou a arquitetura original, ele foi tombado em seu estado atual.

O que lembram então, os edifícios antigos? O valor sagrado dos trabalhos que homens de bem, desaparecidos e desconhecidos, realizaram para honrar seu Deus, organizar seus lares, manifestar suas diferenças. Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas, a mais humilde habitação possui, da mesma forma que o mais glorioso edifício, o poder de nos pôr em comunicação, quase em contato, com elas.<sup>295</sup>

<sup>295</sup> CHOAY, 2001. p.140.



**Figura 56: O capitel, após a reforma, ganhou até quiosque. Registro feito em 2007.**  
**Fonte:** Arquivo de Ágata Grochot dos Santos.

As construções antigas destinadas a honrar a Deus são

uma necessidade do sagrado manifestada nos lugares de culto, como a Igreja Matriz, capelas, oratórios ou cruzeiros na beira das estradas. O seu número, a sua colocação, o espaço entre eles contém uma história complexa em que se revelam a necessidade do objeto, fundamento ou pretexto para a adoração, os ritmos de um espaço sagrado, as exigências de sublimação segundo o caminho ou o trabalho, a sacralização necessária a certos lugares do espaço, como as encruzilhadas ou as entradas de domínios[...] pode-se dizer que é sumariamente toda uma rede de proteções para que a natureza, embora assumida, não reine com uma implacável e solitária soberania, que anule o homem.<sup>296</sup>

Bourdieu<sup>297</sup> ainda acrescenta que são esses elementos “que descobrem os impulsos da alma coletiva, uma necessidade de Igreja e o sentido desta como núcleo de concentração social.” Outro impulso da ‘alma coletiva’ para com a manutenção de um objeto de capital

<sup>296</sup> BOURDIEU, 1974, p.91.

<sup>297</sup> BOURDIEU, 1974, p.91.

sagrado se refere à capela da comunidade de Nossa Senhora do Rosário, situada no distrito de Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma, que foi igualmente tombada pelo patrimônio histórico municipal e vai ser restaurada.

“Consta que em torno de 1927 foi erguida a primeira capela nos Montes Cárpatos. Feita de madeira serrada e aplainada à mão e coberta de tábuas, seu carpinteiro foi João Vaskievicz.”<sup>298</sup> A capela ainda conserva as imagens, incluindo o quadro da Rainha do povo polonês, Nossa Senhora de Czestochowa, trazidas pelo Pe. Alexandre Studinski. Mais recente é o altar também em madeira, construído em 1953. A capela foi desfeita e reconstruída para ser ampliada em 1963. A comunidade se organizou para colaborar com a madeira e o trabalho. Os construtores foram Gabriel Kozuoski e João Revers. O sino ainda é o mesmo adquirido na década de 40.<sup>299</sup>

Nessa capela foi organizada uma festa, em outubro de 2009, para comemorar o centenário de chegada dos primeiros poloneses em Montes Cárpatos, distrito de Santo Antonio do Palma. Por iniciativa da então Presidente da Braspol da cidade e moradora da localidade, Ágata Grochot dos Santos. Segundo ela, no total de 65 famílias pertencentes à capela Nossa Senhora do Rosário, apenas três não descendem dos pioneiros. O padre polonês da paróquia local celebrou uma missa comemorativa. Estiveram presentes autoridades da Braspol nacional e estadual, além de integrantes da Braspol de Casca e autoridades civis.

---

<sup>298</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário- Distrito de Montes Cárpatos- escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009.

<sup>299</sup> Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário- Distrito de Montes Cárpatos- escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009.



Figura 57: Capela de Nossa Senhora do Rosário, em registro feito em 2009.  
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Palma

“Por seu próprio movimento, a economia da restauração tende a separar dos lugares aqueles que lá vivem. A restauração dos objetos vem acompanhada de uma desapropriação dos sujeitos.”<sup>300</sup> Tanto a Casa polonesa quanto os monumentos religiosos foram construídos no passado, mas desde então são utilizados continuamente por seu coletivo étnico, evitando a fragmentação da experiência com o desaparecimento das gerações anteriores. Todas as gerações desde os construtores e usuários dessas edificações revivificaram os “trabalhos dos homens de bem”, sendo também participantes da memória patrimonial arquitetônica. E também puderam reviver momentos como o trabalho coletivo voluntário para fazer uma reforma ou organizar uma celebração religiosa, ou rememorar a infância vivida numa casa polonesa. Nesse momento, a comunidade polonesa deseja, com o tombamento e restauração, conservar o patrimônio, para que não se repitam demolições inapropriadas, adotando assim uma postura também defensiva da identidade. Evitar a separação sujeito/objeto após a restauração, é um desafio que a espera.

<sup>300</sup> DE CERTEAU, *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.196.

Além da Casa polonesa, o capitel e a capela, o mural polonês e o obelisco na praça central de Santo Antonio do Palma, e também o centro agroecológico e a casa em estilo montanhês constituem um conjunto escolhido de referências identitárias polonesas do lugar. As casas típicas são propriedades particulares, mas escolheram integrar o repertório da memória coletiva e mostrar-se para o outro, por isso se equiparam à análise de um monumento público numa praça também pública:

Los monumentos presentan la colección de héroes, escenas e y objetos fundadores. Se colocan en una plaza, un territorio público que no es de nadie en particular pero es de “todos”, de un conjunto social claramente delimitado, los que habitan el barrio, la ciudad o la nación. El territorio de la plaza o el museo se vuelve ceremonial por el echo de contener los símbolos de la identidad, objetos y recuerdos de los mejores héroes y batallas, algo que ya no existe pero es guardado porque alude al origen y la esencia. Allí se conserva el modelo de la identidad, la versión *auténtica*.<sup>301</sup>

As edificações, seja monumentos ou arquitetura típica, referentes à cultura polonesa, ocupam lugar de destaque na paisagem cultural do município. Com a história oficial ocultando a dimensão da presença polonesa, essa se faz presente na atualidade através da memória patrimonial material e imaterial. Essas edificações representam o patrimônio material escolhido para conferir uma visibilidade pública oficializada à cultura polonesa local.

As atividades promovidas pelos núcleos da Braspol locais caracterizam uma

*etnicidade múltipla*, a qual não se distingue necessariamente por um forte engajamento na etnicidade como vínculo social, mas antes como a preservação de certos elementos culturais identificadores, tais como culinária nacional, a comemoração de festas ou os diversos rituais tradicionais.<sup>302</sup>

Os elementos culturais identificadores escolhidos para serem objetivamente preservados nas comunidades estudadas incluem a culinária, através do Jantar Polonês, os rituais de *oplátek* e *pisanki*, a arte religiosa transformada em arte estética, *ognisko*, dança folclórica. A arquitetura típica também foi escolhida como identificadora. Os bens simbólicos mais visíveis, o Jantar, artesanato e grupo de danças estão integrados a circuitos comerciais.

---

<sup>301</sup> CANCLÍNI, 2001, p.183.

<sup>302</sup> BUDAKOWSKA, 2007.



Canclíni<sup>303</sup> entende que isso por si só não determina a submissão dos produtos culturais ao mercado. As variadas motivações dos grupos, afirmar sua identidade, por exemplo, são beneficiadas pela ampliação do mercado. Embora seja discutível o uso comercial dos bens simbólicos, é inegável que o crescimento e difusão de culturas tradicionais se devem em parte à promoção de festivais de dança, feiras de artesanato, e sua divulgação em meios de comunicação de massa.

A comunidade de Santa Ana, em Santo Antonio do Palma, também possuía uma capela em madeira de arquitetura polonesa, mas por decisão da própria comunidade foi destruída para dar lugar a uma capela de alvenaria com projeto arquitetônico atual. Essa atualidade virou ressentimento para alguns descendentes, porque passados alguns anos do fato, existe uma ‘nova atualidade’ que valoriza a cultura étnica e seu patrimônio arquitetônico.

O patrimônio material possui um valor maior “de luta” pela sua preservação. Já um bem imaterial, que existe pela sua repetição cotidiana, a reza do terço em polonês, tem dificuldades maiores para se manter. Nos lares, já não é comum (embora atualmente o rosário e a missa sejam mediados pelo rádio e televisão diariamente), e coletivamente, exceção. No domingo à tarde, uma vez por mês, é rezado o terço em polonês na Capela Santa Ana, liderado por descendentes idosos, e como conta Augusto Marczyński, somente os “velhos” participam. Os jovens não importam a língua falada, se português ou polonês, pouco participam de celebrações e rituais religiosos, e nunca como lideranças. Zanini observou este mesmo comportamento entre descendentes de italianos na região de Santa Maria: “a religiosidade é também compreendida como uma herança familiar, o que faz com que a valorizem enquanto patrimônio, mas não pretendem ser praticantes ideais, em sua maioria.”<sup>304</sup>

Na capela Geral Velha, em Casca, também a edificação em madeira deu lugar a uma de alvenaria. Esses acontecimentos mostram que a memória coletiva também se decompõe e se recompõe, numa contínua construção, que pode se utilizar de acontecimentos externos ao grupo, nesse caso a modernização das construções religiosas foi incorporada ao grupo como uma condição de progresso, e não mais vinculada à tipicidade da cultura de grupo.

Também existe a tentativa de retomada dessa mesma tipicidade polonesa na arquitetura de Santo Antonio do Palma, através das edificações em estilo montanhês descritas no capítulo anterior. Embora não há referências sobre construções antigas nesse estilo, atualmente ele é o estilo arquitetônico eleito como representante da cultura polonesa local, sendo uma tradição inventada que vincula também uma identidade regionalista existente na

---

<sup>303</sup> CANCLÍNÍ, 2001, p.204.

<sup>304</sup> ZANINI, 2006, p.213.

Polônia, “montanheses”. A construção da memória coletiva se dá pela resignificação do estabelecimento do colonizador polonês, antes em terras pedregosas, agora nos montes tal como seu lugar de origem na Polônia.

A construção das histórias de família e também do grupo está conquistando espaço entre os descendentes. Baseadas na pesquisa e na memória familiar, são passadas de geração para geração, notadamente nas famílias que mantêm as lembranças vívidas continuamente, já que documentar essas histórias é um processo recente, inserido no contexto de valorização da etnia e do passado dos grupos. Já as genealogias não são comuns, nem as festas de família. Tive conhecimento de apenas uma família que está construindo sua árvore genealógica. A professora de artesanato Kariane contou que os descendentes poloneses fazem as festas de família com apenas um ramo, como foi o caso da festa da sua família em Vista Alegre do Prata, cidade onde mora.

Muitos descendentes encontram ramificações familiares na Polônia, mas a dupla cidadania é muito difícil de ser conseguida, porque na época da imigração no fim do século XIX as nacionalidades correspondiam às potências ocupantes, Rússia, Prússia e Áustria. Além disso, a Polônia enfrentou a Segunda Guerra Mundial, onde foram destruídos milhares de documentos. Três descendentes moradores de Casca tiveram a possibilidade de viajar até a Polônia recentemente, mas o fluxo de poloneses para Casca e Santo Antonio do Palma é contínuo, notadamente de pesquisadores. A abertura da comunidade polonesa para pesquisadores faz parte dos objetivos da Braspol, mas por repetidas vezes indaguei os integrantes locais desse movimento sobre os resultados dessas pesquisas, sobre os trabalhos publicados por esses poloneses, mas apenas em uma oportunidade a cópia de uma reportagem publicada numa revista da Polônia chegou às mãos da comunidade. Por isso ouvi desabafos tanto de membros da diretoria do movimento como as que já passaram por ela que os pesquisadores de lá vem somente para tirar, porque precisam fazer seus trabalhos e projetos de pesquisa. Por vezes, o contato se mantém, Ágata Grochot dos Santos me mostrou um cartão de Feliz Páscoa recebido por ela neste ano de 2010, enviado por um pesquisador de música que documentou as canções natalinas preservadas pelos descendentes. Assim se estabelece um diálogo cultural que extrapola os limites territoriais das comunidades polonesas. Polônia, que outrora nada fez, ou nada pode fazer pelos que se iam mundo afora, agora direciona projetos e verbas para as comunidades polonesas no mundo.

Na comemoração do Cinquentenário de emancipação do município de Casca, foram organizadas celebrações étnicas. Liderados pelo movimento étnico local, a comunidade

polonesa trabalhou muito para fazer flores de papel, organizar desfile e celebrações eucarísticas com elementos da cultura polonesa.



**Figura 58:** Missa comemorativa ao cinquentenário do município de Casca, no dia 30 de abril de 2005, na capela Geral Velha, antes do Jantar Polonês. Foi celebrada pelo pároco de Santo Antonio do Palma (no centro, com a hóstia na mão), que é polonês, e atende a comunidade polonesa de Casca também. Conteve elementos da cultura polonesa, como o estandarte da antiga Sociedade *Orzel Biały*, em vermelho, no centro do altar; e também do trabalho com a agricultura, como as espigas de milho simbolizando a colheita, no qual se dedicam a maioria dos descendentes de poloneses do município.

Fonte: Arquivo de Marta Czarnobay



**Figura 59:** Desfile das Etnias, na avenida central da cidade, comemorativo ao ano do cinquentenário de emancipação do município de Casca. A etnia polonesa se fez presente, no dia 7 de setembro de 2005, representada por descendentes do grupo étnico local, mostrando ao público elementos característicos de sua cultura, inclusive religiosos, como se pode ver na no registro: na frente, os estandartes com as imagens de Nossa Senhora de Czestochowa, ao centro; à esquerda, o sagrado Coração de Jesus, e à direita, bordado à mão, com a figura da águia branca, símbolo da Polônia, o estandarte da antiga sociedade polonesa Orzel Bialy. Ao fundo, esvoaçantes, vários pajonk (aranha de oito pernas), em papel crepom colorido, que simboliza proteção, comum nas casas em décadas passadas.

Fonte: Arquivo de Maria Kazimirski.

A exposição dos objetos do passado, da história de suas vidas e de sua cultura favorece a nostalgia que frequentemente surgiu nas conversas, quando os descendentes comparavam o passado e o presente: “hoje a festa de casamento dura 3 horas, antigamente durava dias...”, “todo mundo se ajudava, hoje menos”, “hoje é tudo diferente”, “a cultura tá se perdendo”. Autores como Pearson, Hall e Turner<sup>305</sup> observaram que no mundo moderno a nostalgia e o sentido do lar ocupam um espaço importante.

Por isso, o passado vivido pelos pais e avós e a própria infância dos adultos descendentes de hoje é um modelo de comunidade mais integrada, humanizada, num mesmo espaço físico que acaba por se caracterizar como lar.

<sup>305</sup> FEATHERSTONE, 1997, p.132.

O senso do lar é mantido pela memória coletiva, a qual depende de desempenhos rituais, práticas corporais e cerimônias comemorativas (Connerton, 1989). O fato importante a se notar é que nossa consciência do passado não depende basicamente de fontes escritas, mas de desempenhos rituais e do formalismo da linguagem ritual. Isso pode implicar rituais comemorativos tais como os casamentos, enterros, o Natal, o Ano-Novo e a participação ou o envolvimento do público em rituais locais, regionais e nacionais (por exemplo, casamentos reais, datas nacionais, etc.)<sup>306</sup>

Os rituais de Páscoa e Natal reproduzem o senso de lar e passado para as comunidades polonesas locais, assim como também como o *ognisko*, as festas gastronômicas, a dança folclórica, as festas religiosas, notadamente dedicadas a Nossa Senhora de Czestochowa, e outras atividades desenvolvidas pelo movimento étnico ou vivenciadas no cotidiano.

A própria globalização, a contar de 1960 em diante, produziu uma fase de nostalgia, associada ao pós-modernismo, onde os Estados-nação foram pressionados a favorecer o multiculturalismo, levando em conta as diferenças étnicas e regionais. Isso se manifestou na recriação e invenção de culturas locais e regionais, observando o sentido de lar que a globalização, através do afrouxamento das fronteiras, a economia mundial, a expansão dos meios de comunicação e da cultura do consumo.<sup>307</sup>

### **3.11 O autêntico – uma bagagem herdada e também adaptada.**

O autêntico, a pureza e a originalidade são critérios flutuantes na construção identitária dos descendentes de poloneses. Esse assunto é imensamente relevante para alguns descendentes, que manifestaram preocupação com os rumos “do que é polonês”. Porém essa problemática não é essencialmente relevante para autores como Canclíni<sup>308</sup>, que ao fazer uma reflexão sobre a autenticidade dos objetos do grupo, acredita que a tarefa da política cultural e do patrimônio não devam se reduzir à procura do “autêntico”, do “puro”, e dos objetos em si, mas sim a representatividade dos processos socioculturais. Por isso, toda busca, restauro ou difusão do patrimônio não devem se limitar à autenticidade e sua recuperação, mas sim se utilizar de uma base histórica que permita a reelaboração de acordo com as necessidades do presente.

<sup>306</sup> FEATHERSTONE, 1997, p.132.

<sup>307</sup> FEATHERSTONE, 1997, p.134.

<sup>308</sup> CANCLÍNI, 2001, p.190-193.

Maria Catarina Zanini<sup>309</sup> também partilha do argumento de Canclíni. Para ela, a tradição autêntica e a originalidade comprovada não são essenciais para a o estudo dos grupos. Importa sim que os elementos estejam inseridos no coletivo desses grupos, mesmo sendo inventado ou resultado de hibridizações. Isso faz parte da cultura, porque ela não é imóvel e definitiva, está continuamente a transformar-se, adaptar-se, e os indivíduos contribuem com esse processo ao elaborar suas memórias individualmente, nem sempre observando o critério do autêntico e original.

Para essa discussão, o conceito de “tradução” proposto por Hall<sup>310</sup> também é pertinente:

Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. [...] elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. [...] as pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas*..

Invenções, hibridizações, traduções. Todos esses conceitos explicam a cultura polonesa dos descendentes, porém existem variáveis que permitem interpretar melhor a realidade nos lugares que este trabalho envolve. A construção da Polonidade local envolve entidades, notadamente a Braspol, e também Consulado da Polônia em Curitiba e o Senado da Polônia. Ambos promovem a cultura através de normas estabelecidas e orientam atividades, entre as quais “atualizações” como a difusão de grupos folclóricos e artesanato, e as entidades nacionalistas ainda promovem o intercâmbio da cultura da Polônia entre os descendentes mundo afora, privilegiando elementos da cultura nacional como a língua e o folclore. Não há muito entusiasmo dessas entidades na preservação da memória oral e nem dos acervos fotográficos ou do cotidiano dos imigrantes e descendentes. Todo o suporte institucionalizado da construção da polonidade é baseado em ritualizações e invenções. Nesse contexto está a visibilidade da cultura, o que se quer mostrar, e um evento significativo é a do Jantar Polônês. Existe uma força simbólica em disputa a cada edição desse evento, porque cada diretoria da Braspol, no caso de Casca, ou cada Capela, no caso de Santo Antonio do Palma, utilizam seu

---

<sup>309</sup> ZANINI, 2006, p. 204-205.

<sup>310</sup> HALL, 2002, p. 88-89.

repertório de experiências ou motivações pessoais para realizá-lo, como disse Zanini anteriormente. Por isso, quando de insere alimentos “não típicos” nesse evento, ou flores naturais, são passíveis de discussão entre os próprios descendentes, porém o refrigerante e a cerveja, e as músicas de gosto popular são adaptações permitidas sobre os quais não ouvi relatos de inconformidade. Isso demonstra as diferentes interpretações sobre o que é autêntico e o que é mescla, o que se deve mostrar, amparado na herança, e o que se quer mostrar, mais aprazível para uma aceitação maior do público não-descendente.

Na bagagem cultural herdada reside o maior comprometimento para com o autêntico e original. Longe de buscar um absolutismo étnico, o que se pode observar nas comunidades polonesas através de hábitos familiares e ritualizações ou atividades coletivas, é o enfraquecimento da bagagem cultural herdada, o que é motivo de preocupação e ao mesmo tempo de perda, de resignação de que “a cultura polonesa vai acabar”. Por isso acredito que a preservação do autêntico e original, no sentido de continuidade da herança cultural e familiar, seja benéfico. Quando ocorre a inserção da cultura étnica no mercado turístico e cultural, ela é realocada para atender a novas demandas de significação, por isso que existe a cultura polonesa do cotidiano diferente da promovida para o “outro”.

Essa discussão da legitimidade do “ser polonês” chega até o conceito de grupo, onde “a classificação de pessoas e grupos locais como membros de um grupo étnico deve depender do modo como demonstram os traços particulares de cultura”.<sup>311</sup> Esses traços, que há cinquenta anos identificavam a cultura polonesa, hoje alguns deles já não integram o repertório de bens simbólicos da comunidade polonesa, e outros elementos ocuparam seu lugar. A classificação do grupo étnico continua a mesma, porém alguns elementos que a compõem mudaram. Mas a postura do movimento étnico local é contraditória, à medida que assimila e promove o artesanato e o folclore da Polônia contemporânea, mas, por exemplo, não estimula o relato das histórias dos antepassados.

A construção da polonidade em Casca e Santo Antonio do Palma pode ser interpretada a partir dos novos valores e práticas da sociedade. A desvalorização da memória oral e dos “velhos” na transmissão da cultura, a diminuição da frequência nas interações face a face, num mundo mediado pelo rádio, televisão, internet, celular com seus múltiplos recursos, está estruturando de outra maneira a cultura polonesa adquirida com os antepassados. Mesmo o predomínio da vida rural e de seu isolamento, expostos no segundo capítulo, não são suficientes para “frear” o alcance dessas novidades tecnológicas,

---

<sup>311</sup> BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In. POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1998. p.190.

unanimidade nos lares. A falta de tempo é uma queixa comum entre os descendentes, hoje se trabalha mais que antigamente, dizem. Por isso não se dedicam como gostariam à cultura polonesa.

Se a cultura polonesa precisa de dedicação e tempo para existir, é porque, ou no cotidiano dos lares ela já não é mais vivida, através da comida, reza, e outros, ou houve uma ruptura entre o cotidiano e a ritualização ocasional. As duas opções são adequadas no entendimento da polonidade local. O cotidiano tem continuidade, se preserva o que foi herdado, está fragmentado, houve perdas, mas a cultura polonesa ainda existe na vida dos descendentes agricultores, e pode ser identificada pelo “outro”. A identidade surge do confronto estabelecido com o outro, e se manifesta num conjunto de representações que um grupo social faz para delimitar suas fronteiras e marcar diferenças perante os outros grupos com os quais está em contato.<sup>312</sup> Mudou os traços da cultura e o “ser polonês”, com incorporações e ressignificações, por isso as fronteiras foram ampliadas com esse novo repertório.

Mas os “outros” talvez não tenham o entendimento necessário para discernir entre o ovo decorado simples e o *pisanki*, não pela sua estética, mas pelo contexto em que um e outro existem. Da mesma forma que os eventos de visibilidade, ou monumentos, mostram uma face da cultura, diferente daquela cujos eventos ocorrem para eles próprios, como a *Swieconka*, reza em família, o ovo pintado em casca de cebola, *Oplátek* no dia de Natal e bênção do giz. Estas manifestações remetem afetivamente à cultura, aos valores cultivados pelos antepassados – fé, trabalho e família.

A dedicação também expressa o desprendimento temporal e financeiro a que se submetem os comprometidos com a cultura polonesa. Agricultores, em sua grande maioria, preocupados com a sobrevivência da cultura, do modo de vida, das interações face a face no presente e no futuro.

Por isso, a preservação e difusão da cultura polonesa são também projetos de vida, onde

A cultura não é um suplemento decorativo, entretenimento dominical, a atividade de ócio ou recreio espiritual para trabalhadores cansados, mas algo constitutivo das interações cotidianas, à medida que no trabalho, no transporte e nos demais movimentos comuns se desenvolvem processos de significação. Em todos os comportamentos estão entrelaçados a cultura e a sociedade, o material e o simbólico.<sup>313</sup>

<sup>312</sup> BARTH, 1998, p.190.

<sup>313</sup> CANCLÍNI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.



Assim se constitui a construção da polonidade nos locais estudados. As manifestações ritualizadas e coletivas, a memória familiar e a cultura no cotidiano compõem e significam a vida na esfera rural, cultural e identitária dos descendentes poloneses. Neste capítulo, teve destaque os eventos e celebrações religiosas utilizados pelos descendentes para reforçar os laços de pertencimento e manutenção da cultura de origem.

Esses elementos hoje compõem o repertório da construção identitária mediada pela Braspol, uma entidade que une e mobiliza os descendentes em torno de uma causa comum, a preservação e divulgação da cultura polonesa.

Essa causa comum tem conseguido vitórias no campo da valorização da etnia polonesa, como foi descrito neste capítulo, a divulgação de sua cultura através da gastronomia, religiosidade, artesanato, por exemplo, e preservação de rituais como o *Oplátek* e a *Swieconka*. Mas há dificuldades em manter as tradições e costumes em casa, como o hábito de rezar e falar no idioma dos antepassados. A variedade de opções de lazer e comunicação como a televisão, o rádio e a internet, que veiculam conteúdos globais dificultam a inserção dos jovens no mundo da herança cultural de seus pais e avós. A dança folclórica e o programa de rádio são tentativas de aproximar os jovens de seu passado cultural, embora exista muita preocupação entre os descendentes que integram o movimento étnico, eles temem um completo esquecimento da cultura polonesa.

Esse processo já está em andamento, pois a discussão que foi apresentada sobre a memória, sendo individual ou coletiva, não se ampara nos velhos, os “guardiões da memória”. É somente na necessidade que se recorre aos idosos do grupo ou à memória do passado, de posse das terceiras ou quartas gerações, sobre a imigração, colonização, costumes, adaptações ou mudanças sociais. O mesmo acontece com o acervo fotográfico, ocasionalmente requisitado como documento ou suporte das lembranças.

A cultura polonesa possui uma forte identidade visual, notadamente pelas manifestações promovidas, como o artesanato e suas significações; a arquitetura típica, os monumentos e a dança folclórica, que também integram o repertório principal na construção da identidade. Como suporte e mediação surgem o comércio e os meios de comunicação, ocupando o espaço da espontaneidade da cultura passada. Sendo ainda uma cultura de transmissão oral, e vivida em espaços de sociabilidade, o lar, a igreja, a capela, os encontros, demanda relações face a face para ser entendida, vivida e preservada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Polônia partilhada pelas potências invasoras produziu uma emigração em massa para o mundo. Os que vieram para o Brasil procuravam, quase todos, pela terra e liberdade. As grandes porções de terra e a liberdade de serem poloneses e manifestarem sua identidade foram grandes benefícios que o Brasil lhes forneceu; conquista essa ofuscada pela tristeza de possuir passaporte do Império invasor – Prussiano, Russo e Austro-Húngaro. Os colonizadores priorizavam o estabelecimento em comunidades próprias ou em grande número em capelas mistas. Isso favoreceu a ajuda mútua e os laços de pertencimento, fundamentais nos primeiros anos de adaptação, mas que se revelaram importantes hoje também, através da construção da polonidade.

O fato inicial da partida, como consequência de situações dramáticas, marcou a história da imigração polonesa local, assim como o destino das terras pedregosas e montanhosas recaírem sobre eles. Na breve discussão que faço sobre o relevo montanhoso de Santo Antonio do Palma, exponho a memória coletiva do sofrimento que recaiu sobre essa porção de terra, mesmo com a vinculação à pátria de origem pelo nome escolhido de Montes Cárpatos. Pelo preconceito sofrido, foi barrada qualquer iniciativa de promover as terras altas como uma escolha para se viver. A dificuldade em manejar o relevo acidentado produziu um estigma de insucesso, porque a terra não produzia igual a uma porção plana.

A etnia polonesa temeu o insucesso no cultivo, mas obteve êxito notório em outro setor, a organização cultural-social. Pelos relatos da bibliografia e dos descendentes, a sociedade-escola foi um motivo de orgulho e símbolo da liberdade cultural e religiosa da comunidade polonesa, só desfeito pela Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas.

Por isso foi uma surpresa descobrir que a memória coletiva do sofrimento passado pela partida da Polônia, o início difícil no Rio Grande do Sul e por vezes o estigma do preconceito está cedendo o lugar às lembranças boas, aos feitos importantes dos colonizadores e descendentes. Mas isso ainda não é evidente para “os de fora”, como eu. Está disponível apenas na bibliografia, sempre como assunto posterior às dificuldades iniciais, ou nas conversas com os descendentes. Fatos importantes até para a história dos municípios, como a criação da sociedade-escola, o primeiro time de futebol, a perseguição da Era Vargas, não interessa ser lembrado fora da memória individual.

O processo de construção da polonidade se faz com lacunas. Houve um esquecimento coletivo, uma ruptura com o passado; muitas histórias se perderam quando faltaram os

imigrantes e seus primeiros descendentes; documentos igualmente perdidos, memórias esquecidas ou renegadas. O empenho na preservação da cultura não envolve o acervo fotográfico nem a memória. Por isso, de grande valia são as histórias de família, que contam a partir do individual permitindo uma compreensão coletiva também, fato pelo qual eu recorri às memórias biográficas. A convivência com os descendentes revelou um repertório de lembranças muito enriquecedoras, evocadas pela memória dos “velhos” e das gerações atuantes no movimento étnico. São relatos da vida como o nascimento e a morte; a passagem marcante de alguns sacerdotes de origem polonesa; a história do imigrante que trouxe violino na bagagem; o descendente que comprou o primeiro carro, a difícil aceitação das uniões com não-descendentes. Esses e outros fatos não foram totalmente explorados neste trabalho pela delimitação do tema, mas merecem uma atenção especial num trabalho de pesquisa futuro.

Essa memória ligada às dificuldades faz parte da bagagem cultural e afetiva, que é transmitida de geração para geração, porém começou a ter seu significado para o grupo diminuído, há algumas décadas atrás. A assimilação pela cultura brasileira, em parte fruto da Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas, as mudanças sócio-culturais da sociedade, a convivência multicultural foram ocupando o espaço simbólico que a cultura polonesa ocupava na vida dos descendentes. Diante de uma realidade de perda das tradições, da continuidade afetiva e simbólica entre os descendentes e sua herança cultural, uma parcela deles se engajou num movimento étnico criado em Curitiba, a Braspol, e através da criação dos núcleos de Casca e Santo Antonio do Palma, encontraram um apoio para valorizar sua auto-estima e pertencimento, e assim, a partir da motivação em torno da identidade brasileiro-polonesa, angariar novamente o espaço da cultura no grupo e fora dele.

Os núcleos locais da Braspol promovem atividades de artesanato, grupo de danças folclóricas, eventos gastronômicos e religiosos, e o intercâmbio Brasil-Polônia. Essas atividades também objetivam a visibilidade da cultura polonesa, o que facilitou sua inserção no mercado global de bens simbólicos. Mas é uma cultura cujos elementos foram escolhidos, baseada no que os outros compreenderão sobre o ser polonês. A cultura polonesa mediada pela Braspol é uma parte da construção da polonidade local.

Outra parte é a forma espontânea, que se manifesta como bagagem herdada, e na realidade da vida cotidiana. A partir de uma amostra do cotidiano, foi possível observar os pontos de oposição e integração da cultura no cotidiano e da cultura promovida pela Braspol nacional. Os jantares, o artesanato, o *Ognisko* e a dança folclórica são manifestações da identidade, são construções pós-modernas que se incorporaram pela “verossimilhança

histórica”<sup>314</sup> com o passado polonês. Esse passado tem características que ainda se fazem presentes, como a vida ligada a terra, à família e à religiosidade. Por isso, Ágata Grochot dos Santos, uma das agentes culturais locais, sempre frisa que a realidade dos descendentes de Santo Antonio do Palma e Casca diz respeito ao seu modo de vida, pequenos agricultores, de vida simples.

Isso se reflete efetivamente no modo do grupo *Orzel Bialy* executar as coreografias, de forma rústica, nas missas nas capelas, nos jantares e eventos realizados nos salões comunitários das próprias capelas, na presença do sacerdote de mesma origem étnica. Os descendentes procuram ter sua própria identidade local nas manifestações identitárias promovidas pelo movimento étnico, mantendo assim sua legitimidade. Isso fez com que as invenções derivadas do intercâmbio cultural com a Polônia, como a dança folclórica e o artesanato, através do *pisanki*, da *lepianka*, do bordado típico, foram incorporadas ao repertório da polonidade pela semelhança histórica, como já mencionei, sem afetar negativamente a herança simbólica e afetiva. A venda e a exposição do artesanato, as apresentações do grupo de dança, a visita de turistas tanto brasileiros como estrangeiros aumenta a auto-estima e o ânimo das comunidades polonesas.

A importância do sacerdote de origem polonesa, ou que se comunicasse com os poloneses e entendesse sua cultura, caso do Cônego Josué Bardin, manifestou-se à medida que pesquisava a história da comunidade polonesa e usa religiosidade. Descobri que a preservação da cultura polonesa, com ritos e devoções específicas, também dependia do sacerdote. Por isso dediquei um espaço para contar essa trajetória, que hoje incluiu o trabalho desenvolvido pela Sociedade de Cristo, pouco explorada pela pesquisa científica atual.

Um elemento importante na construção da identidade são as ritualizações, notadamente na esfera religiosa. Até os elementos típicos, como a culinária e o ovo pintado, pertencem ao calendário dos ritos religiosos. Fica evidente também, como característica da cultura polonesa, a predominância da imagem, o apelo visual. Isso se traduz no grande número de fotos utilizadas neste trabalho. E são os ritos, a culinária e a estética os eleitos para conferir identidade e visibilidade à etnia. Isso acarretou uma nova divisão do grupo, a cultura mantida nas comunidades pela continuidade histórica, e a identidade, organizada também para os “outros”, como forma de delimitação do espaço e do “ser brasileiro-polonês”. Mesmo que os meios escolhidos para conferir a visibilidade sejam inventados, como os Jantares, *Ognisko* e dança folclórica, eles carregam primeiramente a valorização do grupo e do pertencimento,

---

<sup>314</sup> CANCLÍNI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Argentina: Ed. Paidós, 2001. p.193.

porque são os descendentes o público prioritário. Os elementos utilizados para a construção identitária dos descendentes poloneses oportunizam, através da manutenção ou atualização, o conhecimento da cultura polonesa pelos demais indivíduos, favorecendo a convivência multicultural.

O idioma polonês, outrora um empecilho para a assimilação do imigrante e seus descendentes, hoje é motivo de orgulhos para o grupo e objeto de estímulo, não de estigma. Era um elemento de extrema importância para a cultura polonesa, e revelador da identidade. Por isso, a proibição de falar em polonês na escola ou a vergonha de falar em público devido ao preconceito, imprimiram uma marca dolorosa na vida de alguns descendentes. Agora, que existe liberdade para falar e um estigma diminuído, a língua polonesa luta para se manter. As gerações vinculadas ao movimento étnico utilizam a língua no cotidiano, pelo prazer e também para combater o esquecimento. As novas gerações pouco falam, e demonstram pouco interesse em aprender ou conservar. Essa realidade preocupa Marta Czarnobay, a professora do idioma.

Os monumentos e a arquitetura típica, embora em número reduzido, oferecem um campo novo na divulgação da cultura étnica, o turismo. Ofertado pelo mercado de bens simbólicos, o turismo expõe as escolhas feitas para caracterizar a etnia polonesa local para os outros, mas também permitem aos descendentes se olharem neles, ou porque já estão distantes de seus referenciais culturais, ou porque já são raras, como as edificações típicas. O regionalismo também se incorpora no turismo, oportunizando a descendentes de outros lugares conhecerem elementos culturais diferentes de sua bagagem herdada. Também contribui para amenizar a exclusão histórica da imigração e colonização polonesa na história dos municípios estudados. Os históricos oficiais pouco creditam a contribuição da etnia polonesa no desenvolvimento desses lugares.

Para que se mantenha tanto a cultura quanto a identidade, uma preocupação dos descendentes é a dedicação. Fazer a *czarnina*, o *pierogi*, freqüentar as aulas de artesanato, da língua, os ensaios da dança folclórica, os cursos de atualização promovidos pela Braspol nacional e o Consulado, prestar contas, apresentar relatórios, rezar e também falar em polonês, ligar para o Padre e marcar o dia da missa, da benção da cesta de Páscoa, tudo isso precisa partir dos próprios descendentes para que aconteça. É o pequeno grupo de agentes culturais que faz as tarefas burocráticas da entidade, e quase sempre lidera os eventos como os Jantares, a organização do grupo de danças, organiza as celebrações religiosas. Muitas vezes são utilizados os recursos econômicos, de transporte, trabalho voluntário dos próprios descendentes. Todas as tarefas, tanto da cultura institucionalizada, através da Braspol, como a

cultura cotidiana e religiosa estão sempre concorrendo com o trabalho dos descendentes, que lhes garante a sobrevivência; com a oferta de bens simbólicos disponibilizada dia-a-dia pelos meios de comunicação; a nova organização da sociedade, com famílias menores, relacionamentos flexíveis, e também o enfraquecimento do carisma do sacerdote e da religiosidade, já dispensáveis para a vida dos jovens. Assim, sendo a conservação da cultura polonesa um desafio constante, ele baterá à porta das novas gerações. É um assunto válido para uma próxima discussão, o que pretende fazer essa nova geração com o repertório herdado de seus pais e avós, hoje agentes culturais?

A história da imigração polonesa nas cidades de Casca e Santo Antonio do Palma, bem como o cotidiano nos primeiros anos de colonização, apresentam lacunas. Embora não seja o objetivo principal de meu trabalho, fica registrada a necessidade desta pesquisa ser feita. Certa vez, por ocasião de minhas queixas pela falta de bibliografia local, um descendente ligado ao movimento étnico me disse: “não está na hora de ler sobre a história dos poloneses da região, está na hora de escrevê-la”. Com esta pesquisa sobre a construção identitária dos descendentes, espero contribuir com a leitura da história dos poloneses de Casca e Santo Antonio do Palma.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. R. B. O artesanato, tradição e mudança social. In: \_\_\_\_ et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 49-75.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In. POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1998.
- BERND, Zilé. Os deslocamentos conceituais da transculturação. In: \_\_\_\_\_. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BORDIN, Saete. *Comportamento alimentar de um grupo de famílias descendentes de poloneses que praticam agricultura ecológica em Santo Antonio do Palma (RS)*. 2007. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Nutrição) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BONI, Luís de (Org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes, vol III, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU; Marie Claire; BOURDIEU; Pierre. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. nº 26, Curitiba, Junho/2006. p.31-39.
- BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Dimensões contemporâneas da etnicidade: individualismo versus coletividade*. N.2 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- BUSATTA, Félix Fortunato; STAWINSKI, Alberto Victor. *Josué Bardin: história e religião das colônias polonesas*. Porto Alegre: EST, 1981.
- CANCLÍNI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Argentina: Ed. Paidós, 2001.

\_\_\_\_\_. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, nº 23, p. 95-111, 1994.

CANDAU, Vera Maria (Coord). In: *Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas*. Petrópolis, Vozes, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2001.

CONTRETRAS, Jesús. Alimentación y Religión. *Humanitas humanidades médicas*, nº 16, p 1-22, 2007. Disponível em [www.fundacionmhm.com.org](http://www.fundacionmhm.com.org). — acessado em novembro/2009.

CUBER, Antoni. *Nas margens do Uruguai*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002. Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana.

DECOL, René. *Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil*. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos populacionais da ABEP Caxambu, 2000, v.1.

FARINA, Geraldo. *História de Nova Prata*. Caxias do Sul: Educs, 1986.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Fronteiras etno-culturais: lusos, alemães, italianos, poloneses*. Artigo disponível em [www.esteditora.com.br](http://www.esteditora.com.br) acessado em janeiro/2009.

FOESTCH, Alcimara Aparecida. Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet (PR). *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, Junho/2007, v. 8, nº21. p.59-72.

GALEAZZI, Zaira. *O grande prata e sua história*. Porto Alegre: Est, 1982.

GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul, UCS, 1976.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

GELATTI, Roque. *Casca ontem e hoje..* Passo Fundo: Instituto Social Pe. Berthier, 1984.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. Identidade: cultura e memória. *MÉTIS: história & cultura*. Vol. 6, nº12, Jul/Dez 2007, p.113-136.

\_\_\_\_\_. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp.RADÜNZ, Roberto (Org). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, Educs, 2007.



GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GUARINELLO, Norberto. Apud SCHNEIDER, Claídes Rejane. “E a festa vai começar!”: reflexões sobre a festa e suas possibilidades de análise. In: \_\_\_\_\_; BONAMIGO, Carlos Antonio. (Org.) *História: conhecimento e prática social*. Francisco Beltrão, Grafisul, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEMPEL, Antoni. Os poloneses no Brasil. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. nº1 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IAROCHINSKI, Ulisses. *A Saga dos Polacos*. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.

KARAM, Elaine Maria Consoli. *Raízes da Colonização: Em destaque a colônia Guaporé e município de Dois Lajeados*. Porto Alegre: CORAG, 1992.

KOJROWICZ, Claudia Stefanetti. *El dia del Colono Polaco*. Artigo publicado em maio/2007 no endereço eletrônico [www.elaguilablanca.com.ar](http://www.elaguilablanca.com.ar) - acessado em setembro/2008.

KOLLROSS, Izabel. Tópicos da Imigração polonesa em Itaiópolis. In: *Colônia Lucena-Itaiópolis: Crônica dos Imigrantes poloneses*. RODYCZ, Wilson (Org.); SCHALINSKI, adalberto [et al.]. Florianópolis: BRASPOL; impresso IOESC, 2002.

KOSMINSKY, Ethel. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 15, nº 3, Florianópolis, setembro/dezembro, 2007.

KOSOWSKI, Vitor Inácio. *Estes Imigrantes entre outros: imigração polonesa na Serra Gaúcha*. Bento Gonçalves, 2003.

\_\_\_\_\_. *Os Poloneses da colônia de Alfredo Chaves/ Guaporé: Imigração Polonesa na*

Serra Gaúcha. Bento Gonçalves, 2006

KOSSOY, Boris. *Fotografia e historia*. São Paulo, Ática, 1989.

KUTELAK, Izidoro; WACHOWICZ, Rizio. BRASPOL – Representação da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. In: *Colônia Lucena-Itaiópolis: Crônica dos Imigrantes poloneses*. RODYCZ, Wilson (Org.); SCHALINSKI, adalberto [et al.]. Florianópolis: BRASPOL; impresso IOESC, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LODY, Raul. O limiar entre nostalgia e mudança. *Revista da Fundação Joaquim Nabuco*, Out.1996.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Ano 10, nº1 (2008). Curitiba: Editora Projeções, parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia – uma breve revisão. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. vol.16, nº47, São Paulo, Outubro/2001.

NETO, Helena Brum. BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Dez.2008. p.135-155.

POSSAMAI, Osmar. *Etnias e aculturação*. 2007. Artigo disponível em [www.diocesedecaxias.org.br](http://www.diocesedecaxias.org.br) acessado em janeiro/2010.

REIS, Glória. Arte, memória e cidades: espaços de vivências coletivas e temporalidades em movimento. In: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de (Coord.) *Nação e identidade: ensaios em literatura e crítica cultural*. São João del-Rei: Ed. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2007.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SCHILLING, Voltaire. *Polônia: a luta pela liberdade*. In: Caderno de historia do memorial do rio grande do sul. Editado pela Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do sul e pelo Memorial do Rio grande do Sul. Sem data

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SEYFERT, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº1, p. 96, 1997.

SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio: nacionalização e repressão no Estado Novo em Guaporé (1937-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

SIEWIERSKI, Henryk. *Os poloneses nos 500 anos do Brasil*. In: REIS, Paulo (org). *República das etnias*. Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2000.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul 1875-1975*. 2 ed. Porto Alegre: Est Edições, 1999.

SYRYCKI, Krzysztof. *Zabory: as terras anexadas*. Texto publicado no site do Centro de Estudos Karol Wojtyła, sediado em Porto Alegre. Disponível em [www.cekaw.com.br](http://www.cekaw.com.br) – acessado em novembro/2008.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba, Fundação Cultural Romário Martins, 1981.

WENCZENOVICZ, Thais Janaína. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Universidade de Passo Fundo, 2002.

WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos Peraus do rio das Antas*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *A Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria RS*. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2006.

#### ENTREVISTAS

Ágata Grochot dos Santos

Augusto Marczinski

Benedito e Inês Koakoski

Bernardina Powala

Elisabetha Iaroseski Rapkiewicz

Francisca Strieski

Grasiela Gregoski

José e Nair Kowaleski

Kariane Golembieski

Maria Kazmirski

Marta Czarnobay

Sonia Gregoski

Tereza Revers Wenning

Wladislao e Blautilia Sobieski

#### OUTRAS FONTES

Folder comemorativo do Centenário da Capela Nossa Senhora do Rosário, Distrito de Montes Cárpatos, em Santo Antonio do Palma, escrito por Ágata Grochot dos Santos, 2009. Fornecido pela autora.

Folder do histórico da Geral Velha escrito por Bernardina Powala e Ágata Grochot dos Santos, 2005. Fornecido pelas autoras.

Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. Disponível em [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br) – acessado em agosto/2010.

Histórico do município de Santo Antonio do Palma, disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

Histórico do capitel de Nossa Senhora de Czestochowa escrito por Ágata Grochot dos Santos. Fornecido pela autora.

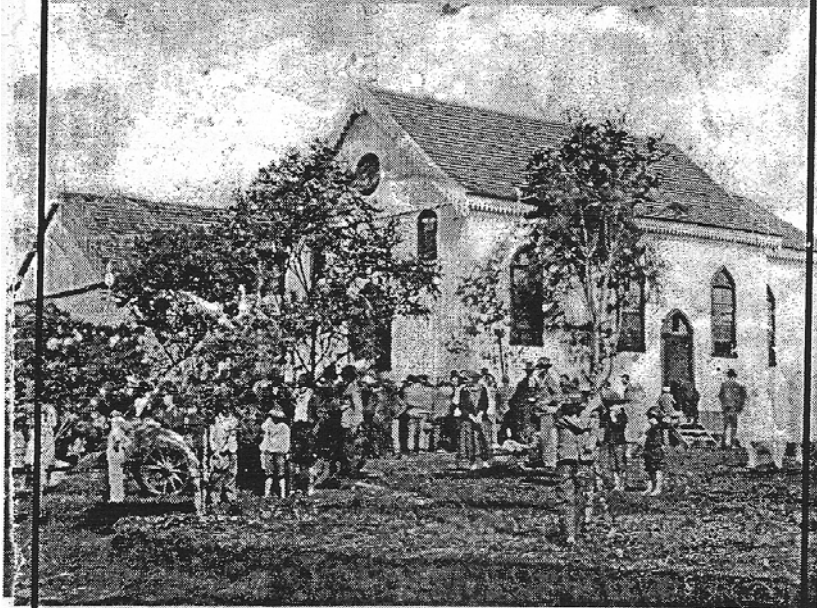
IARochinski, Ulisses. Site pessoal disponível em <http://iarochinski.blogspot.com> acessado em março/2009.

Informações oficiais disponíveis no site da BRASPOL – [www.braspol.org.br](http://www.braspol.org.br) – acessado em novembro/2009.

## ANEXOS

*Histórico*

# GERAL VELHA



Capela Matki Czestochowski - Linha 15 de Novembro - Geral Velha  
Construida aproximadamente entre 1890 - 1900

*Casca,*

Centenário da Capela  
Nossa Senhora do Rosário  
Distrito Montes Cárpatos



Santo Antônio do Palma  
04 de outubro de 2009

# **I Semana da Etnia Polonesa**

**Casca - RS**

**25/04/2009 a 03/05/2009**





Programação

**25/04/2009** – 19h30min – V Jantar Típico Polonês com a escolha da Boneca Viva, exposição do artesanato polonês e apresentação do grupo “Orzeł Biały”, na comunidade Geral Velha. Animação do grupo Coração Nativo.

**26/04/2009** – 9h – Programa Godzina Polska na rádio Casca FM.

20h – Reza do terço em polonês no oratório de Czestochowa.

**27/04/2009** – 19h – Apresentação do grupo de canto na Câmara Municipal de Vereadores.

20h – Apresentação do grupo de canto na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Wilson Luiz Maccarini.

20h30min – Apresentação do grupo de canto na Escola Estadual Vitória.

**28/04/2009** – 17h – Apresentação do grupo de danças Orzeł Biały no Fórum.

**29/04/2009** – 20h – Palestra com Helena Mrozinski no Salão de Atos da UPF.

**01/05/2009** – 19h30min – Missa em Polonês na comunidade Geral Velha.

20h – <sup>PL</sup>Ognisko na comunidade Geral Velha.

**03/05/2009** – 8h – Hasteamento das bandeiras na Praça Independência.

9h – Programa especial alusivo aos 134 anos de imigração polonesa no Brasil.

17h – Arriamento das bandeiras na Praça Independência.

**Organização – BRASPOL DE CASCA – Diretoria 2008/2010**



# Jantar Típico Polonês

Capela Geral Velha - Casca/RS



Data: 24/04/2010

Local : CAPELA GERAL VELHA - CASCA

Hora: 19:30h

Animação: **OS MENSAGEIROS**

Valor: (Adulto) R\$ 15,00

Cardápio: Czarnina e Sopa Branca, Pierogi Bolinhos, Carne de Porco, Linguíça e Salada. Após será servido Café com Bolacha.



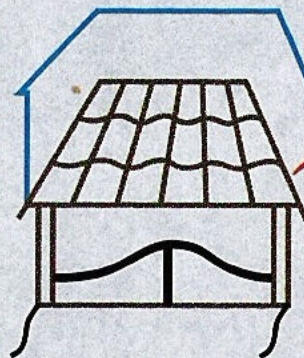
**BRASPOL**

REPRESENTAÇÃO CENTRAL DA COMUNIDADE  
BRASILEIRO-POLONÊSA NO BRASIL

## TRADIÇÃO NATALINA

Partilha do Oplatek, pedido de perdão e  
desejo de boas novas, felicidades e amor

**FELIZ NATAL - WESOLYCH ŚWIĄT**



*Dom Polski  
Kwiatki  
Agatki*

CASA POLONESA

CÁRPATOS - STO. ANT. PALMA - RS - BRASIL

FONE: (54) 91046273

## ESTATUTO DA BRASPOL

Foi aprovado por aclamação e muita emoção em ASSEMBLÉIA GERAL NACIONAL CONSTITUINTE DA BRASPOL, dia 27 de janeiro de 1990, no Auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Tendo sido registrado já em seguida no 4º. Ofício do Registro de Títulos e Documentos em Curitiba.

O teor do Estatuto fica a disposição na Sede da BRASPOL Nacional, e os principais tópicos que delineiam as finalidades da BRASPOL são os seguintes:

### DA DENOMINAÇÃO, NATUREZA, DURAÇÃO E SEDE

Art. 1º - A Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, fundada em 27 de Janeiro de 1990, por deliberação da Assembléia Geral Constituinte da etnia polonesa no Brasil, é uma Sociedade Civil, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, constituída por pessoas físicas e jurídicas, com sede e foro na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, e, com jurisdição em todo o território nacional.

Art. 2º - O presente Estatuto constitui a lei orgânica da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa, a que todos os sócios são obrigados a respeitar, cumprir e fazer cumprir.

Art. 3º - A Representação Central da Comunidade Brasileiro - Polonesa no Brasil doravante será denominada pela sigla BRASPOL, e, reger-se-á pelo presente ESTATUTO.

§ único - Neste Estatuto entender-se-á por:

a) COMUNIDADE, o segmento social brasileiro irmanado pela herança cultural e histórica da imigração polonesa ao Brasil.

b) SÓCIO, pessoa física ou jurídica que se filiar à BRASPOL, aceitando e se comprometendo a cumprir o presente Estatuto.

Art. 4º - A BRASPOL tem como finalidade:

I. Representar em todas as oportunidades a comunidade oriunda da etnia polonesa no Brasil, perante as autoridades, instituições públicas e privadas.

II. Interpretar o pensamento, as aspirações e os reclamos da comunidade brasileiro-polonesa, reivindicando através de todos os meios legais os interesses dessa comunidade.

III. Congregar as Associações, Clubes, Sociedades ou outras Organizações legalmente constituídas cujas origens procedem da comunidade brasileiro-polonesa, e, ou que se propõem a estimular e cumprir as finalidades previstas neste Estatuto.

IV. Incentivar a permuta de conhecimentos ou atividades culturais, artísticas, científicas e desportivas entre o Brasil e a Polônia, bem como, proporcionar o intercâmbio com as Organizações similares de outros países, obedecendo a legislação brasileira.

V. Estabelecer normas, fixar condições e coordenar a participação das entidades associadas e da própria comunidade nas festividades e promoções da comunidade polono-brasileira.

VI. Incrementar e promover eventos artístico-culturais, científicos, desportivos e tudo mais que possa constituir documentário ou integração da cultura e tradições.

VII. Incentivar e favorecer com os meios a seu alcance a pesquisa e a publicação de trabalhos técnico-científicos, artísticos e sócio-históricos.

VIII. Promover eventos que venham a dignificar as datas e fatos históricos conjunturais no processo civilizatório nacional.

IX. Utilizar todos os meios de comunicação para alcançar os objetivos de divulgação das atividades e do acervo da comunidade.

X. Realizar e manter toda e qualquer atividade ou promoção que venha desenvolver, organizar ou aprimorar a comunidade.

## DA COMPOSIÇÃO

Art. 5º - Da BRASPOL poderão tomar parte:

a) As pessoas físicas, brasileiras, polonesas ou de origem polonesa, que se propõem a estreitar os laços de amizade entre o Brasil e a Polônia, bem como a cumprir o disposto no presente Estatuto.

b) As Organizações Cívicas e as Entidades Religiosas oriundas da comunidade polono-brasileira ou a ela ligadas, e, que se disponham a cumprir o presente Estatuto.

Art. 6º - A BRASPOL compor-se-á das seguintes categorias de sócios:

- a) CONSTITUINTES
- b) EFETIVOS
- c) PARTICIPANTES

Art. 7º - As pessoas físicas poderão se filiar desde que estejam em sintonia com o espírito da comunidade e em consonância com as finalidades da BRASPOL.

Art. 8º - As pessoas jurídicas poderão se filiar desde que constituam uma Organização ou Entidade legalmente registrada em Cartório de Registro de Títulos e Documentos e aceitarem as disposições do presente Estatuto.

Art. 9º - Os novos sócios somente poderão ser aceitos quando solicitarem por escrito à Diretoria Executiva Municipal, comprometendo-se a obedecer no seu todo o presente Estatuto, e, serão filiados a critério da Diretoria Executiva Municipal.

Art. 10º - São Considerados sócios CONSTITUINTES os que subscreverem a Lista de Presença, da Assembléia Geral Nacional Constituinte.

§ único - Será concedido um prazo de 60 (sessenta) dias para as subscrições do Livro de Presença para aqueles que não puderem comparecer a este evento histórico.

Art. 11 - São considerados sócios EFETIVOS todas as pessoas físicas filiadas aos Núcleos Municipais da BRASPOL.

Art. 12 - São considerados sócios PARTICIPANTES todas as entidades jurídicas cívicas ou religiosas que se filiarem aos Núcleos Municipais da BRASPOL.

§ único - Estes sócios, terão cada um, uma representação formada por dois Delegados junto à Assembléia Comunitária Municipal, Conselho Comunitário Estadual e Assembléia Geral Nacional, e, de um a dois Delegados junto ao Conselho Comunitário Municipal.

## SÍMBOLOS DA BRASPOL



### EMBLEMA

· O EMBLEMA da BRASPOL é constante de duas mãos simbolizando as mãos do movimento BRASPOLino do Brasil, que sendo o sucessor da imigração, hoje, acalenta e sustenta a chama ardente de suas raízes fundadas na imigração polonesa ao Brasil.

· Esta chama varia a coloração do AMARELO (Brasil) ao VERMELHO (Polônia). Dentro da chama encontramos o EMBLEMA que contém o elemento arquitetônico – LAMBREQUINS – em cor vermelha e nas frestas entre os lambrequins está a cor branca, que caracterizam a Polônia. Na extremidade inferior dos LAMBREQUINS, geometricamente se forma a figura do PINHÃO, semente do altaneiro PINHEIRO, que cedeu a sua madeira para a construção das primeiras casas e paióis, dos nossos imigrantes e o seu fruto, PINHÃO – serviu como alimento e abaixo desta configuração encontramos a cor amarela, variando a sua tonalidade para o verde, representando a terra brasileira, recebendo o imigrante polonês, este EMBLEMA é rodeado por um traço verde (BRASIL) – ESPERANÇA que abraça o branco (POLÔNIA) – PAZ.

· Segue-se na parte inferior do EMBLEMA a orla contendo a inscrição da data de fundação da BRASPOL :

27-01- BRASPOL -1990

Este conjunto de elementos transmite a integração do imigrante polonês e seus descendentes com a terra de Santa Cruz, formando o grande mosaico cultural – BRASIL.

## LOGOMARCA

- Esta se constitui de uma tarja horizontal de LAMBREQUINS inseridas na posição vertical em cor azul anil, que representa o elemento arquitetônico típicos dos pioneiros imigrantes, pois em todas as suas casas em madeira, eram colocados nos beirais das varandas e oitões de suas edificações.
- Na extremidade esquerda da tarja encontra-se o EMBLEMA sobreposto à tarja.
- E, logo a direita do EMBLEMA temos a palavra BRASPOL sobreposta aos LAMBREQUINS que na tarja tem a cor azul celeste que representam o céu anil do Brasil. A palavra BRASPOL é inserida em cor azul royal, que define a tenacidade e a perseverança do movimento da BRASPOL.
- Debaixo da palavra BRASPOL consta em cor azul celeste a expressão – REPRESENTAÇÃO CENTRAL DA COMUNIDADE BRASILEIRO - POLONESA NO BRASIL.

## BANDEIRA

- A BANDEIRA da BRASPOL é constituída de um retângulo branco que representa a PAZ e a HARMONIA, na qual todas as pessoas devem viver em SOLIDARIEDADE.
- No centro do retângulo é inserida a LOGOMARCA com o respectivo EMBLEMA que traduzem os momentos históricos vividos pela imigração, e agora, procedendo-se o seu resgate e a sua valorização.